

The background is a vibrant yellow color, overlaid with several thick, white, wavy lines that create a sense of movement and organic form. The lines are curved and flow across the page, some starting from the top and curving downwards, while others are more horizontal and wavy.

Plano Estratégico Municipal de Cultura – Vila Real 2030

Plano Estratégico Municipal de Cultura – Vila Real 2030

Novembro 2021



Preâmbulo	06
01 Metodologia	10
02 Diagnóstico	14
03 Enquadramento do Plano Estratégico Municipal de Cultura - Vila Real	84
04 Documentos Estratégicos Orientadores	92
05 Ecossistema Cultural de Vila Real: Análise SWOT	96
06 Estratégia Cultural 2030	102
07 Monitorização e Avaliação	108

Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso. Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percamos a virgindade original diante da realidade, e o coração, depois, não hesite. Ora, o que pretendo mostrar, meu e de todos os que queiram merecê-lo, não só existe, como é dos mais belos que se possam imaginar. Começa logo porque fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos. E quem namora ninhos cá de baixo, se realmente é rapaz e não tem medo das alturas, depois de trepar e atingir a crista do sonho, contempla a própria bem-aventurança.

Vê-se primeiro um mar de pedras. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, contidas na sua força desmedida pela mão inexorável dum Deus criador e dominador. Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto, a anunciar o começo duma grande hora. De repente, rasga a crosta do silêncio uma voz de franqueza desembainhada:

— Para cá do Marão, mandam os que cá estão!...

Sente-se um calafrio. A vista alarga-se de ânsia e de assombro. Que penedo falou? Que terror respeitoso se apodera de nós?

Mas de nada vale interrogar o grande oceano megalítico, porque o nume invisível ordena:

— Entre! A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso.

A autoridade emana da força interior que cada qual traz do berço. Dum berço que oficialmente vai de Vila Real a Chaves, de Chaves a Bragança, de Bragança a Miranda, de Miranda a Régua.

Um mundo! Um nunca acabar de terra grossa, fragosa, bravia, que tanto se levanta a pino num ímpeto de subir ao céu, como se afunda nuns abismos de angústia, não se sabe por que telúrica contrição.

Terra-Quente e Terra-Fria. Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas. Nos intervalos, apertados entre os rios de água cristalina, cantantes, a matar a sede de tanta angústia. E de quando em quando, oásis da inquietação que fez tais rugas geológicas, um vale imenso, dum húmus puro, onde a vista descansa da agressão das penedias. Mas novamente o granito protesta. Novamente nos acorda para a força medular de tudo. E são outra vez serras, até perder de vista.

Não se vê por que maneira este solo é capaz de dar pão e vinho. Mas dá. Nas margens de um rio de ouro, crucificado entre o calor do céu que de cima o bebe e a sede do leito que de baixo o seca, erguem-se os muros do milagre. Em íngremes socalcos, varandins que nenhum palácio aveza, crescem as cepas como os manjericos às janelas. No Setembro, os homens deixam as eiras da Terra-Fria e descem, em rogas, a escadaria do lagar de xisto. Cantam, dançam e trabalham. Depois sobem. E daí a pouco há sol engarrafado a embebedar os quatro cantos do mundo.

A terra é a própria generosidade ao natural. Como num paraíso, basta estender a mão.

Bata-se a uma porta, rica ou pobre, e sempre a mesma voz confiada nos responde:

— Entre quem é! Sem ninguém perguntar mais nada, sem ninguém vir à janela espreitar, escancara-se a intimidade duma família inteira. O que é preciso agora é merecer a magnificência da dádiva.

Nos códigos e no catecismo o pecado de orgulho é dos piores. Talvez que os códigos e o catecismo tenham razão. Resta saber se haverá coisa mais bela nesta vida do que o puro dom de se olhar um estranho como se ele fosse um irmão bem-vindo, embora o preço da desilusão seja às vezes uma facada.

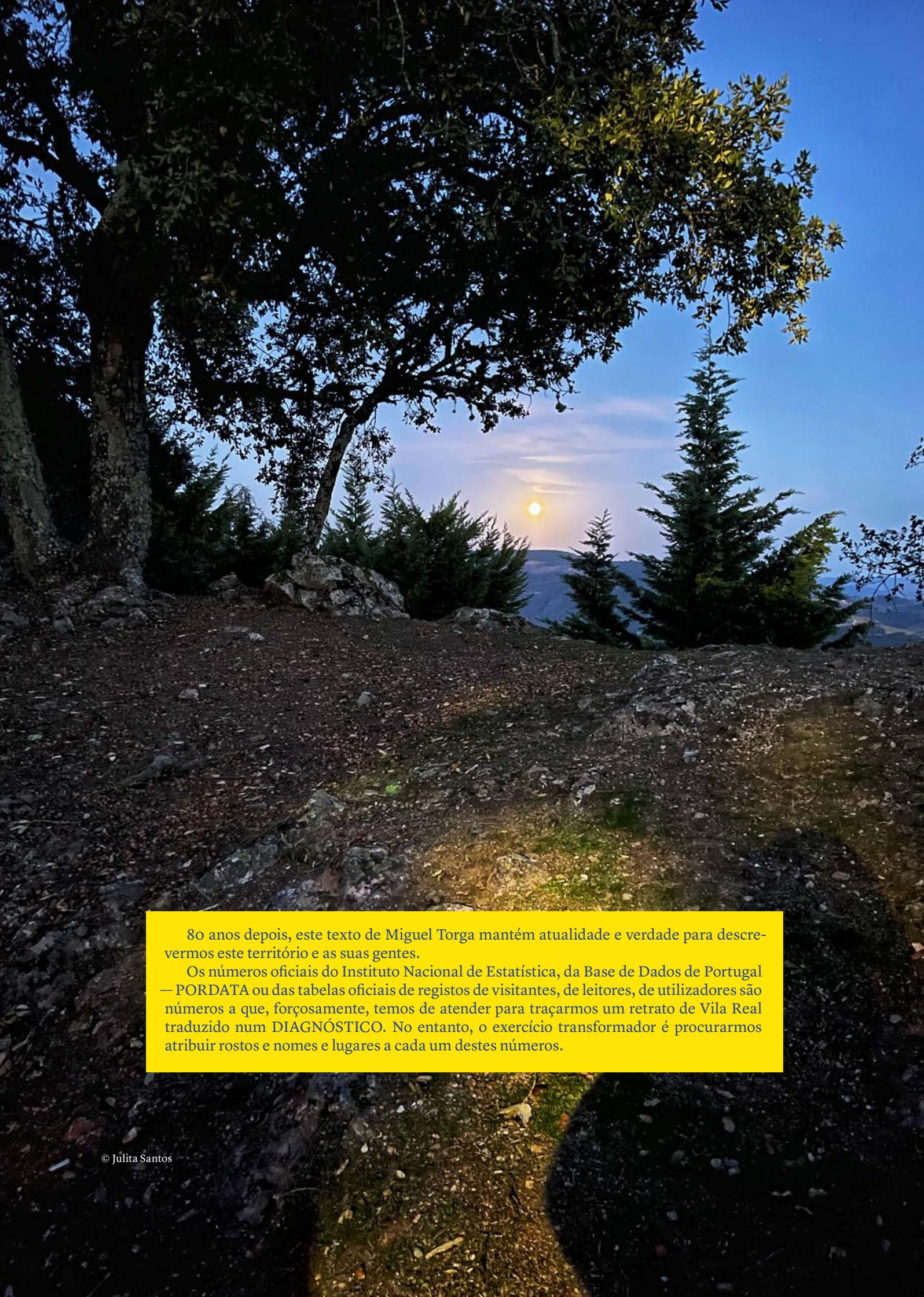
Dentro ou fora do seu dólmen (maneira que eu tenho de chamar aos buracos onde vive a maioria) estes homens não têm medo senão da pequenez. Medo de ficarem aquém do estalão por onde, desde que o mundo é mundo, se mede à hora da morte o tamanho de uma criatura.

Acoçados pela necessidade e pelo amor da aventura emigram. Metem toda a quimera numa saca de retalhos, e lá vão eles. Os que ficam, cavam a vida inteira. E, quando se cansam, deitam-se no caixão com a serenidade de quem chega honradamente ao fim dum longo e trabalhoso dia.

O nome de Trasmontano, que quer dizer filho de Trás-os-Montes, pois assim se chama o Reino Maravilhoso de que vos falei.

Miguel Torga - texto proferido em 1941 no 2º Congresso Transmontano, nas Pedras Salgadas ao 11 de Setembro de 1941.¹

¹ Conferências lidas no 2º Congresso Transmontano, nas Pedras Salgadas ao 11 de Setembro de 1941. Coimbra, Oficinas da Atlântida, s/d.- In. 4º de 44 págs. Broch.



80 anos depois, este texto de Miguel Torga mantém atualidade e verdade para descrevermos este território e as suas gentes.

Os números oficiais do Instituto Nacional de Estatística, da Base de Dados de Portugal — PORDATA ou das tabelas oficiais de registos de visitantes, de leitores, de utilizadores são números a que, forçosamente, temos de atender para traçarmos um retrato de Vila Real traduzido num DIAGNÓSTICO. No entanto, o exercício transformador é procurarmos atribuir rostos e nomes e lugares a cada um destes números.

01

metodologia



A elaboração do Plano Estratégico Municipal de Cultura — Vila Real 2030 assentou num modelo híbrido: análise de documentos orientadores; auscultação dos agentes de cultura pertencentes ao ecossistema cultural de Vila Real.

Num primeiro momento, foram analisados, questionados e articulados documentos estratégicos orientadores de nível mundial, europeu, nacional, regional e local.

Num segundo momento, auscultámos o ecossistema cultural de Vila Real através de várias ações:

Um questionário online também acessível através de um código QR.

Reunimos com cada um dos vereadores da Câmara Municipal de Vila Real, recentemente empossados, com o Presidente da Assembleia Municipal e com os líderes de bancada dos partidos com assento na Assembleia Municipal.

Para auscultarmos e reunirmos opiniões de diversos setores da vida cultural, entendida de forma abrangente e não apenas circunscrita ao mundo das artes, organizaram-se reuniões e assembleias. Estabeleceram-se redes de contacto para percebermos o que pensavam e desejavam os responsáveis de infraestruturas como o Teatro Municipal, a Biblioteca Municipal ou o Grémio Literário, mas também para debater com associações culturais que dinamizam as artes e os saberes tradicionais.

Nessas sessões ouvimos coletividades, bandas filarmónicas, tunas musicais, ranchos folclóricos, oleiros tradicionais, bordadeiras e tecedeiras, ou grupos de património gastronómico, como a Confraria do Covilhete. E porque acreditamos que a comunicação entre expressões artísticas diferentes é essencial, criámos encontros de partilha com estruturas de teatro profissional e amador, agentes ligados aos museus e à arte contemporânea e aqueles que trabalham expressões tradicionais populares. Trabalhámos também com o Conservatório de Música de Vila Real e outras instituições, como a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), a Escola Profissional do NERVIR e a Associação Empresarial NERVIR ou o Diretor Executivo do Regia Douro Park. Ouvimos os diferentes conselhos municipais das áreas da educação, do desporto e da juventude, e outras instituições e agentes do tecido social e artístico de Vila Real. As reações e opiniões foram muito intensas e sentimos a necessidade de discutirmos em grupos de reflexão-ação conceitos como cultura e cidadania cultural e de alargarmos estes encontros à construção conjunta e mais participada do Plano de Ação deste Plano Estratégico Municipal de Cultura. **Por este motivo, neste documento serão apresentados a Visão estratégica 2030, os Eixos Estratégicos e Objetivos Estratégicos, mas o Plano de Ação do Plano Estratégico Municipal de Cultura 2030 será elaborado posteriormente, de forma participada, dando continuidade ao processo de reflexão-ação já iniciado.**

As fotografias incluídas neste documento pertencem a arquivos institucionais — como são os casos do arquivo do Centro Cultural Regional de Vila Real ou do arquivo do Museu do Som e da Imagem. Os arquivos são a memória de uma cidade. Sem eles não há passado e os alicerces do futuro são frágeis. Esta é uma amostra simbólica de alguns dos acervos da cidade, ricos em História e estórias, e que merecem o seu devido destaque pelo papel que desempenham na preservação da memória coletiva. Além destes arquivos, socorremo-nos, também, da campanha fotográfica realizada para a candidatura de Vila Real a Capital Europeia da Cultura 2027, da autoria de Estelle Valente.

02

diagnóstico



© Diário de Trás os Montes

2.1 História

Data de 1272 o primeiro foral de Vila Real, outorgado por D. Afonso III, embora o processo de fundação, pela sua complexidade, se tenha estendido por dois reinados, com D. Dinis a desempenhar um papel essencial na consolidação desse objetivo de estabelecer, na Idade Média, uma nova capital para a Terra de Panóias, substituindo Constantim.

No entanto, há diversos vestígios de ocupação humana do território desde o Paleolítico. O Santuário de Panóias, construído entre os séculos II e III, apresenta-se como o mais relevante marco da presença romana na região.

As invasões sucessivas de outros povos levaram a avanços e recuos na ocupação do território entre o Marão e o Tua, num processo que viria a estabilizar a partir da Reconquista e, principalmente, após a cedência do Condado Portucalense a D. Henrique e D. Teresa — os pais do nosso primeiro rei. É neste contexto que, em 1096, se concede foral a Constantim, primeira cabeça da Terra de Panóias.

No século XIII assistiu-se, da parte dos monarcas de Portugal, a um maior esforço de consolidação da região, lançando-se as bases para o desenvolvimento de um novo centro urbano administrativo, judicial e militar.

Já D. Sancho II tinha procurado, sem sucesso, estabelecer uma povoação reguenga no lugar de Ponte, para esse fim. Mas, de facto, só com D. Afonso III (através do foral de 1272) e com D. Dinis (através dos forais de 1289 e 1293) foi possível fundar e consolidar Vila Real, uma nova cabeça para a Terra de Panóias. De resto, o local escolhido, a que hoje chamamos Vila Velha, era regularmente ocupado desde a Idade do Bronze.

A sua localização privilegiada, servida por uma rede de caminhos romano-medievais que ali se cruzavam nas direções norte-sul e este-oeste, permitiu nos séculos seguintes a expansão da vila medieval para fora das muralhas, também por força de um grande desenvolvimento comercial. No século XV, D. Pedro de Meneses torna-se o primeiro Conde de Vila Real, dando um impulso significativo na atração reiterada de muitos elementos da nobreza, ao ponto de, no século XVIII, já a vila ser conhecida como a «corte trasmontana». E é no século XVIII, justamente, muito por influência da expansão do comércio do vinho do Porto, que o progresso de Vila Real se acentua, espelhando-se na própria malha urbana e na arquitectura de alguns dos seus melhores edifícios.

Mais tarde, Vila Real é erguida a sede de distrito, em 1835. Em 1894, a Central Hidroelétrica do Biel tornou-se a primeira a entrar em funcionamento no País. Em 1922, é criada a Diocese. E em 1925, finalmente, Vila Real é elevada à categoria de cidade.

A partir das últimas décadas do século XX, com o aparecimento de novas infraestruturas e instituições, como a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, criada em 1986 (na sequência do Instituto Politécnico, de 1973), ou o Teatro Municipal, inaugurado em 2004, Vila Real reafirma a sua posição como capital de distrito e procura permanentemente contrariar a tendência de desertificação do Interior e da região do Douro.



2.2 Território

“Há uns cem anos, a já cidade de Vila Real era considerada como a porta principal de entrada para um mundo quase desconhecido dos demais portugueses, apesar de ser um reino maravilhoso, como Adolfo Rocha (Miguel Torga) apelidaria as terras de Trás-os-Montes, ou um santuário de xisto e de granito onde o homem comum sofre desde tempos imemoriais os horrores de todas as injustiças, como escreveu o Dr. Otílio Figueiredo. [...] A sinuosa e tantas vezes intransitável estrada do Marão dissuadia muitos visitantes, e a cidade, aliás como toda a província, virava-se para si mesma, assumindo um estilo de vida muito seu e ímpar.”

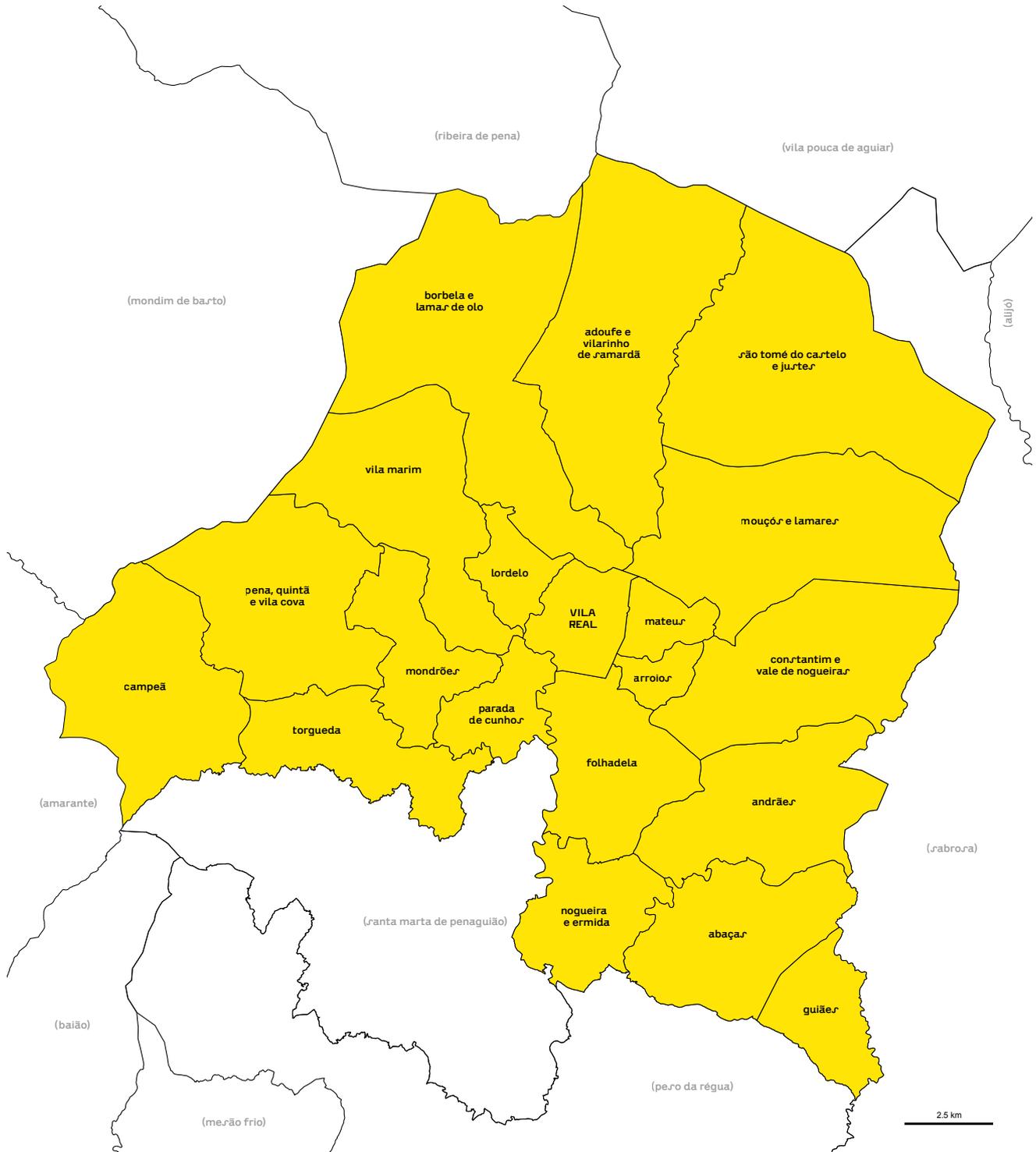
Manuel Cardona, Prefácio 1ª Edição “A Cidade Imaginária” de Francisco Seixas da Costa, 2021

O horizonte de Vila Real é recortado pela silhueta das montanhas. São fronteiras visíveis com os concelhos vizinhos: a serra do Marão, a oeste, com o concelho de Amarante e, a noroeste, com o de Mondim de Basto, e a serra do Alvão, mais a norte, que por seu turno estabelece a fronteira com os municípios de Mondim de Basto, Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar. O concelho de Vila Real faz ainda fronteira com os concelhos de Peso da Régua e Santa Marta de Penaguião, a sul e sudoeste, e com o de Sabrosa, a este.

A cidade está localizada num planalto situado a cerca de 450 metros de altitude e é cruzada pelo rio Corgo, que se encontra com o rio Cabril por entre escarpas, criando um canhão de grande beleza. O património natural é uma das riquezas do concelho, que partilha o Parque Natural do Alvão com o concelho de Mondim de Basto.

Em tempos um território isolado e de difícil acesso, Vila Real é hoje servida por uma ampla rede viária que potencia a sua localização geográfica privilegiada. A principal via de acesso ao território é a Autoestrada de Trás-os-Montes e Alto Douro, a A4, que une a área metropolitana do Porto a Bragança, fronteira com a província espanhola de Castilha e Leão. A região é cruzada também pela A24 — Autoestrada do Interior Norte, que liga Viseu a Chaves, fronteira com Espanha e porta de entrada para a Galiza. Este itinerário permite ainda a ligação à A7, que facilita o acesso a grandes cidades minhotas, como Guimarães e Braga. Vila Real está assim aproximadamente a uma hora de caminho das capitais dos distritos com que faz fronteira. A ligação à capital, Lisboa, faz-se por estrada, em viatura própria ou autocarro, sendo a cidade dotada de uma boa oferta rodoviária, com muitas rotas e horários que ligam o concelho a todo o território português. Existe uma rede de transportes coletivos urbanos de Vila Real, que opera na cidade e nas aldeias limítrofes. Esta rede é ainda complementada pelo Município com autocarros escolares.

Vila Real está inserida na rota aérea Bragança, Vila Real, Viseu, Cascais e Portimão, porém, no momento deste diagnóstico, o Aeródromo de Vila Real está temporariamente encerrado devido a intervenções estruturais e de manutenção.



Ao nível administrativo, o Município de Vila Real integra a NUT III da Região do Norte, pertencendo à CIM do Douro, juntamente com outros 18 municípios. Do ponto de vista da estrutura territorial, o município de Vila Real é estruturado por 146 lugares, uma cidade (Vila Real), uma Vila (Lordelo) e 20 freguesias, resultado da reorganização administrativa das freguesias, decretada pela Lei n.º 11-A/2013 de 28 de janeiro.

Território de Vila Real em números

Freguesias (nº)	20
Área (km ²)	378.80
densidade populacional (nº/Km ²)	131,7

Altitude máx.	1350
Altitude min.	125

Distância (km)	km	h
Porto	95	01:00
Peso da Régua	27	00:24
Bragança	118	01:20
Viseu	93	01:00
Ourense	157	01:30

O Município de Vila Real integra:

Entidades intermunicipais

- Associação de Municípios do Vale do Douro
- Associação Douro Alliance
- Comunidade Intermunicipal Urbana do Douro

Outras participações

- APOM – Associação Portuguesa de Museologia
- Associação de Municípios da Rota da Estrada Nacional 2
- Associação de Municípios Portugueses do Vinho
- Associação de Municípios Rede Portuguesa de Cidades Saudáveis
- Associação dos Amigos do Museu do Douro
- Associação Douro Histórico
- Associação Internacional de Cidades Educadoras
- Associação Nacional de Municípios Portugueses
- Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico
- Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular
- Federação dos Bombeiros do Distrito de Vila Real
- Federação Portuguesa dos Caminhos de Santiago
- Fundação de Serralves
- Fundação Museu do Douro
- ICOM – Comissão Nacional Portuguesa
- Instituto de Trás-os-Montes para o Desenvolvimento Agro-Industrial
- Liga dos Amigos do Douro Património Mundial
- Liga dos Amigos do Hospital de S. Pedro de Vila Real
- Rede Nacional de Cidades e Vilas com Mobilidade para Todos
- Régia-Douro Park – Parque de Ciência e Tecnologia
- Rota do Vinho do Porto
- Turismo Porto e Norte de Portugal
- URBE – Núcleos Urbanos de Pesquisa e Intervenção

Fonte: Relatório de Gestão e Contas 2020 - Município de Vila Real

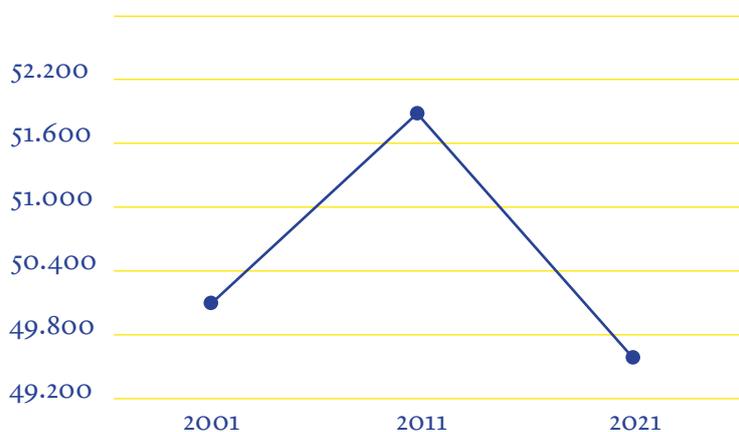
2.3 População

No concelho de Vila Real residem 49 962 pessoas, distribuídas por 20 freguesias. Aos residentes permanentes é preciso somar os cerca de 7000 habitantes, entre estudantes e professores, que fazem da cidade casa durante a época letiva.

População Residente segundo os Censos

Fonte de dados: INE - X, XII, XIV, XV e XVI recenseamentos gerais da população. Fonte: PORDATA

População residente



Diagnóstico

Em Vila Real, 55% da população tem entre 25 e 64 anos, seguindo-se 22% acima dos 65 anos, 12% entre os 0 e os 14 anos e 11% entre os 15 e os 24 anos, muito próximo da distribuição etária do resto da região norte, onde o município se insere.

População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Grupo etário | 2020

	0 - 14 anos		15 - 24 anos		25 - 64 anos		65 e mais anos	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Portugal	705913	676715	559580	540654	2627088	2878654	966168	1343480
Norte	226611	217409	199265	192529	935142	1032628	321754	441036
Vila Real	3136	2852	2838	2651	13078	14465	4546	6309

Fonte: INE

Com uma densidade populacional de 131,7 habitantes por km², Vila Real é um dos 165 municípios de Portugal Continental (de um total de 278) classificado como território de baixa densidade, embora, no contexto da NUT III Douro, seja dos concelhos mais populosos e a única cidade da NUT III com mais de 20 000 habitantes.

Mesmo a nível municipal, do total de 49 962 residentes, um terço, cerca de 16.000 habitantes, vive na freguesia de Vila Real, no centro da cidade, enquanto os restantes dois terços se distribuem por 19 freguesias.

Local de residência	Densidade populacional (N.º/ km ²) 2020
Portugal	111,7
Norte	167,5
Vila Real	131,7

Nascimentos e Óbitos



A perda de população é uma preocupação real e crescente no Douro, onde todos os municípios são de baixa densidade e alguns chegam a perder 20% dos habitantes de ano para ano.

Fonte: PORDATA

Índice de Envelhecimento

	1981	2001	2011
Portugal	44,9	102,2	127,8
Norte	33,9	79,8	113,3
Douro	44,4	127,6	174,9
Mondim de Basto	29,9	93,6	143,0
Ribeira de Pena	39,2	135,0	213,7
Vila Pouca de Aguiar	35,0	136,3	225,5
Amarante	28,3	62,9	100,4
Peso da Régua	34,4	95,4	144,4
Sabrosa	50,0	146,8	214,2
Santa Marta de Penaguião	40,0	144,5	207,4
Vila Real	36,3	95,8	121,1

Vila Real apresenta um índice de envelhecimento na ordem do valor nacional, mas inferior à região do Douro onde se insere. Comparando com os valores dos concelhos vizinhos temos Amarante com o valor mais baixo, 100,4, um concelho mais urbano e com maior proximidade ao Porto, logo seguido por Vila Real com 121,1. Todos os outros concelhos apresentam valores superiores, sendo Vila Pouca de Aguiar o concelho com o maior índice de envelhecimento. Estes valores devem-se não apenas a baixos índices de natalidade, mas também à perda de população devido à emigração.

Apesar destes números, é de notar que as freguesias rurais e o centro histórico de Vila Real estão a perder população e a que fica está envelhecida. Em 2011, a população residente no centro histórico era 1746, sendo 714 famílias. As variações entre 2001 e 2011 são de -20% na população residente e de -16% nas famílias. Em 2011, o índice de envelhecimento no Centro Histórico era de 256,3 contra 97,9 na Cidade e 121,1 no Concelho.



Diagnóstico

O município possui um Gabinete Municipal de Apoio ao Emigrante em atividade desde 2013, um serviço preparado para prestar apoio aos portugueses que ainda estão emigrados, aqueles que já regressaram, assim como todos os cidadãos que pretendam iniciar um processo migratório. Entre janeiro e maio de 2019 o serviço deu apoio a 6 municípios, em 2020 deu apoio a 8, e em 2021 tinha dado apoio, até ao mês de novembro, a 18 municípios.

Na área do apoio às pessoas com deficiência o concelho tem algumas respostas asseguradas pela Associação de Paralisia Cerebral de Vila Real (APCVR), a Nuclisol-Jean Piaget, a ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal, o Centro à Vida Independente e a COOPCUIDAR. A Nuclisol-Jean Piaget oferece um Centro de Atividades Ocupacionais que tinha em 2019, 31 utentes. A Associação de Paralisia Cerebral de Vila Real presta vários serviços como Intervenção Precoce na Infância, um Centro de Atividades Ocupacionais, um Lar Residencial, um Centro de Atendimento, Acompanhamento e Reabilitação Social para Pessoas com Deficiência e Incapacidade. O Movimento de Vida Independente, uma mudança de paradigma no acompanhamento e apoio das pessoas com deficiência, está presente no concelho que tem três Centros de Apoio à Vida Independente, um gerido pela delegação Norte do Centro de Vida Independente, outro pela APCVR e outro pela COOPCUIDAR.

Fonte: CARTA SOCIAL - Rede de serviços e equipamentos - Relatório 2019

Respostas Sociais (2019)	Capacidade	Utentes
ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal		
Centro de Atendimento, Acompanhamento e Reabilitação Social para Pessoas com Deficiência e incapacidade	35	35
Associação de Paralisia Cerebral de Vila Real		
Intervenção Precoce	30	300
Centro de Atendimento, Acompanhamento e Reabilitação Social para Pessoas com Deficiência e incapacidade	80	75
Serviço de Apoio Domiciliário	40	4
Centro de Atividades Ocupacionais	60	60
Lar Residencial	14	14
Nuclisol Jean Piaget		
Centro de Atividades Ocupacionais	35	31

Vila Real tem conseguido minimizar a perda de população, em parte pela chegada dos cerca de 1000 novos habitantes estrangeiros, dos quais 48% são de nacionalidade brasileira, seguindo-se 7% de nacionalidade chinesa. A Roménia (4,1%), a Angola (4,3%) e a Ucrânia (3,7%), conjuntamente, são os países representados em cerca de 12% da população estrangeira de Vila Real.

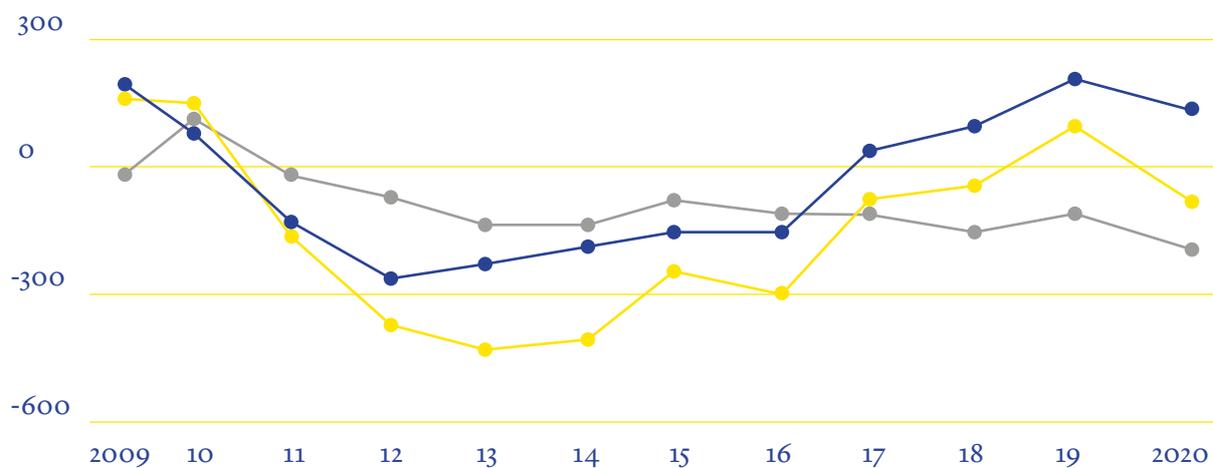
População estrangeira 2020	TOTAL	Brasil	China	Angola	Roméia	Ucrânia	Cabo Verde	Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte
Portugal	661.607	183875	26161	24409	30052	28621	36466	46238
Região Norte	90.253	42752	4356	2849	1516	3575	2840	1865
Vila Real	1.013	487	72	44	42	37	16	12

Fonte: PORDATA



Fonte de dados: INE / SEF / MAI - População estrangeira com estatuto legal de residente. Fonte: PORDATA

População estrangeira



Fonte de dados: INE - Estatísticas de Nados-Vivos. INE - Estatísticas de Óbitos. INE - Estimativas Anuais da População Residente. Fonte: PORDATA

Saldo migratório Saldo total Saldo natural

Diagnóstico

Entre 2011 e 2015, houve uma acentuada perda de população, sobretudo devido ao fluxo migratório para a Europa, fruto da crise acentuada que o país atravessava. Com efeito, só a partir de 2017 (com a retoma económica) se começaram a registar saldos migratórios positivos (diferenças entre entradas e saídas por migração) e sustentados na maioria dos territórios analisados que, todavia, mostraram-se insuficientes para mitigar as perdas registadas por via da componente natural.

Deste quadro, destaca-se, positivamente, a capacidade de atração populacional registada nos últimos anos, apesar de não ter permitido alcançar um saldo global positivo. O concelho perdeu cerca de 900 residentes por via da componente migratória, no período analisado.

2.4 Educação

	Vila Real	Norte	Portugal
Taxa bruta de pré-escolarização (%)	100.9	100.3	97.1
Taxa bruta de escolarização no ensino básico (%)	116.7	108.9	108.4
Taxa bruta de escolarização no ensino secundário (%)	166.5	122	122.9
Taxa de escolarização no ensino superior (%)	149.3	36	37.6

Fonte: INE, dados 2019/2020



O concelho de Vila Real apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo de 5,5%, valor que representa uma evolução relativamente aos dados de 2001 (9,1%). Quando analisamos os dados por freguesia é possível ver que a taxa do concelho muito se deve às freguesias urbanas e de expansão urbana, visto que 17 freguesias apresentam valores semelhantes ou superiores à região do Douro (8.64%).

Taxa de analfabetismo (%) (à data dos Censos 2011)			
	HM	H	M
Portugal	5.22	3.51	6.77
Norte	5	3.22	6.61
Vila Real	5.53	3.71	7.14
Freguesias			
Abaças	14.27	10.40	17.77
Adoufe	5.53	4.90	6.11
Andrães	9.93	7.62	12
Arroios	5.40	2.84	7.81
Borbela	5.76	3.80	7.53
Campeã	9.79	7.01	12.21
Constantim	3.35	0.93	5.47
Ermida	10.57	5.24	15.28
Folhadela	5.80	2.88	8.22
Guiães	8.16	8.96	7.42
Justes	8.81	6.92	10.69
Lamares	8.89	5.16	12.50
Lamas de Olo	10.58	2.50	15.63
Lordelo	4.42	2.88	5.86
Mateus	2.41	1.28	3.40
Mondrões	9.11	8.51	9.71
Mouçós	10.53	6.82	13.96
Nogueira	15.46	8.02	21.90
Vila Real (Nossa Senhora da Conceição)	1.83	0.76	2.77
Parada de Cunhos	3.92	2.49	5.23
Pena	8.24	8.02	8.44
Quinta	3.05	1.32	4.55
Vila Real (São Dinis)	2.21	1.15	3.13
Vila Real (São Pedro)	3.21	1.82	4.37
São Tomé do Castelo	11.57	8.17	14.50
Torgueda	5.38	3.29	7.27
Vale de Nogueiras	10.71	6.59	14.36
Vila Cova	10.13	9.72	10.47
Vila Marim	10.16	9.38	10.88
Vilarinho de Samardã	9.06	6.50	11.43

Fonte: Carta Educativa 2ª Geração Vila Real 2020

Diagnóstico

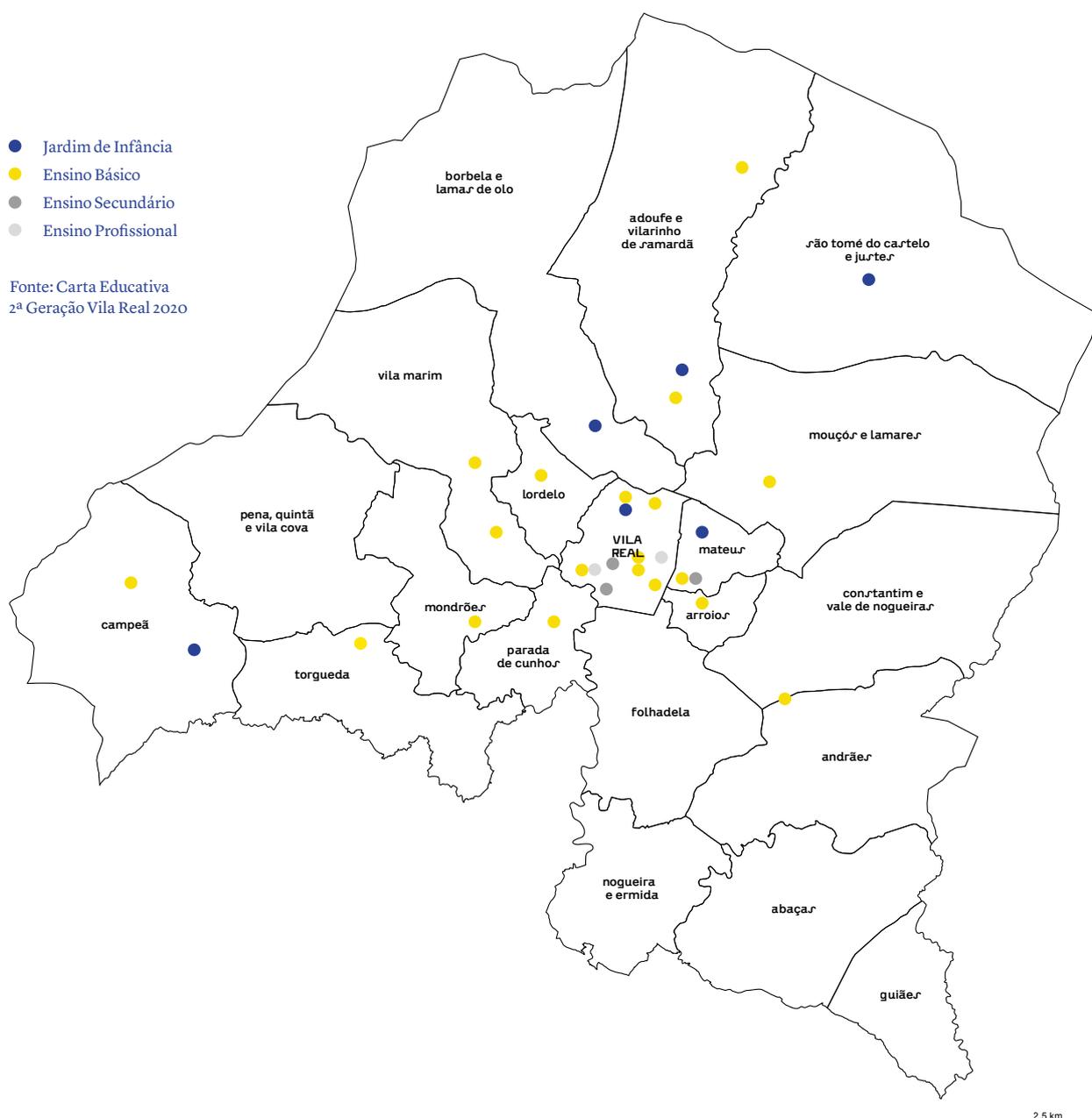
Vila Real tem um universo de cerca de 15 mil estudantes, 1153 no ensino pré-escolar, 7233 no ensino obrigatório e 7189 no ensino superior. Os estudantes das mais variadas idades trazem vida à cidade, que sente a sua falta nas pausas letivas.

A rede escolar é constituída por 65 estabelecimentos, 49 estabelecimentos públicos e 16 privados. No concelho existem 5 unidades de ensino profissional que albergam um universo de 406 alunos.

“Os estabelecimentos de educação e ensino obrigatório encontram-se divididos por dois agrupamentos de escolas:

Agrupamento de Escolas Diogo Cão integra 19 equipamentos, o que representa 68% dos equipamentos de educação e ensino do concelho. Estes encontram-se localizados nas freguesias da margem direita do rio Corgo: Campeã, Lordelo, Mondrões, Parada de Cunhos, Torgueda, União de Freguesias de Adoufe e Vilarinho de Samardã, União de Freguesias de Borbela e Lamas de Ôlo, União de Freguesias de Vila Real e Vila Marim. Este agrupamento de escolas é o responsável pela escolarização de 53% da população escolar;

Agrupamento de Escolas Morgado de Mateus integra 9 equipamentos, o que representa 32% da rede (9 dos equipamentos de educação e ensino do concelho, localizados nas freguesias da margem esquerda do rio Corgo: Andraes, Arroios, Mateus, União de Freguesias de Vila Real, União de Freguesias de Mouços e Lamas e União de Freguesias de S. Tomé do Castelo e Justes. Este agrupamento de escolas é o responsável pela escolarização de 46% da população escolar.” in Carta Educativa 2ª Geração Vila Real 2020



Diagnóstico

O Município de Vila Real integra a Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras desde 2004, tendo pertencido à Comissão Coordenadora da Rede Territorial Portuguesa desde a sua criação, em 2005, até novembro de 2010.

2.4.1 Ensino pré-escolar e obrigatório

Fonte: INE, dados 2019/2020

		Estabelecimentos	Alunos inscritos	Docentes
Secundário	Privado (nº/%)	2	421/15	3º ciclo e secundário ↓
	Público (nº/%)	3	2352/85	
	Total	5	2773	
3º Ciclo Ensino Básico	Privado (nº/%)	2/19	163/10	9/2
	Público (nº/%)	5/71	1480/90	427/98
	Total	7	1643	436
2º Ciclo Ensino Básico	Privado (nº/%)	2/50	216/20	12/9
	Público (nº/%)	2/50	890/80	128/91
	Total	4	1106	140
1º Ciclo Ensino Básico	Privado (nº/%)	3/15	227/13	11/5
	Público (nº/%)	17/85	1548/87	203/95
	Total	20	1775	214
Pré-Escolar	Privado (nº/%)	6/21	359/31	20/21
	Público (nº/%)	22/79	792/69	77/79
	Total	28	1151	97

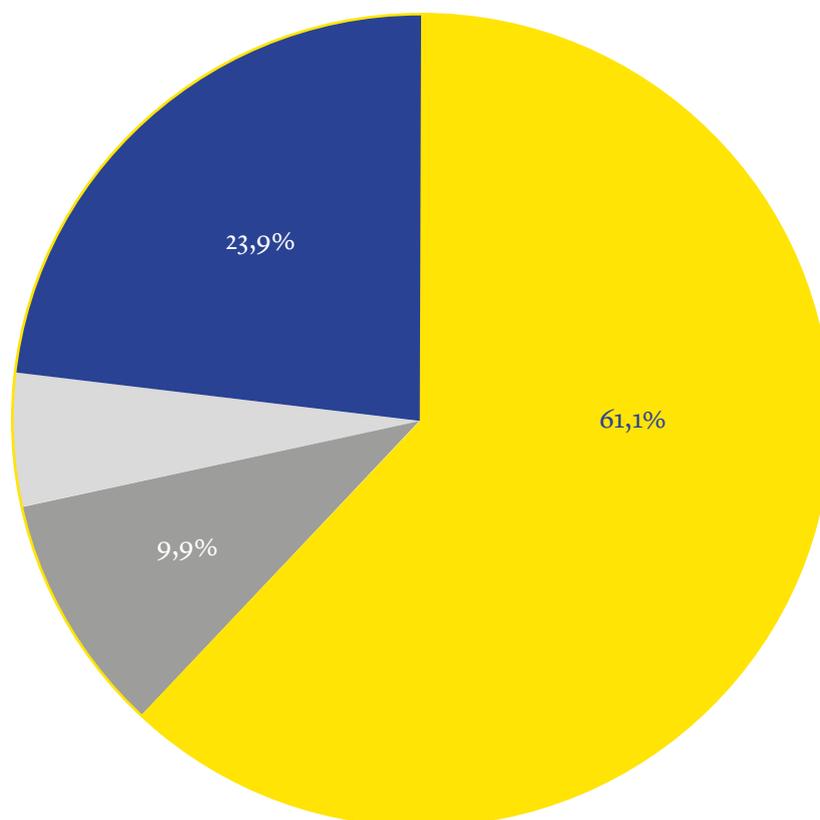
A perda de população e a baixa natalidade na região refletem-se numa variação negativa do número de alunos matriculados entre 2011 e 2019 nos diversos níveis de ensino.

Alunos matriculados por nível de ensino

Anos	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Total	11 546	10 004	9 723	9 304	9 029	8 539	8 427	8 644	8 428	8 502
Educação Pré-Escolar	1 291	1 308	1 287	1 319	1 246	1 238	1 163	1 070	1 153	1 151
1º Ciclo Ensino Básico	2 318	2 218	2 092	1 916	1 883	1 847	1 833	1 876	1 788	1 775
2º Ciclo Ensino Básico	1 409	1 253	1 168	1 154	1 177	1 033	986	1 026	1 077	1 106
3º Ciclo Ensino Básico	3 238	2 080	1 923	1 888	1 857	1 775	1 806	1 911	1 748	1 643
Ensino Secundário	3 290	3 145	3 253	3 006	2 831	2 626	2 628	2 730	2 620	2 773

Em que cursos científico-humanísticos estão inscritos os alunos desta região?

- Ciências e Tecnologias
- Ciências SocioEconómicas
- Artes Visuais
- Línguas e Humanidades



2.4.2 Ensino profissional

O Ensino Profissional no concelho é assegurado por cinco instituições. As escolas com mais alunos no ano letivo 2018/2019 eram a Escola Profissional Nervir (Privada), com 134, e a Escola Secundária Morgado Mateus (Pública), com 111. A Escola Profissional Agostinho Roseta (Privada) teve nesse ano lectivo 71 alunos, enquanto que a Escola Secundária Camilo Castelo Branco e a Escola Secundária de São Pedro tinham 47 e 43, respetivamente, ambas públicas. Estes 406 alunos em ensino profissional representavam 15,5% da totalidade dos alunos inscritos no ensino secundário, metade do valor referente ao Norte (29.6%) e a Portugal (29%).

Fonte: Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do ME (2018/2019)

Ensino Profissional	Total	Público	Privado
Nº de estabelecimentos	5	3	2
Alunos	406	201	205

Fonte: Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do ME (2018/2019)

Em que áreas de ensino profissional estão inscritos os alunos?

Área de ensino profissional	Nº de alunos	Percentagem no concelho
Audiovisuais e produção dos media	111	27.34
Ciências informáticas	72	17.73
Saúde - programas não classificados noutra área de formação	65	16.01
Secretariado e trabalho administrativo	61	15.02
Trabalho social e orientação	41	10.1
Turismo e lazer	40	9.85
Electrónica e automação	16	3.94

Existem ainda cursos de aprendizagem (formação profissional) que são lecionados pelo IEFP. Estes cursos destinam-se a jovens com o 9º ano de escolaridade, que não tenham concluído o Ensino Secundário, e que não tenham atingido os 25 anos. São cursos que privilegiam a componente prática e a formação em contexto de trabalho, e cuja certificação permite o prosseguimento de estudos de nível superior ou a imediata inserção no mercado de trabalho.

No IEFP existe também oferta de cursos de educação e formação e cursos de especialização tecnológica (CET). Os primeiros destinam-se a jovens com mais 15 anos que tenham abandonado precocemente a escola e que tenham habilitações escolares que variam entre o 6.º ano de escolaridade, ou inferior, e o ensino secundário. Os CET destinam-se a jovens ou adultos que tenham o secundário completo ou pelo menos o 11º ano, ou que tenham qualificação profissional de nível 3 ou nível 4 do QNQ, ou ainda, um diploma de Especialização Tecnológica ou de um grau de ensino superior e que pretendam a sua requalificação profissional.

2.4.3 Ensino superior

O ensino superior é assegurado pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), surgindo no final do Estado Novo, do empenho e persistência de várias personalidades em defender os interesses da região e estender o ensino superior ao interior do país. Em 1973 é publicado o decreto-lei fundador do Instituto Politécnico de Vila Real (IPVR), mas ainda foram necessários mais dois anos de reivindicações. A 2 de dezembro de 1975 tem início o primeiro ano letivo do então Instituto Politécnico de Vila Real. Das aulas no salão do Quartel dos Bombeiros Voluntários da Cruz Verde até ao exuberante Campus da Quinta de Prados, a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) cresceu em dimensão, qualidade e reconhecimento como centro académico de inovação e qualidade.

Fonte: PORDATA

Alunos inscritos, alunos diplomados e docentes (2019/2020) no ensino superior

Ensino Superior	Total			
Docentes	588			
Alunos inscritos	7189	Portugueses	Extra UE	Intra UE
		6647/ 92,5%	420/ 5,8%	122/ 1,7%
Alunos diplomados	1608			

A UTAD organiza-se em cinco escolas de natureza universitária (Ciências Agrárias e Veterinárias (ECAV); Ciências e Tecnologias (ECT); Ciências da Vida e do Ambiente (ECVA); Ciências Humanas e Sociais (ECHS)) e a Escola Superior de Saúde (ESS) de natureza politécnica.

Matriculados por ciclo de ensino (2019/2020)

Total (nº/%)	Curso técnico superior profissional	Licenciatura 1.º ciclo	Mestrado Integrado	Mestrado	Doutoramento
7189	50	4519	755	1419	446
100	0.7	62.9	10.5	19.7	6.2

Oferta Educativa Ano Letivo 2021/2022

Licenciaturas e Mestrados Integrados	Mestrados	Doutoramentos	Pós-Graduações	Cursos Técnicos Superiores Profissionais
↓	↓	↓	↓	↓
Animação Sociocultural	Arquitetura Paisagista	Agronegócios e Sustentabilidade	Especialização em Teatro Musical	Gerontologia
Bioengenharia	Biologia Clínica Laboratorial	Ciência Animal	Desastres Naturais e Redução de Riscos	Secretariado Clínico
Biologia	Bioquímica	Ciência e Tecnologia Web	Gestão de Fogos Rurais	Termalismo e Bem-Estar
Biologia e Geologia	Ciências da Comunicação	Ciência, Tecnologia e Gestão do Mar		
Bioquímica	Ciências da Cultura	Ciências Agronómicas e Florestais		
Ciências da Comunicação	Ciências da Educação	Ciências da Cultura		
Ciências da Nutrição	Ciências do Desporto	Ciências da Educação		
Ciências do Ambiente	Ciências Económicas e Empresariais	Ciências da Linguagem		
Ciências do Desporto	Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico	Ciências do Desporto		
Comunicação e Multimédia	Enfermagem Comunitária	Ciências Físicas Aplicadas		
Economia	Enfermagem da Pessoa em Situação Crítica	Ciências Químicas e Biológicas		
Educação Básica	Engenharia Agronómica	Ciências Veterinárias		
Enfermagem	Engenharia Alimentar	Desenvolvimento Sustentável da Floresta		
Engenharia Agronómica	Engenharia Biomédica	Didática de Ciências e Tecnologias		
Engenharia Biomédica	Engenharia Civil	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores		
Engenharia Civil	Engenharia do Ambiente	Estudos Literários		
Engenharia e Biotecnologia Florestal	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores	Genética Molecular Comparativa		
Engenharia e Gestão Industrial	Engenharia Florestal	Geologia		

Oferta Educativa Ano Letivo 2021/2022

Licenciaturas e Mestrados Integrados	Mestrados	Doutoramentos	Pós-Graduações	Cursos Técnicos Superiores Profissionais
↓	↓	↓	↓	↓
Engenharia Eletrotécnica e de Computadores	Engenharia Informática	Informática		
Engenharia Informática	Engenharia Informática e Tecnologia Web			
TechAgro – Tecnologias Emergentes aplicadas aos Sistemas Agro-florestais				
Engenharia Mecânica	Engenharia Mecânica			
Engenharia Zootécnica	Engenharia Zootécnica			
Enologia	Enologia e Viticultura			
Genética e Biotecnologia	Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário			
Gestão	Ensino de Informática			
Línguas e Relações Empresariais	Ensino do 1º CEB e de Matemática & Ciências Naturais no 2ºCEB			
Línguas, Literaturas e Culturas	Ensino do 1º CEB e Português, História e Geografia de Portugal no 2º CEB			
Matemática Aplicada e Ciência de Dados	Genética Molecular Comparativa e Tecnológica			
Medicina Veterinária	Geociências Aplicadas			
Psicologia	Gerontologia: Atividade Física e Saúde no Idoso			
Reabilitação Psicomotora	Gestão			
Serviço Social	Gestão dos Serviços de Saúde			
Teatro e Artes Performativas	Mestrado Internacional em Análise da Performance Desportiva			
Turismo	Psicologia			
	Serviço Social			
	Sistemas de Informação Geográfica em Ciências Agronómicas e Florestais			

Os 5 cursos com maior número de vagas 1ª Fase (2021/2022)		Os 5 cursos com menor número de vagas 1ª Fase (2021/2022)	
Engenharia Informática	142	Teatro e Artes Performativas	24
Ciências do Desporto	123	Ciências do Ambiente	22
Medicina Veterinária	88	Reabilitação Psicomotora	22
Ciências da Comunicação	69	Biologia e Geologia	13
Gestão	69	Engenharia Civil	12

Numa estratégia focada no desenvolvimento regional, competitividade e atratividade dos territórios, a universidade chegou a ter dois polos, um em Miranda do Douro e outro em Chaves. Com uma vasta oferta de cursos a UTAD encerra em si várias infraestruturas de referência como o Hospital Veterinário, um dos maiores Jardins Botânicos na Europa, e fortes apostas no empreendedorismo como são exemplos o Parque de Ciência e Tecnologia, “Regia Douro Park” e o Centro de Excelência da Vinha e do Vinho.

A universidade tem uma forte aposta na investigação científica, tendo por isso apostado no desenvolvimento de Centros e Polos de Investigação nas várias áreas científicas abarcadas pela UTAD. Integrados em redes estratégicas que impulsionam projetos inovadores com impacto regional, nacional e internacional, estas estruturas estão dirigidas à realização continuada das tarefas de investigação, de transferência de ciência e de tecnologia, de difusão da cultura e de prestação de serviços especializados.

Centros de investigação	Polos de investigação
Centro de Ciência Animal e Veterinária (CECAV);	CMAT-UTAD;
Centro de Estudos em Letras (CEL);	Instituto de Biosistemas e Ciências Integrativas (BioISI);
Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD);	Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores;
Centro de Investigação de Desporto, Saúde e Desenvolvimento (CIDESD);	Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência;
Centro de Investigação e de Tecnologias Agroambientais e Biológicas (CITAB);	Instituto de Filosofia da Universidade do Porto; Laboratório Associado de Energia,
Centro de Química (CQ).	Transportes e Aeronáutica;
	Centro de Materiais e Tecnologias Construtivas;
	Centro de Geociências.

Diagnóstico

A Associação Académica da UTAD, fundada em 1988, é a maior associação recreativa, cultural e desportiva da região e compromete-se a representar e a acompanhar os estudantes da UTAD no seu percurso académico. A AAUTAD promove eventos variados, desde palestras, recolhas de sangue, formações ou festivais académicos como a Caloirada aos Montes (recepção aos novos alunos) ou a Semana Académica (no final do ano lectivo).

A instituição é procurada por alunos estrangeiros ao abrigo do programa Erasmus, promovendo a mobilidade em contexto europeu, mas também extra União Europeia, como são exemplo o Joint Academic Mobility Scheme with the Middle East and South (JAMIES) e Merging Voices. Nessa estratégia de Internacionalização a UTAD faz parte também de outros programas de mobilidade como por exemplo “IACOBUS” (intercâmbio entre os recursos humanos de Universidades, instituições de ensino superior e centros tecnológicos da Euroregião Galicia – Norte de Portugal), Work+ Working Opportunities to Reinforce Knowledge (estágios em empresas e IES nos países europeus) ou Programa Fulbright (Oportunidades de Bolsas de Estudo nos EUA / Portugal).

Fonte: Gabinete de Relações Internacionais e Mobilidade | UTAD

Mobilidades de Estudantes – União Europeia					
	Outgoing			Incoming	
	2018	2019	2020	2019	2020
Áustria	3	0	4	1	0
Alemanha	10	6	7	8	4
Bélgica	4	4	4	0	0
Bulgária	3	0	3	0	0
Croácia	0	0	1	2	3
Dinamarca	0	0	2	0	0
Eslováquia	2	2	0	0	2
Estónia	0	1	0	0	0
Espanha	63	29	28	64	55
Finlândia	2	1	0	0	0
França	8	8	5	26	1
Grécia	7	3	1	1	0
Hungria	4	3	3	0	0
Irlanda	2	2	4	0	0
Itália	15	13	11	15	2
Letónia	0	2	0	2	0
Lituânia	15	6	7	9	2
Países Baixos	4	1	3	0	0
Polónia	34	27	24	17	10
Reino Unido	6	1	8	0	0
República Checa	17	21	14	3	0
Roménia	10	12	3	14	2
Suécia	1	0	0	1	0
Turquia	1	0	0	24	0
Total	211	142	132	187	81

Mobilidades de estudantes | fora do contexto europeu | 2017 – 2021/22

	Staff ^(docente e não docente)		Estudantes		Territórios do programa (all calls)
	Outgoing	Incoming	Outgoing	Incoming	
Merging voices	18	9	0	10	Camboja; china; cabo verde; camarões; filipinas; índia; japão; macau; malásia; nepal; nova zelândia; sri lanka; tailândia; vietnam.
Jamies	8	20	0	10	Argélia; jordanía; líbano; palestina; tunísia; síria.

Fonte: Gabinete de Relações Internacionais e Mobilidade | UTAD

2.4.4 Ensino artístico

O ensino das artes está assegurado na região por coletividades, associações, escolas de dança e música, sendo a instituição com mais alunos o Conservatório Regional de Música de Vila Real. Esta instituição, inaugurada em 2004, acolhe no ano letivo 2021/2022 um total de 253 alunos distribuídos por 20 classes de instrumento. A instituição assegura a oferta de ensino articulado de música de nível básico e secundário, bem como classes de pré-iniciação, iniciação e cursos livres. Além do ensino de música, mantém atividade regular da qual se destaca o Prémio Elisa de Sousa Pedroso - Piano e Violino, que em 2021 celebrou a XIII Edição do Prémio Nacional e a III Edição do Prémio Luso-Galaico.

Ano Letivo	Iniciação Musical	Básico		Secundário		Totais	Curso Livre	Pré Iniciação	Totais
		Articulado	Supletivo	Articulado	Supletivo				
2016-17	68	158	55	14	22	317	23	7	347
2017-18	80	152	53	8	16	309	25	4	338
2018-19	82	174	43	13	9	321	25	5	351
2019-20	85	144	47	13	17	306	23	-	329
2020-21	59	141	36	15	11	262	12	4	278
2021-22	60	143	22	11	17	253	24	5	282

Fonte: Conservatório Regional de Música de Vila Real



2.5 Turismo

A localização geográfica e os excelentes acessos permitem que Vila Real seja uma escolha óbvia para base exploratória de toda a zona Norte do país.

A localização central no Norte, as paisagens únicas da Região Demarcada do Douro e as encostas exuberantes das Serras do Alvão e do Marão, são fatores que influenciam o rápido crescimento do setor do turismo no município.

Fonte: PORDATA

Alojamentos Turísticos 2019

	Total	Hotéis
Alojamentos turísticos	16	3
Capacidade nos alojamentos turísticos (nº camas)	755	482
Dormidas	74,012	54,899
Proporção de hóspedes estrangeiros (%)	21.3	

Existem no concelho 16 alojamentos turísticos, dos quais 3 hotéis, e os restantes de diversas tipologias. Existe também oferta na área do campismo, no Parque de Campismo de Vila Real, situado em plena cidade, na margem do rio Corgo, e o Naturwaterpark, um empreendimento turístico com capacidade para 1277 dormidas (dados fornecidos pela CIM-Douro), que integra um parque aquático, parque de campismo, bungalows e parque aventura.

Em 2012 o número de dormidas por 100 habitantes era de 84.7, crescendo sempre até atingir o pico de 148,3 dormidas por cada 100 habitantes em 2019, um aumento de 42% em apenas 7 anos. As mais de 74 mil dormidas em 2019 geraram 4.27 milhões de euros de proveitos para as unidades hoteleiras.

A pandemia trouxe quebras expectáveis, que fizeram reduzir a atividade do setor turístico em mais de 50%. Contudo, o cenário é animador, sobretudo porque 78% das dormidas em 2019 provinham de turistas portugueses, que aproveitaram a pandemia para refazer planos de férias e explorar mais destinos nacionais.

Em 2019, das 469 empresas de hotelaria e restauração no município, 16 eram alojamentos turísticos, reduzindo para 13 depois da pandemia.

Grandes eventos como o Circuito Automóvel de Vila Real têm, há 90 anos, atraído visitantes à cidade. Além das corridas automóveis contemporâneas, destaca-se também o Festival Rock Nordeste. Estes dois eventos, em conjunto, representam uma fatia considerável dos visitantes da cidade.

O turista que visita Vila Real tem maioritariamente origem nacional, seguindo-se os turistas espanhóis (17.2%) e franceses (16.5%), e tendencialmente está na faixa etária dos 45-55 anos. O destino principal destes turistas é o Palácio de Mateus (que, em 2017, ultrapassou pela primeira vez a marca dos 100 mil visitantes anuais), o Parque Natural do Alvão (atravessada pela N304, uma das Europe's Greatest Driving Roads), o Douro (eleito como um dos melhores destinos do mundo para 2020 e onde podemos percorrer uma das mais bonitas estradas do mundo, a N222), a Sé de Vila Real e a Estrada Nacional N2.

Fonte: Relatório
Análise/Perfil
do Visitante Loja
Interativa de Turismo
de Vila Real (CMVR;
Turismo do Porto e
Norte de Portugal)

Visitantes da Loja Interativa de Turismo de Vila Real

Nacionalidade	2018	2019	2020
Portuguesa	3038	3812	6004
Espanhola	1827	1753	564
Brasileira	501	487	135
Francesa	1756	1840	181
Inglesa	341	249	28
Alemã	441	430	40
Belga	237	191	42
Outras	1213	1201	102
TOTAL	9354	9963	7096

2.6 Economia

Vila Real é o centro administrativo da região desde o século XIII e a sua atividade económica está sobretudo focada nos serviços. Em 2019, havia cerca de 6900 empresas, o que representava um aumento de 23,5% desde 2009, com mais de 14 800 postos de trabalho e um volume de negócios total de 1.08 mil milhões de euros.

A maior percentagem de empresas faz parte do sector do comércio a retalho ou comércio a grosso (35%), seguindo-se a indústria transformadora (9%), a construção (5%) e a agricultura (2%).

	Vila Real	Norte	Portugal
Nº empresas (2019)	6 930	446 149	1 318 330
Volume de negócios (2019, 10 [^] 3 euros)	1 086 923	116 426 821	412 640 613

Diagnóstico

Entre os maiores empregadores estão os serviços hospitalares, com a chegada de dois grupos de saúde privados na cidade nos últimos anos, uma área de grande importância para a região do Douro, onde a média são 3 médicos por cada 1000 habitantes. Segue-se a construção e o comércio a retalho.

As novas empresas da cidade encontram incubação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro ou no Parque de Ciência e Tecnologia de Vila Real - Regia Douro Park. Neste segundo estão sediadas 82 entidades, que empregam 477 pessoas e com um volume de negócios anual de 58.6 milhões de euros. Além da incubadora e aceleradora de empresas, o Regia Douro Park inclui o Centro de Excelência do Vinho e da Vinha (CEVV), um centro laboratorial tecnológico, direcionado para a investigação, desenvolvimento e transferência de tecnologia, e o Douro Business Center, que apoia logisticamente empresas permitindo o acesso a espaços de reunião e formação, e promovendo eventos de criação de redes e parcerias entre empresários. Em 2021, estão a funcionar no Regia Douro Park 59 empresas na incubadora de empresas, 2 empresas no Business Center, 9 empresas no CEVV e 12 empresas em lotes industriais. Além disso, o Regia Douro Park é sede do Centro Colaborativo da Vinha e do Vinho e da Associação para o Desenvolvimento da Viticultura Duriense e Cluster da Vinha e do Vinho. Do total de empresas, 5 pertencem às Indústrias Culturais e Criativas (1 de arquitetura, 3 de Design e comunicação e 1 associação cívica e cultural).

Empresas no Regia Douro Park

Área	Número de empresas		
Consultadoria agrícola	2	Tratamento de águas	1
Consultadoria financeira	3	Consultadoria ambiental	1
Informática	10	Imobiliário	1
Construção e eng civil	11	Marketing e comunicação	1
Viticultura e azeite	10	Tradução	1
Design e comunicação	2	Consultadoria eng. Mecânica	1
Contabilidade	2	Investigação agrícola	1
Vestuário	1	Cosmética	1
Climatização e ef. Energética	3	Biotecnologia	1
Eng florestal	5	Consultoria social	1
Seguros	2	Máq. E equip agrícolas	1
Vendas online	3	Inst. Elétrica	1
Propriedade intelectual	1	Indústria alimentar	1
Associações e organizações	6	Transportes	1
Formação profissional	1	Turismo	1
Consultadoria advocacia	1	Equip. Ortopédico	2
Comercio prod alimentares	1		

Fonte: Regia Douro Park

Apesar de uma economia local essencialmente focada em serviços, não nos podemos esquecer da posição geográfica de Vila Real como parte da Região Demarcada do Douro, que faz dela um centro urbano privilegiado para a fixação de empresas ligadas ao sector do vinho e da produção vinícola. Um sector cuja marca “Douro” e respetiva Região Demarcada têm vindo a ser cada vez mais reconhecidos e promovidos, tanto nacional como internacionalmente. (em baixo estatísticas IVDP)

	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Volume vendido (€)	493.405.465	508.650.708	533.228.160	553.524.763	554.857.248	569.689.479	516.749.134
Preço médio por litro (€/L)	4,31	4,40	4,47	4,53	4,60	4,80	4,62

Fonte: Gabinete de Estratégia e Estudos

Sector Cultural e Criativo

De acordo com o Programa Europa Criativa 2021-2027, o setor cultural e criativo engloba atividades com potencial para gerar inovação e emprego e inclui a concepção, criação, produção, divulgação e conservação de bens e serviços de expressão cultural, artística, criativa e funções associadas como a educação ou a gestão, independentemente do seu tipo de financiamento, da sua estrutura ou da sua orientação para o mercado. Entre outras, em 2021 o Parlamento Europeu inclui nestes sectores, a arquitectura, as bibliotecas e os museus, o artesanato, o audiovisual (que inclui o cinema, televisão e os jogos de vídeo), o património cultural material e imaterial, o design (que inclui a moda), os festivais, a música, a literatura, as artes do espetáculo (que incluem o teatro e a dança), os livros e a edição, a rádio e as artes plásticas.

Na região do Douro, o Douro Creative Hub promovido pela UTAD em 2019 fez um levantamento preliminar e limitado dos trabalhadores e empresas a operar no setor cultural e criativo, incluindo projetos informais, que não costumam ser considerados em estatísticas oficiais. O projeto identificou 441 criativos, projetos ou empresas da área criativa entre os 19 municípios do Douro, dos quais 171 (38,9%) estavam sediados em Vila Real.

Em termos de registo formal de empresas, a maioria da atividade é na área do Comércio a Retalho de Bens Culturais e Recreativos, seguindo-se as Atividades de Arquitetura e Engenharia.

Fonte: Informa D&B

	Vila real	Douro NUT III
⁷¹¹ Atividades de arquitectura, de engenharia e técnicas afins	89	196
⁴¹⁰⁰ Atividades de design	8	17
⁷⁴²⁰⁰ Atividades fotográficas	7	36
⁷⁴³⁰⁰ Atividades de tradução e interpretação	1	3
⁷³¹¹⁰ Agências de publicidade	25	53
⁹⁰⁰ Atividades de teatro, de música, de dança e outras atividades artísticas e literárias	48	126
⁹¹⁰ Atividades das bibliotecas, arquivos, museus e outras atividades culturais	4	6
⁴⁷⁶ Comércio a retalho de bens culturais e recreativos, em estabelecimentos especializados	116	292
⁵⁸¹ Atividades de edição	19	38
⁵⁹¹ Atividades cinematográficas, de vídeo e de produção de programas de televisão	11	30
⁶⁰¹ Atividades de rádio e de televisão	5	11

2.7 Cultura

2.7.1 Equipamentos culturais

Público de atividades culturais | 2019

	Espectáculos ao vivo	Cinema	Museus		
			Total	Visitantes escolares	Visitantes estrangeiros
Portugal	16,926,411	15,540,742	19,777,691	2,011,659	10,342,761
Norte	6,617,533	4,813,870	6,002,853	613,753	2,976,824
Vila Real	43,331	185,146	152,971	10,117	110,067

Arquivo Distrital de Vila Real ²

O Arquivo Distrital de Vila Real, santuário da memória coletiva dos transmontanos e du-rienses, presta um conjunto diversificado de serviços, informações e conhecimentos relativos aos fundos documentais que custodia (paroquiais, notariais, judiciais, etc.), bem como a arquivos públicos e privados, da região, nomeadamente arquivos municipais, de misericórdias, arquivos de família, de associações, etc.

Arquivo Municipal de Vila Real ³

O Arquivo Municipal de Vila Real está vocacionado para a gestão do património documental do Município, sendo nesse contexto um serviço de gestão transversal a toda a Câmara Municipal, adoptando as valências de arquivo intermédio e de arquivo histórico e actuando em todas as fases do circuito documental.

Biblioteca da UTAD ⁴

Tem como missão primordial facultar à academia os recursos bibliográficos multidisciplinares, apresentados em diferentes tipologias de formatos, necessários ao desempenho das funções de ensino, investigação, educação permanente e extensão cultural.

Biblioteca Municipal Dr. Júlio Teixeira ⁵

É uma das 5 bibliotecas mais antigas do país, fundada em 1839 por mão da Rainha D. Maria II. Instalada primeiramente no antigo Convento de S. Francisco e com um acervo inicial de 5164 livros, viu a sua morada alterada por 5 vezes ao longo dos quase 2 séculos de vida até 2006, ano em que se inaugurou o actual edifício.

O seu laboratório de conservação e restauro recebe e trata volumes de toda a região.

Na última década recebeu mais de 700 mil visitantes, sendo que em 2020, devido aos efeitos da pandemia, os visitantes reduziram para cerca de 1/3.

Em Dezembro de 2020 a Biblioteca contava com 130.528 livros distribuídos por mais de 3,5km lineares de prateleiras ocupadas. Foram adicionados ao acervo 4554 livros em 2020, 473 adquiridos e 4081 por doação. A Biblioteca recebe e recolhe livros, desde pequenas doações a grandes espólios.

A nível de serviço educativo e animação cultural, em 2020, embora um ano atípico por causa da pandemia, foram realizadas 11 sessões de animação cultural e uma exposição com 463 participantes diretamente envolvidos.

Biblioteca Itinerante | 2020

368 Km percorridos	22 Escolas visitadas regularmente	6 Outras instituições visitadas regularmente	1041 Leitores diretamente abrangidos	971 Livros emprestados
--------------------------	---	---	---	------------------------------

2020

Resposta a pedidos de info bibliográfica	1403
--	------

Leitores inscritos	9749
--------------------	------

Novos leitores inscritos	267
--------------------------	-----

Livros emprestados	6691
--------------------	------

Documentos consultados	147
------------------------	-----

Sessões animação cultural	11
---------------------------	----

Participantes diretamente envolvidos	463
--------------------------------------	-----

Exposições	1
------------	---

Documentos existentes

2020	130528
------	--------

2019	126379
------	--------

2018	120115
------	--------

2017	113914
------	--------

2016	106591
------	--------

2015	100510
------	--------

2014	94371
------	-------

2013	87114
------	-------

2012	80042
------	-------

2011	74012
------	-------

- 2 <https://www.advrl.org.pt/>
- 3 <http://arquivo.cm-vilareal.pt/>
- 4 <https://www.sdb.utad.pt>
- 5 <https://biblioteca.cm-vilareal.pt/>

Visitantes 2020	1/3 Da média da última década
Total 2020	27742
2019	68576
2018	81072
2017	84338
2016	72882
2015	67829
2014	76273
2013	80746
2012	81054
2011	87405
Total	727917

Centro de Ciência de Vila Real ⁶

Localizado no pulmão verde da cidade, o Parque Corgo resulta da parceria entre o município e a Universidade de Trás-os-Montes.

Desde 2015 que o Centro de Ciência de Vila Real divulga o património natural da região dando ênfase à biodiversidade e ao ambiente.

Para além da exposição permanente, há uma sala multiusos, estufas, laboratórios e muitas actividades para os mais novos.

Fonte: Serviços de Ambiente da CMVR

	Serviço Educativo	Exposições
Visitantes (nº) 2015-2021	13108	11951

O **Cinema NOS** ⁷ está localizado no Nosso Shopping. Possui 7 salas em funcionamento com uma lotação total de 929 lugares.

Conservatório Regional de Música de Vila Real ⁸

O Conservatório Regional de Música de Vila Real é uma instituição de formação e de promoção da cultura. Para além de ser uma referência incontornável no Ensino Artístico Especializado de Música na Região, a instituição organiza concertos, festivais de música, masterclasses e alberga residências artísticas.

Fundação Casa de Mateus ⁹

A Fundação Casa de Mateus assume-se nos seus estatutos como uma entidade com fins culturais, artísticos, educativos e científicos. As actividades culturais têm início no dia 3 de Dezembro de 1977, com o ciclo “A Cultura em Diálogo”, e desde daí organiza seminários sobre assuntos de relevância nacional (nas áreas da economia, política e saúde, entre outras) e variadas actividades culturais como Festivais de Música e Prémio Literários, e assume um lugar de destaque como um dos centros de cultura do Norte do País.

Visitas Casa de Mateus

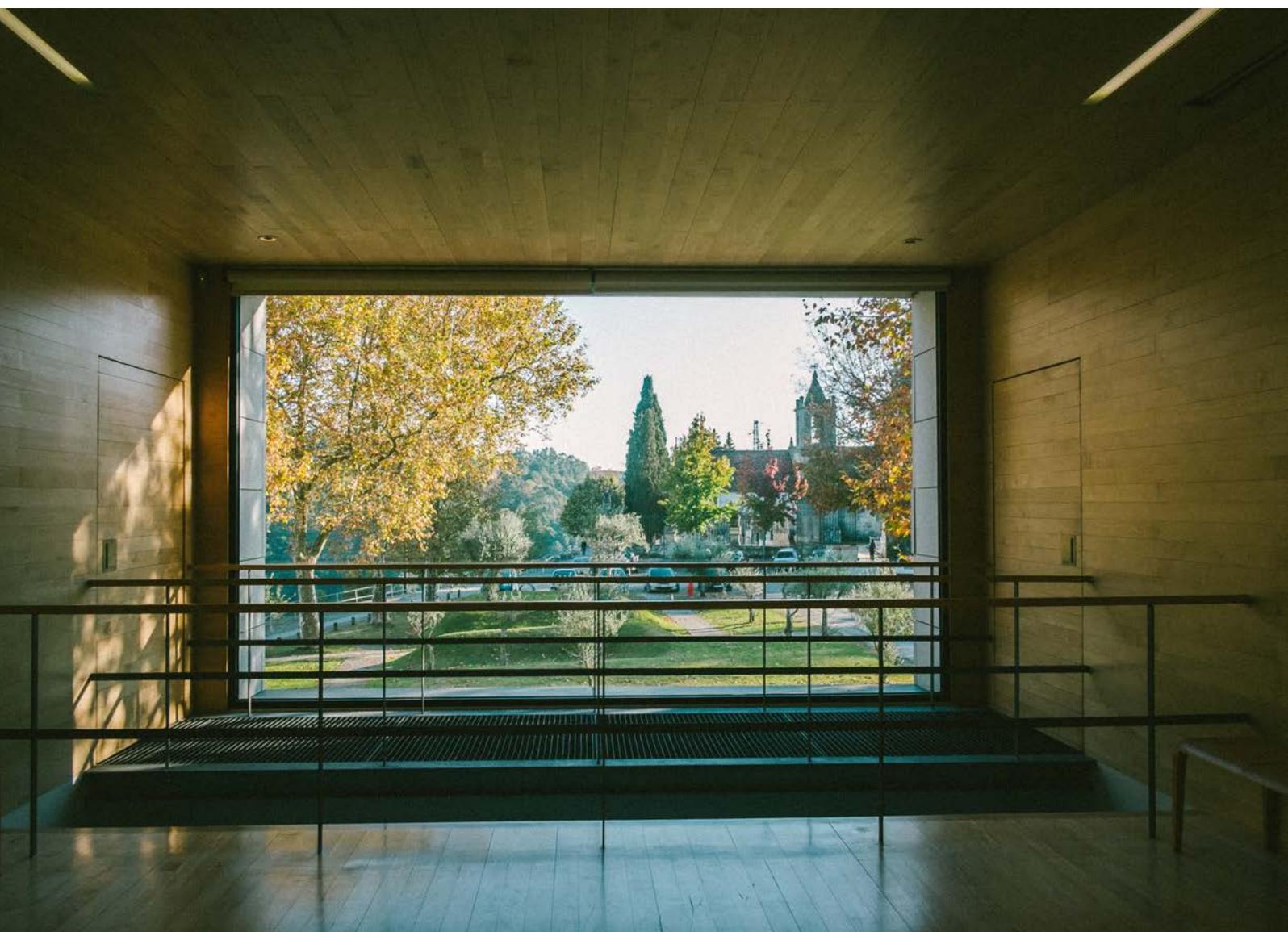
Fonte: Fundação
Casa de Mateus

	2014	2015	2016	2017	2018
Visitantes	86450	97087	99788	109011	108302

Museu da Vila Velha ¹⁰

Instalado desde 2008 junto às antigas Portas da Vila, o embrião da cidade, num edifício da autoria do arquiteto vila-realense Belém Lima.

O piso superior é dedicado em grande parte às descobertas arqueológicas e as origens e fundações da área, sendo o piso inferior mais polivalente e dedicado a exposições temporárias de temáticas diversas. Além disso, o Museu da Vila Velha tem um espaço de auditório, onde acontecem workshops, palestras e outros eventos, e faz uso do espaço exterior circundante para eventos como o Festival de Estátuas Vivas ou concertos em parceria com outros promotores e equipamentos.



- 7 <http://www.centrocienciavilareal.pt/>
- 8 <https://nossoshopping.pt/cinema/>
- 9 <https://www.crmvr.pt>
- 10 <http://casademateus.com/>
- 10 <http://mvv.cm-vilareal.pt/>
- 11 <https://museu.cm-vilareal.pt/>

© Estelle Valente

Visitantes	2016	2017	2018	2019	2020
Total	10810	10508	11419	11515	Encerrado para obras
Serviço Educativo	2320	2555	2523	1769	
Estrangeiros	840	904	815	989	

Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real

Inaugurado em 1997 graças à contribuição do Padre João Parente com o seu espólio de 35 mil moedas - quase todas encontradas em Trás-os-Montes - o Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real conta com uma exposição permanente de cerca de 5000 moedas que compreendem um período de 13 séculos de história. Maioritariamente romanas, mas também gregas, cartagineses, árabes, visigóticas e bizantinas, esta coleção é demonstrativa da panóplia de povos que passaram pela nossa terra e moldaram o ADN português.

Conta também com uma coleção de pinturas de autores ligados a Vila Real, uma área de exposições temporárias, serviço educativo e um centro de documentação disponível ao público.

Da atividade promovida pelo Museu de Arqueologia e Numismática vale a pena salientar as conferências, exposições e encontros na Área de Exposições Temporárias, de 1997 a 2005. As conferências reuniram regularmente especialistas e entusiastas da cultura de Vila Real e região, com 49 convidados diferentes e com os objetivos de sensibilizar os participantes para as questões do património lato sensu; e contribuir para o reforço do sentimento de pertença à comunidade. Estas conferências deram origem ao livro Vila Real História ao Café.

Visitantes	2016	2017	2018	2019	2020
Total	4990	3936	5309	5718	3195 (até lockdown)
Serviço Educativo	2485	1030	2664	2059	694
Estrangeiros	350	495	594	698	199

Museu de Geologia Fernando Real ¹²

Fundado em 1986 pelo geólogo e antigo reitor que lhe dá nome, o Museu de Geologia Fernando Real está situado no edifício de Geociências da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

O seu espólio de milhares de rochas, minerais e fósseis de todo o mundo conta uma história feita de milhões de anos de evolução, com a ajuda de maquetes elucidativas, dando-se também destaque às principais minas do nosso país.

Museu do Som e da Imagem ¹³

Originalmente pensado como um núcleo museológico, o importante acervo entretanto recolhido do antigo Teatro Avenida foi o mote para a criação, inaugurado em agosto de 2008 e agora instalado no edifício do Teatro de Vila Real (exposição principal) e na Biblioteca Municipal (gabinetes técnicos e arquivo).

Entre peças doadas e adquiridas, o Museu do Som e Imagem leva-nos através de sete salas pela história do cinema, fotografia, uma sala para exposições temporárias e também de 3 marcantes salas de espetáculo da cidade: o já referido Teatro Avenida (1930), o Teatro-Circo (1892) e o Teatro de Vila Real (1846), onde esteve em cena ainda antes da sua publicação a obra Agostinho de Ceuta, o primeiro drama histórico de Camilo Castelo Branco, escrito em Vila Real.

Diagnóstico

Na sua primeira década de existência, o Museu do Som e Imagem contou com mais de 166 mil visitantes, 81 exposições em vários locais, lançou 26 álbuns e 5 documentários cinematográficos.

Ano	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018 (31 Março)	Total
Visi- tantes	18056	20918	18283	15923	15718	15204	15526	13407	15580	14259	3474	166348

Museu Etnográfico de Vila Real¹⁴

Inaugurado a 29 de Junho de 2009 nas instalações do Centro Cultural Regional de Vila Real, o Museu Etnográfico de Vila Real resgatou o espólio maioritariamente recolhido nos anos 40 que fazia parte do Museu Etnográfico da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, encerrado em 1976. O mau acondicionamento e a passagem do tempo acabaram por danificar parte do material recolhido, mas o espólio recuperado está hoje em dia organizado em quatro espaços, ou “tempos”: tempo de desvendar, tempo de cultivar, tempo de evocar e tempo de recriar. Está encerrado mas é possível visitar através da secretaria do Centro Cultural Regional de Vila Real.

Teatro Municipal de Vila Real¹⁵

Este equipamento cultural é o principal polo cultural do concelho, com uma programação eclética que abrange todas as artes e uma taxa média de ocupação de 80%, este é um dos casos de sucesso da cultura no interior do País. O Teatro de Vila Real é constituído pelo Grande Auditório (com capacidade para 500 lugares), o Pequeno Auditório (145 lugares), o Auditório Exterior (700 lugares), o Café-Concerto (com esplanada), a Sala de Exposições, a Galeria-Bar e duas salas de ensaios.

Património arqueológico, edificado e natural

Os Monumentos Nacionais classificados em Vila Real são a Igreja de São Domingos, o Santuário de Panóias, a Torre de Quintela, o Palácio de Mateus e a Capela de São Brás.

Fonte: Direção
Geral do Património
Cultural

Património Classificado

Monumento Nacional	5
Interesse Municipal	4
Imóvel de Interesse Público	31
Monumento de Interesse Público	1
Monumento de Interesse Municipal	1
TOTAL	42

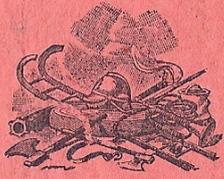
¹² <https://www.utad.pt/museu-de-geologia>

¹³ <http://museu-msi.blogspot.com/>

¹⁴ <http://www.ccr-vilareal.pt/index.php/museu-etnografico>

¹⁵ <http://www.teatrodevilareal.com>

Fila Nº 4
Cadeira Nº 3
TALÃO DE FAUTEUIL



TEATRO AVENIDA

6 DE JANEIRO DE 1946

SARAU DE GALA

Promovido pelo Grupo Cénico dos Bombeiros Voluntários de Salvação Pública e Cruz Branca de Vila Real, em comemoração do 49.º aniversário da sua fundação

FAUTEUIL



	Teatro Avenida VILA REAL		TEATRO AVENIDA VILA REAL	
BALCÃO		BALCÃO		
Preço-17\$50 Impostos incluídos		FILA N.º 3		

Ser ou não ser *HOMEM*, eis a questão...
Seja *HOMEM*, usando

EAU DE TOILETTE
MONSIEUR
SANS SOUCI

Um segredo da *Farmácia Baptista*
Rua Direita, 22 VILA REAL

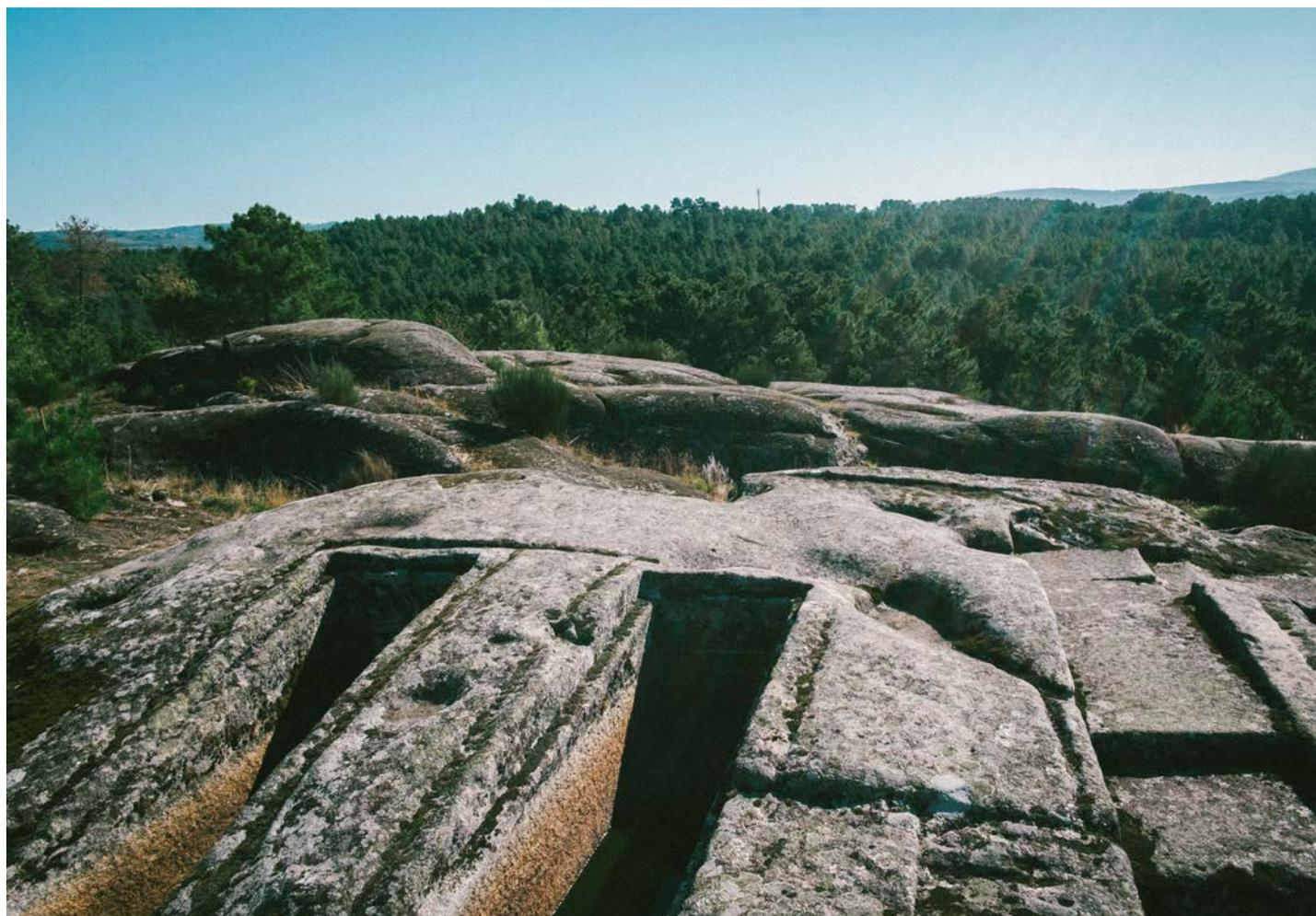


2.7.2 Património Arqueológico

“E eram, de facto, invulgares. As pedras, que tinham sido primorosamente afeiçãoadas há quase 4 mil anos, por homens do Neolítico ou do Neolítico, pertenciam a uma classe de instrumentos a que se dá o nome genérico de machados (...) Curioso é notar que um dos machados, é feito de fibrolite, rocha que não se encontra na região, nem sequer na Península Ibérica, o que nos diz qualquer coisa sobre as migrações e as relações comerciais dos homens de dois mil anos antes de Cristo.”

João Gonçalves da Costa, “Machados de Justes”, in *Conversas ao Café*, pg. 24, 2013

O território de Vila Real possui numerosos vestígios da época pré-histórica, proto-histórica e romana, apesar de muitos estarem hoje reduzidos a fragmentos de muros e montes de pedra, estradas romanas estarem hoje cobertas por asfalto. Diversos objetos, fruto de casuais descobertas, como a bracelete e taça de prata de Guiães, foram admirados pela qualidade e beleza e enviados para Lisboa, onde hoje podem ser vistos no Museu Nacional de Arqueologia.



© Estelle Valente

Freguesia	Total dos achados na "Carta Arqueológica" (1991) Ervedosa	Total dos achados na revisão da "Carta" (2001) M.S.Abreu
Abaças	5	6
Adoufe	3	4
Andrães	2	5
Arroios	2	4
Borbela	1	3
Campeã	4	6
Constantim	2	7
Ermida	0	0
Folhadela	2	9
Guiães	2	6
Justes	6	9
Lamares	1	3
Lamas de Olo	0	2
Lordelo	1	1
Mateus	2	4
Mondrões	1	8
Mouçós	10	18
Nogueira	2	2
N ^a Sra. Conceição	0	1
Parada de Cunhos	2	2
Pena	3	9
Quintã	3	3
São Dinis	10	11
São Pedro	1	3
São Tomé do Castelo	4	20
TOTAL	69	146

Fonte: Mila Simões de Abreu, "O Património Arqueológico no Concelho de Vila Real - breves notas - da Pré-história à Época romana", in Boletim Cultural da Escola Camilo Castelo Branco nº19, 2013

As primeiras referências bibliográficas ao património arqueológico no concelho surgem em 1734 na obra de Jerónimo Contador de Argote que menciona e documenta o santuário de Panóias, na freguesia de Vale de Nogueiras, e as gravuras rupestres da Mão do Homem, em Escariz, na freguesia de Adoufe.

No final do século XIX o Padre José Brenha e o Padre Rafael Rodrigues falam da existência de diversas dezenas de monumentos megalíticos, os conhecidos dolmens e mamoadas, na serra do Alvão e na serra do Marão.

“É, porém, só no início dos anos noventa que o Professor Carlos Ervedosa, arqueólogo e geólogo, fundador da unidade de Arqueologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, compila a primeira “Carta Arqueológica do Concelho” fazendo a descrição de mais de cem sítios e objectos, pertencentes da pré-história da época Moderna. Hoje, graças principalmente ao trabalho de prospecção e pesquisa levado a cabo nas últimas décadas pelo incansável Padre João Parente, o número de estações e vestígios arqueológicos do Concelho aumentou consideravelmente e ultrapassa as duas dezenas.”

Mila Simões de Abreu, “O Património Arqueológico no Concelho de Vila Real - breves notas - da Pré-história à Época romana”, in Boletim Cultural da Escola Camilo Castelo Branco nº19, 2013

No final do século passado o número de estações e vestígios arqueológicos do concelho ultrapassou as duas dezenas pelo trabalho de prospecção e pesquisa do Padre João Parente, cuja doação da coleção pessoal de moedas, jóias e objetos, constituiu o acervo inicial do Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real, exposto ao público pela primeira vez em 1999. Mais tarde as escavações na chamada Vila Velha, e o acompanhamento dos trabalhos de instalação do Parque Eólico das serras do Alvão e Marão e construção das auto-estradas A24 e A4 vieram enriquecer o património do concelho.

O Santuário de Panóias, classificado como Monumento Nacional desde 1910, é um dos dois únicos santuários de culto orientais em todo o Ocidente do Império Romano e o único em que estão preservadas as instalações cultuais, gravadas na rocha: grandes fragas e várias cavidades, com algumas escadas de acesso. A sua construção é do final do século II ou início do século III da Era Comum. Além das aberturas na rocha, no Santuário de Panóias encontramos epígrafes com instruções litúrgicas gravadas na rocha (três em latim e uma em grego).

A maioria das estações arqueológicas do concelho não estão protegidas, à excepção do Santuário de Panóias que foi vedado em 1995 e possui desde 2004 um Centro Interpretativo.

2.7.3 Património Arquitectónico (Edificado)

“É interessante pensar os Arquitectos Pioledo em função da escolha do lugar onde e para onde projectam, contrariando o êxodo que se verificava e aproximando o litoral do interior do país. Estimulados pela ideia de interferir num território em desenvolvimento e desmarcando-se do cenário mais expressivo da arquitectura, adicionam inúmeras peças à estrutura da cidade de Vila Real e a outros concelhos do interior transmontano (Santa Marta de Penaguião, Alijó, Sabrosa, entre outros). Esta opção é justificada por uma necessidade de retorno às origens, (...). Contudo, não ambicionam propriamente constituir um movimento cultural além-marão, nem tão pouco o ensaio de qualquer fanatismo de associação com valores rurais e contemplativos, pastores e ninfas, cantares e danças. Pelo contrário, a sua obra remete antes para uma sensibilidade ao quotidiano com uma relação que procure não ferir a história do lugar.”

Arquitectos Pioledo: Descentralização e ruptura, Ana Carolina Assunção com base na sua dissertação de Mestrado em Arquitectura na FAUP, in IP4mag.com

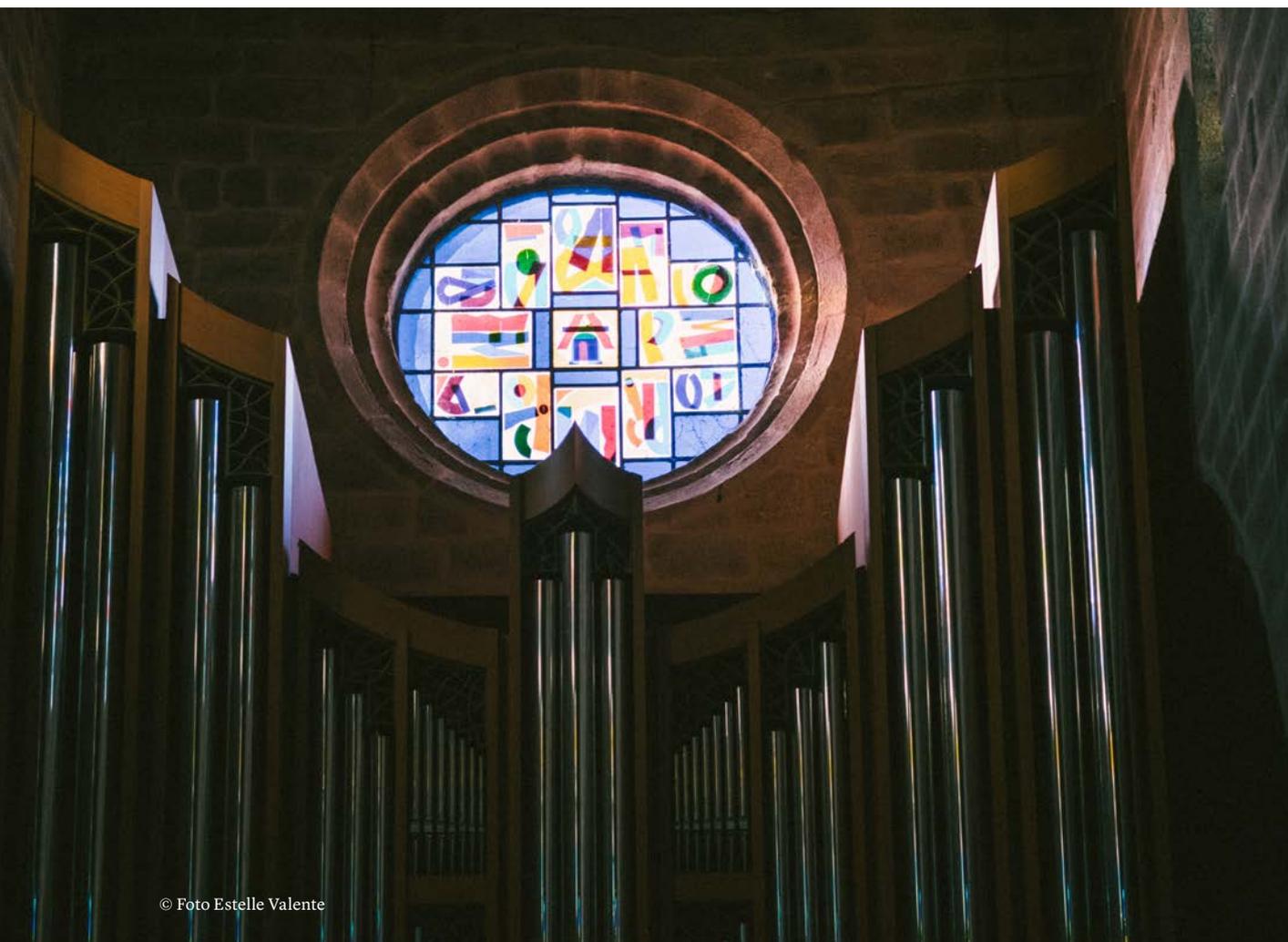
Vila Real distingue-se na arquitetura barroca pela Casa de Mateus, de Nicolau Nasoni, classificada como Monumento Nacional desde 1910, e a Capela dos Clérigos, de autoria não consensual mas tendencialmente atribuída à escola de Nasoni, tal como a Capela de Arroios.

Ao passearmos pela cidade, a mistura arquitetónica pode distrair-nos da história das casas e das ruas, mas são visíveis as marcas da altura em que Vila Real era conhecida como a “Corte de Trás-os-Montes” pelo grande número de casas brasonadas e nobres presentes na cidade. Demasiadas para serem aqui todas expostas, deixamos a título de exemplo: A Casa de Mateus, ex libris do barroco, monumento nacional desde 1910 e cuja Fundação é um dos polos da cultura nacional será porventura a mais famosa e mais reconhecível, não fosse estar

presente no rótulo do vinho Mateus Rosé, exportado para 130 países ; A Casa das Quartas na estrada nacional 322 na zona de Abambres vítima de um terrível incêndio na década de 70, a Casa dos Teixeira Macedo, junto à Capela Nova; A Casa de Urros, instituída pelo abade José Álvares Pereira Leite; a Casa de S. Pedro (que hoje acolhe o Centro Cultural Regional e a Universidade Sénior) abrigou o pretendente absolutista Carlos V durante parte do seu exílio em Portugal em meados de 1833. E claro, a Casa dos Marqueses em plena Avenida Carvalho Araújo, residência dos Marqueses de Vila Real, caída em desgraça pelo seu apoio na sequência da Restauração da Independência à causa da união com Espanha. D. João IV irá extinguir a Casa e virar a espada do brasão com a ponta para baixo, como forma de desonra. Curiosamente assim ficou até finalmente ser colocada na sua posição original em 1941.

Embora este destaque não seja equiparado a outras cidades com grande tradição de formação e aposta na arquitetura (como o Porto), é importante mencionar Nadir Afonso, arquiteto e pintor, cuja obra da Panificadora de Vila Real era um marco da arquitetura industrial moderna, tal como a sua “irmã” de Chaves. Apesar do edifício em questão já não existir, a Panificadora está presente na memória da cidade (o fim do edifício e os esforços civis para o salvar foram documentados em filme).

É também inevitável mencionar o colectivo dos Arquitectos Pioledo, um grupo de 6 arquitetos que se fixa em Vila Real e desenvolve trabalho desde o início dos anos 80 até cerca de 2006, e que projeta sobretudo para a cidade, na altura em rápida expansão. A sua obra colectiva é visível por toda a cidade e o seu legado, depois de se separarem, é um conjunto de ateliers de arquitetura que continuam a marcar o desenvolvimento urbano de Vila Real — Belém Lima Arquitectos, RSAT arquitectos, entre outros, além dos vários ateliers que surgiram entretanto e depois de 2006. De salientar o atelier Belém Lima Arquitectos, nomeado em 2014 e 2017 para o prémio Mies van der Rohe, e vencedor, em 2008, do Prémio de Arquitetura do Douro, com o Museu da Vila Velha, em Vila Real. Além desta obra, é autor da sede da Ordem dos Engenheiros, da Biblioteca Municipal, e, mais recentemente, da remodelação da Avenida Carvalho Araújo.



© Foto Estelle Valente

Igreja de São Domingos, Monumental Nacional

Erigida no século XV, a Sé de Vila Real (ou Igreja de São Domingos), é uma poderosa obra em granito, e considerada um dos melhores exemplos da arquitetura gótica de Trás-os-Montes. Os seus vitrais, com palavras da Bíblia, são uma obra moderna do artista João Vieira. O seu órgão sinfónico tem 2192 tubos.

Capela de São Brás, Monumento Nacional

2.7.4 Património Natural

O Parque Natural do Alvão, com uma área total de 7239 hectares, é uma zona protegida e repositório de biodiversidade, onde se encontram espécies singulares e de ecologia particular como são exemplo a rorela (*Drosera rotundifolia*), planta carnívora rara, e a borboleta-azul-das-turfeiras (*Phengaris alcon*), espécie rara e uma das borboletas mais ameaçadas de Portugal.

A Serra do Marão, elevada a 1415 metros, marca a transição entre o Douro Litoral e Trás-os-Montes e Alto Douro. Durante muitos anos uma barreira geográfica que isolou a região, hoje é cruzado pelo Túnel do Marão, o maior do país e o terceiro maior na Península Ibérica. No seu ponto mais alto encontra-se o Observatório Astronómico do Marão, abandonado nos dias correntes.

Na cidade, o Parque Corgo e o Parque Florestal são as maiores áreas verdes públicas e as favoritas dos vilarealenses para passeios e lazer; o Jardim da Carreira e o Jardim da Casa de Mateus são recantos históricos a descobrir.

Vila Real está inserida na Região Demarcada do Douro, a mais antiga região vitícola regulamentada do mundo, que comemora 265 anos em 2021, e em cujo coração encontramos o Alto Douro Vinhateiro, classificado como Património da Humanidade pela UNESCO há 20 anos.

2.7.5 Música e Artes Performativas

Apesar da distância aos grandes centros urbanos do país, e até como resultado dessa mesma distância, Vila Real sempre foi rica em atividade cultural tendo visto desde o século XIX o surgimento de vários espaços e estruturas onde a música, a dança, e outras artes tinham destaque. Há registros de início do século XIX, em plenas guerras napoleónicas existir uma Sala de Divertimento. O Club de Vila Real, fundado em 1895, como um “clube de cavalheiros” tão comum à época, começa a abrir as portas em meados do século XX a atividades mais recreativas e culturais de que são exemplos os bailes de salão, as quermesses ou as festas de carnaval célebres na cidade. A Associação Nacional Villa-Realense (1836) e o Grémio Villa-Realense (1870) são outros exemplos de associações que recebiam eventos culturais. É também nesta altura que temos registo das primeiras bandas filarmónicas: A Banda de Música de Mateus em 1810, A Banda de Música da Portela em 1840 e a Banda de Música de Nogueira em 1850.

Os novos tempos trazem novas sonoridades, e Vila Real sempre teve artistas independentes e bandas locais representantes de todos os géneros: do folclore ao rock n roll, das tunas ao heavy metal aos coletivos de hip-hop e produtores de música eletrónica. É fácil neste século em que vivemos de nos esquecermos do quão isolada Vila Real estava (assim como outras cidades do interior) tanto a nível de informação como a nível de acessos até há bem pouco tempo. As novidades musicais chegavam lentamente através de discos e cassetes adquiridas nos grandes centros urbanos. Estas limitações causaram dificuldade em expor o que se fazia por cá ou marcar concertos fora da zona, sendo portanto compreensível que nenhum dos grupos que foram existindo na cidade tenham deixado marcas duradouras a nível nacional. Destaca-se no entanto a dinâmica local dos anos 90, bastante ativa e que publicações como a S.O.N.A.R ou o programa de rádio Sons do Silêncio são disso apanágio. Esta dinâmica local foi o alicerce que permitiu o boom de actividade cultural independente e não institucional que cruzou a cidade nestas primeiras décadas do século XXI, com eventos em associações, nos próprios equipamentos municipais e mais recentemente com

a reformulação do Festival Rock Nordeste, que desde 2014 atrai ao Parque Corgo dezenas de milhares de amantes de música moderna portuguesa.

Também desde 2004, o Conservatório Regional de Música de Vila Real tem vindo a formar a nova geração de músicos da cidade. Esse corpo de músicos estabelecidos na cidade viriam criar e promover projetos como a Academia Ad Libitum (clarinetes), a Douro Strings Academy ou a Banda Sinfónica Transmontana. Individualmente, músicos de Vila Real têm-se destacado em competições internacionais, de salientar Lia Melo na Viola d'Arco.

De outros promotores ou associações culturais da cidade, ligados à música, será importante mencionar o músico Paulo Vaz de Carvalho (guitarrista internacional), vários guitarristas clássicos como Rui Fernandes ou Ricardo Tojal, o ciclo Pássaro (concertos em vários espaços da cidade, migratório, 2015-2016), a Mátria (a estrear em 2021, a primeira ópera do Douro, inspirada em Miguel Torga), o Lago dos Caretos (multidisciplinar), as Look Closer Sessions (concertos registados em vídeo), e os vários projetos da Acrolatin (como a Douro Marching Band).

A cidade teve salas de espetáculos desde o século XIX, o Teatro de Vila Real inaugurado em 1846, o Teatro-Circo em 1892 e o Teatro Avenida em 1930. Já no século XX o cineteatro Morais Serrão albergou a Companhia Filandorra - Teatro do Nordeste, espaço já desativado.

Neste momento, o concelho conta com quatro salas de espetáculos capazes de receber espetáculos mais exigentes tecnicamente: o Conservatório Regional de Música de Vila Real, a sede da companhia Peripécia Teatro, o recentemente inaugurado Teatro de Bolso da Companhia de Teatro Urze e o Teatro Municipal de Vila Real. Inaugurado em 2004, o Teatro de Vila Real é constituído por dois auditórios com capacidade total de 645 lugares, um auditório exterior com 700 lugares, um café-concerto e uma sala de exposições.

Até ao final de 2020 já acolheu 5981 eventos e 301 exposições, recebendo um total de 899 484 espectadores e uma taxa média de ocupação de 80%.

Na programação anual do Teatro de Vila Real¹⁶, encontramos o Festival Douro Jazz, que traz Jazz em tempo de vindimas, ao qual se juntaram o FAN - Festival de Ano Novo (música clássica), o Vinte e Sete - Festival de Teatro (em março, coincidindo com o Dia Mundial do Teatro), o Boreal - Festival de Inverno (festival de música), o Arruada (artes de rua, durante o verão) ou o Algures a Nordeste (dança contemporânea, outubro-novembro).

Vários destes espetáculos são pensados em rede, mais frequentemente com o Teatro Municipal de Bragança, mas pontualmente com o Espaço Miguel Torga (em Sabrosa, Vila Real) ou a Casa de Mateus.

Eventos (2004 a 2020)

Música	2803
Teatro	1023
Dança	266
Cinema	433
Outras modalidades artísticas	779
Outras modalidades não artísticas	677
Total	5981

¹⁶ Arquivo programação do teatro (só a partir de 2014): <https://www.teatrodevilareal.com/index.php/noticias/138-arquivo-de-programacao>

Quando falamos de teatro profissional existem no concelho três companhias com atividade regular desde a sua fundação. A mais antiga é a Filandorra - Teatro do Nordeste, herdeira do TET (Teatro de Ensaio Transmontano), extinto em 1984. Esta companhia nasce em 1986, conta neste momento com 15 elementos fixos e produziu até hoje 80 peças originais.

“A atividade da Filandorra assenta na divulgação de autores dramáticos nacionais e clássicos universais e ainda na divulgação de textos para a infância e juventude, afirmando-se como Companhia de “repertório” apostada no desenvolvimento e criação de novos públicos. (...) A Filandorra - Teatro do Nordeste assume-se no panorama atual das artes performativas em Portugal, como um dos grandes condutores do desenvolvimento local e entidade de destaque na dinamização e sensibilização cultural das populações do nordeste do país.”¹⁷

No ano de 2000 a cidade vê nascer uma nova companhia, a Urze Teatro. Tem no seu currículo 48 criações, 17 das quais dirigidas à infância, e é constituída por 4 elementos em permanência. Da sua biografia, além das várias criações originais, destaca-se a organização do MAPI - Mostra de Artes para a Infância, em coprodução com o Teatro de Vila Real, que acontece desde 2016.

“Ao longo do seu trajecto a Urze tem investido muito na relação com diversas entidades, em particular equipamentos culturais e escolas da região, com base em propostas artísticas diferenciadoras, (com destaque para o Município de Vila Real). Trajecto esse, feito não só de bons e grandes momentos, mas também dos momentos mais difíceis a que a companhia conseguiu sobreviver e da capacidade de resistência que daí foi resultando, procurando uma relação com públicos específicos da cidade de Vila Real e da região de Trás-os-Montes e Alto Douro, a pensar não na maioria, mas em diversas minorias, se possível muitas minorias, e no caminho menos fácil de chegar até elas, que o mesmo é talvez dizer: fazendo serviço público.”¹⁸

A cooperativa cultural Peripécia Teatro é fundada em 2004 e fixa-se na aldeia de Coêdo em 2007, uma aldeia a 7km de Vila Real. Tem até hoje no seu currículo 15 criações originais, e sob o selo Periplus desenvolvem vários projectos que vão desde a produção cinematográfica à produção de eventos. Organizam desde 2014 o Festival Lua Cheia - Arte na Aldeia, um evento que desde a sua estreia já trouxe espetáculos de 21 companhias à aldeia de Coêdo.

“Acreditamos na arte como um caminho para nos encontrarmos. Para nos encontrarmos a nós próprios, assim como ao nosso papel na meio da aldeia, do bairro, da cidade, do mundo e do espaço infinito que se comprova existir pelo céu fora. Acreditamos que nesta complexidade de mundos, exteriores e interiores, a Arte desempenha um papel indispensável para que todos tenhamos o (nosso) melhor mundo.”¹⁹

Um dos mais emblemáticos exemplos do Barroco em Portugal e monumento nacional desde 1910, o Palácio de Mateus data da primeira metade do séc XVIII.

Em 1970 foi instituída a Fundação da Casa de Mateus, com a missão da preservação do património e da memória da Casa mas também a promoção de atividades culturais, científicas e pedagógicas, tornando-se um dos grandes pólos culturais da região e do país.

Em 1986 é fundado o Instituto Internacional Casa Mateus destinado à análise de problemas dos países de expressão portuguesa ou de países onde as componentes culturais ou económicas portuguesas sejam representativas.

A atividade cultural começou em 1978, ano em que recebem os primeiros concertos, e começam também os primeiros cursos de música da fundação, actividades que se mantêm até hoje no calendário. Foram responsáveis pelo primeiro festival de música de Vila Real em 1985.

Criou também dois prémios literários: O Prémio D. Dinis e o Prémio Morgado de Mateus, ambos em 1980, e realiza com regularidade exposições de artes plásticas e contam com publicações próprias.

Foram também responsáveis por mais de 90 seminários, colóquios ou apresentações públicas ao longo destas 4 décadas de existência.

Na área da Dança, destaca-se a Escola de Bailado de Vila Real, fundada em 1994 e registada na Royal Academy of Dance. Mais recentemente, foi fundada a PT Academy, que oferece aulas de dança contemporânea e hip hop.

¹⁷ <https://www.dgartes.gov.pt/pt/entidade/2822>

¹⁸ <http://www.urzeteatro.com>

¹⁹ <https://peripeciateatro.com>

2.7.6 Artes Plásticas e Fotografia

Uma vez que o ensino superior em Vila Real das áreas criativas é tendencialmente centrado na multimédia e na arquitectura paisagista, a parcela da classe criativa que se dedica às artes plásticas é reduzida e pode ser dividida em dois grupos: aqueles que se dedicam às artes a par de outro trabalho (como arquitetos ou professores) e aqueles que, tendo estudado fora de Vila Real, regressam à cidade.

Recuando, é importante mencionar os pintores Heitor Cramez (1889-1967) e Miguel Barrias (1904-1955), figuras ilustres da cidade da geração de artistas modernistas portugueses, que fundaram juntos uma empresa de ensino de desenho por correspondência - a Escola Nacional de Desenho.

No presente, destaca-se o Espaço d'Artes Jorge Marinho, onde acontecem aulas de pintura e exposições temporárias na Rua Direita (Rua Dr. Roque da Silveira) desde 2015, embora tenha tido outras moradas anteriores onde aconteciam as aulas.

Além disso, é nos espaços de exposição temporária institucionais - no Museu da Vila Velha, no Museu de Arqueologia e Numismática, na Biblioteca Municipal e no Teatro de Vila Real - que acontecem as exposições dedicadas às artes plásticas e à fotografia. Também o Centro Cultural Regional de Vila Real cede um espaço de galeria a artistas locais, sobretudo amadores.

Na fotografia, é graças ao Museu do Som e da Imagem e ao seu trabalho de recolha de espólios e tratamento de arquivo que o trabalho dos fotógrafos de décadas passadas - como o prolífero Mário Rodrigues da Silva (de nome artístico Marius), Filipe Borges Júnior ou o mais contemporâneo Duarte Carvalho - é arquivado e mostrado. Estes arquivos fotográficos são expostos temporariamente no Museu e na Biblioteca, e dão origem às publicações da coleção dos Cadernos do Museu do Som e da Imagem. Nos dias de hoje, em que se democratizou esta arte, a região conta com vários fotógrafos, profissionais e amadores, dos quais destacamos Violeta Moura em foto-jornalismo e Lino Silva em fotografia de espetáculo.

Nos eventos, destaca-se o Salão de Caricatura (extinto), a Bienal de Gravura do Douro, que passa por Vila Real a cada dois anos, o Festival Pitoresco (arte de rua), que acontece anualmente desde 2016, e o FIIN-Festival Internacional de Imagem de Natureza que terá a sua 5ª edição em 2021.

2.7.7 Literatura

Miguel Torga e Camilo Castelo Branco são nomes incontornáveis da literatura duriense. A estes, juntamos mais dois, que partilham o mesmo sobrenome mas não laços de sangue.

Torga (Adolfo Rocha, 1907-1995) nascido em São Martinho de Anta, Sabrosa, (cujo pseudónimo se inspira em Miguel Cervantes e na torga, o nome dado à urze, uma planta de montanha, resistente à intempérie e que fixa raízes sobre rocha) manteve uma relação muito próxima com São Martinho de Anta e os seus habitantes, embora vivesse grande parte do ano em Coimbra, onde era médico. Tal como a paisagem natural em volta está muito presente na sua obra (foi ele que chamou a Trás-os-Montes o Reino Maravilhoso), a sua vivência em São Martinho de Anta está muito presente nos seus habitantes, tanto os que se cruzaram com ele como nas gerações mais novas. Em 2021, a documentarista Sofia Saldanha criou um documentário sonoro a partir dessas memórias de mais de uma dezena de habitantes de São Martinho de Anta. Uma das histórias sempre repetidas é a relação de Torga com o Negrilho, a enorme árvore no centro de São Martinho de Anta e com quem o escritor conversava, como um amigo; conta-se que o Negrilho secou no ano em que Torga morreu.

Além do documentário sonoro, há projetos que têm sido feitos no sentido de cultivar e preservar a memória de Miguel Torga e a sua obra. O mais evidente foi a criação do Espaço Miguel Torga, em Sabrosa, com uma exposição permanente dedicada ao escritor e um espaço de exposições temporárias que acolhem desde exposições de carácter etnográfico (como a exposição de máscaras transmontanas em 2018) ou de arte contemporânea (como O Corpo e a Paisagem, uma exposição itinerante da Gulbenkian, em 2019). O Espaço Miguel Torga promove outras actividades, desde conversas a concertos, algumas em parceria com a Transa Cooperativa Cultural, o ciclo Novas Canções da Montanha, cujo nome homenageia os Novos Contos da Montanha de Torga, e a residência artística do duo Lavoisier na criação e composição do disco Viagem a um Reino Maravilhoso, com letras a partir dos poemas de Torga.

Camilo Castelo Branco (1825-1890) nascido em Lisboa sempre teve uma relação de amor-ódio com a cidade onde viveu em três períodos da sua vida e onde escreveu Agostinho de Ceuta levado à cena do antigo Teatro de Vila Real em 1846, um ano antes da sua publicação. Para além de uma vasta obra literária Camilo deixa também registos de uma vida atribulada, amores tumultuosos e uma voz política que por mais de uma vez terminaram em dissabores e agressões, razão pela qual abandona Vila Real em 1847, voltando apenas esporadicamente. Na sua obra refere-se mais de uma vez à cidade em tom depreciativo, embora por momentos tenha equacionado mudar-se de novo para Vila Real e ocupar o edifício onde hoje se encontra o Museu de Numismática e Arqueologia de Vila Real.

Após a sua morte em 1890 a cidade fez definitivamente as pazes com o conturbado autor, homenageando-o com uma rua, um liceu, um auditório e um busto no Jardim da Carreira.

António Cabral (1931-2007) nascido em Castedo do Douro, Alijó, deixou uma vasta obra escrita nas áreas da poesia, ensaios, ficção e teatro. Foi professor no Liceu Camilo Castelo Branco, animador sociocultural e investigador e um grande entusiasta dos jogos populares, deixando uma vasta obra de etnografia e ludoteoria.

Fundou o Centro Cultural Regional de Vila Real, atuando como presidente da direção e da assembleia geral. Nesse período promoveu encontros de escritores e encontros de jogos populares. Co-fundou também a Associação Nacional dos Animadores Socioculturais.

Participou em vários jornais e revistas, estando na génese de publicações como a Setentrião, Nordeste Cultural e Tellus, Revista de cultura transmontana e alto-duriense.

Em 2010 a cidade cria um prémio literário com o seu nome e que distingue trabalhos de Poesia em língua portuguesa .

António Manuel Pires Cabral (1941) nasceu em Chacim, Macedo de Cavaleiros. Após terminar os estudos académicos esteve ligado à educação dando aulas no Porto, prosseguindo como diretor das Escolas Preparatória e Industrial de Torre de Moncorvo e fixando-se depois em Vila Real, onde foi professor na Escola Secundária Camilo Castelo Branco. Estreou-se relativamente tarde com o livro de poesia Algures a Nordeste em 1974, tendo já publicado mais de meia centena de obras com grande ênfase na ruralidade do nordeste e trás-os-montes, com o qual se identifica fortemente e levando-o a participar ativamente na animação cultural, na pesquisa histórica, literária e etnográfica da região.



Feira do Livro dos autores transmontanos e durienses, Centro Cultural Regional de Vila Real, novembro 2000, © arquivo do CCRVR

Na literatura duriense destacam-se também Aquilino Ribeiro (Sernancelhe, 1885 - Lisboa 1863), Rui Pires Cabral (Macedo de Cavaleiros, 1967), Luisa Dacosta (Vila Real, 1927-2015), Vítor Nogueira (Vila Real, 1966), Fausto José (Armamar, 1903-1975), João de Araújo Correia (Peso da Régua, 1899-1985), Domingos Monteiro (Mesão Frio, 1903-1980), João Pina de Moraes (Lamego, 1889-1953), Graça Pina de Moraes (Porto, 1925), Alice Pereira Gomes (Tabuaço, 1910-1972) e Francisco José Viegas (Pocinho, 1962).

O principal promotor de atividades relacionadas com literatura, no concelho é o Grémio Literário Vila-Realense, estabelecido em 2006, um departamento cultural da Câmara Municipal de Vila Real. É simultaneamente um observatório do desenvolvimento da Literatura Transmontana e Alto-Duriense e um instrumento para a sua promoção, divulgação e estudo. Todos os anos o Grémio Literário assinala o Dia das Letras Transmontanas e Alto-Durienses no dia 16 de março. Cabe também ao Grémio entregar o Prémio Literário António Cabral, criado em 2010, e que premeia trabalhos originais de poesia, em língua portuguesa.

Entre 1984 e 1990 realizaram-se anualmente as Jornadas Camilianas, organizadas conjuntamente pelos Serviços Municipais de Cultura e Círculo de Estudos Camilianos e pela Região de Turismo da Serra do Marão, com a colaboração pontual do Arquivo Distrital de Vila Real e a Câmara Municipal de Ribeira de Pena.

As jornadas deixaram uma referência bibliográfica relevante e contribuíram para o renascer do interesse na obra do escritor, tanto a nível local como nacional.

Também na literatura, a UTAD é a primeira universidade do país a ter uma Cátedra José Saramago, dada a relação próxima do escritor com a região do Douro. Entre as propostas de intervenção, estão a promoção de dissertações de mestrado e teses doutoramento, roteiros pelo Douro ligados a Saramago, cinema, teatro, residências artísticas, tertúlias, conferências, seminários e cursos.

As livrarias eram lugar de reunião e um veículo cultural da cidade. A Livraria Branco é das mais antigas do país, fundada em 1849, e provavelmente a mais antiga a permanecer na mesma família. Além dela, a livraria Traga-Mundos, especializada em autores durienses e transmontanos, ocupa o espaço que outrora pertenceu à Livraria Setentrião, igualmente marcante em Vila Real.

2.7.8 Imprensa

“O Transmontano”, 1873, foi o primeiro jornal de Vila Real. De inclinação democrática e republicana, foi fundado por Augusto César, que acumulava as funções de proprietário, editor e redator. “O Vilarealense”, 1880, dirigido por Heitor Correia de Matos, foi outro dos jornais que marcaram a cidade, neste caso merecendo a menção na toponímia, no Largo com o mesmo nome.

Ao longo dos anos os jornais publicados em Vila Real contam-se acima da centena, com as mais diferentes orientações e interesses, sendo os anos 20 de fervilhante atividade editorial com exemplos como o 1º de Maio (1920, um número, editado pela União Artística Vila-Realense), O Marão (jornal nacionalista, 1923) ou o Cultura Moral (jornal religioso, 1924), entre outros. Nos anos 90, o Nordeste Cultural, entretanto extinto, chegava às bancas em Vila Real.

Hoje a cidade é servida pelos jornais locais “A Voz de Trás os Montes” (1947, originalmente em formato quatro páginas) e o “Notícias de Vila Real” (1998).

Nas rádios, mantêm-se ativas a Rádio Voz do Marão e a Universidade FM.

Nas revistas, merece destaque a Revista Tellus (1978), uma revista de cultura transmontana e alto duriense, hoje editada pelo Grémio Literário vila-realense.



Jogos populares, corrida de cântaros, s/d, © arquivo do CCRVR



Jogos populares, jogo do panelo, s/d, © arquivo do CCRVR

2.7.9 Associações culturais

O concelho de Vila Real é rico em associações culturais e recreativas. No início dos anos 90, a cooperativa do Centro Cultural Regional de Vila Real contava com mais de 150 colectividades inscritas como sócios (além dos sócios individuais), entre ranchos folclóricos seniores e infantis, tunas, zés-pereiras, bandas de música e grupos de teatro.

Um dos momentos mais marcantes neste movimento associativo foram os primeiros Jogos Populares Transmontanos, precursores das competições desportivas como as conhecemos hoje e com uma presença muito forte nas memórias das gerações mais velhas. Os Jogos Populares eram (e são) uma mistura de desporto, entretenimento e cultura popular. O primeiro encontro de Jogos Populares Transmontanos aconteceu em Vila Real, em Novembro de 1977, promovidos pelo que viria a ser a cooperativa cultural do Centro Cultural Regional de Vila Real, fundada dois anos mais tarde e dirigida por António Cabral. Escritor, diretor e co-fundador do Centro Cultural, dedicou uma grande parte do seu tempo e intelecto aos jogos populares portugueses, defendendo a prática do jogo para todas as idades. Os Jogos repetiram-se anualmente de 1980 a 1988.

O movimento associativo em Vila Real teve sempre uma expressão relevante na vida cultural do concelho. Em 2021 o município contabiliza 122 associações culturais e/ou recreativas sediadas no concelho de Vila Real, seja nas aldeias com os diversos ranchos folclóricos, grupos de bombos, grupos de cantares, que existem por todo o território, seja na cidade, com o mais variado tipo de projetos. Fora da cidade, nas aldeias e lugares, é desta forma que as gentes têm o primeiro contacto com a música, a dança e o teatro, e por isso se diz amador, porque assim aprendem a amar estas artes.

Num passado recente são disso exemplo associações como a Zona Livre, o ABC da Cultura ou a Espontânea, fundadas respetivamente em 2015, 2012 e 2006, e o Club de Vila Real, que durante a sua existência promoveram atividade cultural regular e se afirmaram como espaços de produção e promoção cultural.

Na preservação do património, destaca-se a Associação Arquivo de Memórias²⁰, que promove atividades ligadas à preservação da memória cultural da cidade e da região, desde publicações (em parceria com o Museu do Som e Imagem, por exemplo), conversas e percursos, entre outras atividades.

“poderemos constatar que, efetivamente, o Ensino Não-Formal continua a ser um dos meios mais catalisadores da Música no distrito de Vila Real. Na realidade, o número de associações que vamos encontrar a nível do distrito, vocacionadas, essencialmente, para o desenvolvimento da área da Música, nomeadamente Bandas Filarmónicas, Ranchos, Tunas, Coros, são em número considerável. Pelas estimativas e estudos feitos veremos mais à frente que chegam a englobar diretamente 10 mil pessoas neste tipo de ensino e somente cerca de 100 frequentavam o Ensino Formal, em 2004.”

José Neves, “O Ensino Artístico e a sua Didática como fatores determinantes da Educação - O Conservatório Regional de Música de Vila Real”, pg. 207, 2012

Associações culturais e/ou recreativas sediadas no concelho de Vila Real

Tipo de Atividade	Nome	Nº
Académica	Ass. Académica da UTAD	1
Bandas de Música	ACROLATIN Ass. C. R. - A TransDouriense	7
	Acordar para a Música – Ass. C. R. Mondrões	
	Ass. da Banda de Música de Nogueira	
	Banda de Música da Portela	
	Banda de Música de Mateus	
	Banda de Sanguinhedo - Ass. R. Cultural	
	BST – Banda Sinfónica Transmontana – Ass. Cultural	
Centros Culturais	Centro Cultural Arrabães	9
	Centro Cultural D. Recreativo Couto	
	Centro Cultural da Campeã	
	Centro Cultural Regional Vila Real	
	Centro D. C. R. N. Sra. Carmo Carro Queimado	
	Centro D. R. Cultural da Pena	
	Centro Jovem - Associação	
	Centro Social e Cultural S. João d' Arroios	
	Clube de Vila Real	
Coros	Coro de Camara D'Ouro - Ass.	6
	CCVR – Coral da Cidade Vila Real	
	Coro Juvenil “MAGNIFICAT”	
	Coro Juvenil “Merito Rebelde”	
	Coro Misto de Mouços	
	Coro Misto de Mouços	
Grupo de Bombos e Gigantones	Ass. C. R. dos Bombos “Aguias da Lage”	9
	Grupo de Bombos "Os Relâmpagos" de Sanguinhedo	
	Grupo de Bombos “A Malta do Zé da Pera” de Ferreiros	
	Grupo de Bombos “Explosão de Abambres”	
	Grupo de Bombos “Os Janotas” do Bª São Vicente de Paula	
	Grupo de Bombos “Os Trovões” de Escariz	
	Grupo de Bombos Vilarinho da Samardã	
	Grupo de Zés Pereiras - Os Trovadores	
	Os Verdes - Grupo de Zés Pereiras e Gigantones	

Grupos de Cantares	Grupo de Cantares “Mar de Pedra”	11
	Grupo de Cantares Aléu	
	Grupo de Cantares da Ass. Cultural de Constantim	
	Grupo de Cantares da Casa do Professor de Vila Real	
	Grupo de Cantares de Sta. Marinha- Águas Santas	
	Grupo de Cantares de Vilarinho da Samardã	
	Grupo de Cantares do Grupo Etnográfico de Danças e Cantares “O Cantaréu”	
	Grupo de Cantares do Rancho Etnográfico Borbela	
	Grupo de Cantares “A Voz do Campo”	
	Grupo de Cantares “As Vozes do Alvão”	
<hr/>		
Grupos de Folclore	Grupo de Danças e Cantares da Lage	9
	Ass. Cultura, Etnografia e Folclore da Freguesia de Vale de Nogueiras	
	Centro Cultural D. Recreativo Couto “Mãos à Obra”	
	Grupo de Danças e Cantares da Ass. Desportiva, Cultural de Constantim	
	Grupo Etnográfico de danças e cantares da Ass. Juvenil Cultural e Recreativa “O Cantaréu”	
	Rancho Etnográfico Borbela	
	Rancho Folclórico da Ass. Desportiva, Cultural, Recreativa de Águas Santas	
Rancho Folclórico de São Domingos		
Rancho Folclórico Recreativo Borbela		

	A Voz do Campo - Grupo C. R. Pomarelhos	
	Ass. C. D Valnogueiras	
	Ass. C. D. Ermida do Corgo	
	Ass. C. D. Leirós	
	Ass. C. D. S. R Lamares	
	Ass. C. D. Samardã	
	Ass. C. D. Social Vila Nova	
	Ass. C. D. Torneiros	
	Ass. C.R. Camilo Castelo Branco	
	Ass. C.R.D. Arnadelo	
	Ass. Cultura, Etnografia e Folclore da Freguesia de Vale de Nogueiras	
	Ass. Cultural D. S. Viver Lordelo	
Grupos desportivos e culturais	Ass. Cultural R. São Domingos de Gravelos	26
	Ass. Cultural Recreativa Merito Rebelde	
	Ass. D. Cultural Diogo Cão	
	Ass. D. Cultural Sabroso	
	Ass. D.C. Constantim	
	Ass. D.C. R. Águas Santas	
	Grupo C. R. D. Agarez	
	Grupo C. R. Folhadela	
	Grupo C. R. Pomarelhos	
	Grupo Cultural D. de Ferreiros	
	Grupo D. C. Vila Seca	
	Grupo D. Cultural das Flores	
	Grupo D. Cultural de Mondrões	
	Grupo D. Cultural R. Sapiões	

Outras	ADCTATA – Ass. D. C. dos Trabalhadores dos Impostos	30
	AATMD- Ass. Amigos Trás-os-Montes Alto Douro	
	Ass. Amigos da Sra. da Pena	
	Ass. Apoio Social do Alvão	
	Ass. Brincar, Educação Alternativa	
	Ass. C. Instantes Mutantes	
	Ass. C. R. Infantil Social “Os Vicentinos”	
	Ass. Centro Jovem	
	Ass. Círculo de Cultura Musical de Vila Real	
	Ass. Confraria do Covilhete	
	Ass. Douro Mexe	
	Ass. Emergente	
	Ass. Explosão de Abambres	
	Ass. Juvenil Cultural e Recreativa “O Cantaréu”	
	Ass. Lazer Terras da Sra. da Pena Mouçós	
	Ass. Pro Hildegard Von Bingen	
	Ass. S. Social Via Nova	
	Ass. Santa Marinha Vila Marim	
	Ass. Vastaplateia – Cultural pela Arte Experimental	
	ADCTATA – Ass. D. C. dos Trabalhadores dos Impostos	
AATMD- Ass. Amigos Trás-os-Montes Alto Douro		
Ass. Amigos da Sra. da Pena		
Ass. Apoio Social do Alvão		
Ass. Brincar, Educação Alternativa		
Ass. C. Instantes Mutantes		
Ass. C. R. Infantil Social “Os Vicentinos”		
Ass. Centro Jovem		
Ass. Círculo de Cultura Musical de Vila Real		
Ass. Confraria do Covilhete		
Ass. Douro Mexe		
Património	APBPB- Ass. Promotora do Barro Preto de Bisalhães	3
	Ad Justes – Ass. Desenvolvimento Local	
	Arquivo de Memórias	
Teatro	Ass. do Centro Cultural Lordelense	5
	Centro Cultural de Arrabães	
	Filandorra - Teatro do Nordeste C.R.L.	
	Peripécia Teatro	
Tuna Musical	Urze Teatro	6
	Ass. “Acordar para a Música”	
	Ass. Tuna R. Musical Bisalhães	
	TransmonTuna- Tuna Universitária	
	Tuna da Campeã	
Tuna de Mondrões		
Tuna Musical de São Tiago		
TOTAL		122

2.7.10 Ofícios Tradicionais

A região de Vila Real foi rica em diversos ofícios tradicionais. A maior parte caiu em desuso pela natural diminuição de procura com o surgimento de novos materiais e pelo desaparecimento dos artesãos, guardiões do saber. A cestaria, a latoaria, a tanoaria eram artes que existiam na região, mas aquelas que mais se associam a Vila Real são sem dúvida o Barro Preto de Bisalhães e os linhos de Agarez.

Os linhos diziam-se de Agarez por ser a aldeia com mais tecedeiras, cada casa tinha um tear, mas o linho fazia parte da vida diária de várias aldeias, onde se cultivava, maçava, fiava, e assim se vivia o ciclo do linho ao longo de todo o ano. Mas desta arte restam apenas gavetas cheias de memórias e teares silenciosos.



Trabalho do linho em Couto, Adoufe, s/d, © arquivo do CCRVR



Trabalho do linho em Couto, Adoufe, s/d, © arquivo do CCRVR

Já do Barro Preto de Bisalhães pode-se dizer que ganhou novo fôlego com a classificação de Património Cultural Imaterial que Necessita de Salvaguarda Urgente pela UNESCO em 2016

“A olaria de Bisalhães existe porque existem oleiros, artistas que dão forma ao barro, fazendo girar a roda, nalguns casos secular. Homens que amam a sua profissão e que falam com apreensão e tristeza do futuro da Arte que já vem do tempo dos seus antepassados: pais, avós, bisavós...”

Maria Emilia Campos, in “Bisalhães, Anatomia de um Povo”, 1999

As imagens da antiga Feira dos Pucarinhos mostram a importância do Barro Negro numa altura em que o artesanato era, sobretudo, utilitário. Com cada vez menos oleiros a trabalhar o barro, o Barro Negro é hoje uma tradição em vias de desaparecer.

A 5 de março de 2015 foi publicado em Diário da República o anúncio da inscrição do processo no inventário nacional do Património Cultural Imaterial. Os mais distraídos poderão perguntar-se o que tem de especial este barro para que o processo tenha sido classificado como Património Cultural Imaterial que Necessita de Salvaguarda Urgente pela UNESCO em 2016. A matéria-prima, o barro, é igual a muitas outras, a diferença está no modo de o trabalhar e, sobretudo, no processo de cozedura. Se, originalmente, o barro é castanho ou vermelho, é a cozedura artesanal que lhe confere a cor preta profunda, por vezes metalizada, tão característica do Barro Negro de Vila Real.

“De facto, e ao contrário do que muitos possam pensar, não foi a loiça preta em si – ou seja, as peças, os objectos – que foi classificada: foi, isso sim, o processo de confecção, isto é, o conhecimento (imaterial) que é posto em prática nas várias fases necessárias à confecção de uma peça de barro, desde o tratamento da matéria-prima à cozedura dos objectos. Esse património é transmitido oralmente, de pessoa para pessoa, normalmente de pai para filho ou de avô para neto, e mesmo dentro da comunidade local (no que concerne às tarefas mais comuns, menos específicas).”

João Ribeiro da Silva, “Vila Real - O processo de confecção da louça preta de Bisalhães”, Revista Pedra & Cal nº16, 2016

Diagnóstico

Embora já existam processos semi-industriais há várias décadas, a cozedura do Barro Negro, em Vila Real, manteve-se igual durante gerações, mesmo que isso signifique mais perdas na produção, mesmo que signifique mais esforço humano.

A soenga é um processo ancestral de cozedura do barro com origem em longínquas tradições neolíticas, um processo que não sendo exclusivo de Bisalhães, é raro no panorama nacional. É feita em fornos escavados no chão, onde as peças são empilhadas. A labareda alta que se segue é abafada com giestas, folhas e terra, privando o forno de oxigênio e prendendo o fumo dentro dele — é esse processo, ao ar livre e que pode demorar toda a noite, que dá ao barro a sua cor negra.

Peças como a Bilha de Rosca ou a Bilha do Segredo são formas tradicionais na sua essência e que continuam a ser produzidas como há anos, tal como o alguidar de arroz, que, além de produzido, continua a ser utilizado para cozinhar arroz em forno.

Embora tenham surgido novas interpretações e peças de Barro Negro, a necessidade de salvaguarda urgente mantém-se, sobretudo pela idade avançada dos 5 oleiros que mantêm atividade.

“Desde 2016, com a classificação da UNESCO do Processo de Fabrico da Louça Preta de Bisalhães na Lista do Património Cultural Imaterial que Necessita de Salvaguarda Urgente, ser oleiro tornou-se uma profissão mais respeitada em Bisalhães e em Vila Real. Os próprios oleiros sentem-se reconhecidos pela sua comunidade e por cada vez mais turistas que vêm a Vila Real, e orgulham-se de se identificar como artesãos. Os últimos quatro anos foram muito importantes para a Louça Preta de Bisalhães. Mesmo que algumas das atividades não ocorressem, houve um investimento na divulgação dos oleiros e da olaria. Por outro lado, a Louça Preta de Bisalhães foi tema de inúmeras intervenções da arte urbana, bem como objeto de estudos, trabalhos académicos, exposições e diversas publicações e comunicações científicas em eventos patrimoniais e artesanais. Realizaram-se programas de rádio e TV, entrevistas/reportagens para jornais e revistas, convidando públicos regionais, nacionais e internacionais a conhecer e visitar Vila Real e Bisalhães. Após a inscrição, e graças à nova visibilidade desta arte, a procura desta olaria aumentou, as visitas a Bisalhães triplicaram, os restaurantes locais apostaram na apresentação da olaria de Bisalhães e a maioria das instituições regionais passaram a escolher troféus de olaria de Bisalhães, para oferecer nas suas atividades, seguindo o exemplo da Câmara Municipal de Vila Real.”

Gina Pereira Telmo, 2021



© Estelle Valente

2.7.11 Gastronomia

“Aqui só se come vitela”, assim era afamada Vila Real, numa expressão demonstrativa da importância da carne de vaca na gastronomia local.

Da vitela assada no forno à bola de carne, às tripas, mãozinha e outras partes menos nobres, estes pratos, embora não exclusivos da região, fazem parte do menu vila-realense há gerações.

São, no entanto, exclusivos os Covilhetes, empadas com recheio de carne picada, tradicionalmente feitos em formas de barro preto de Bisalhães e outrora relacionados com a Feira de S. António; e as tripas aos molhos, das quais a origem é material de histórias, sem que nenhuma possa ser provada como verdade.

Diretamente relacionada a esta tradição gastronómica está a carne Maronesa DOP, que encontramos a pastar livremente nas terras altas entre o Alvão, o Marão e a Padrela - referida em 2020 como a melhor carne do mundo numa competição oficiosa promovida pela Fistera Bovine World.

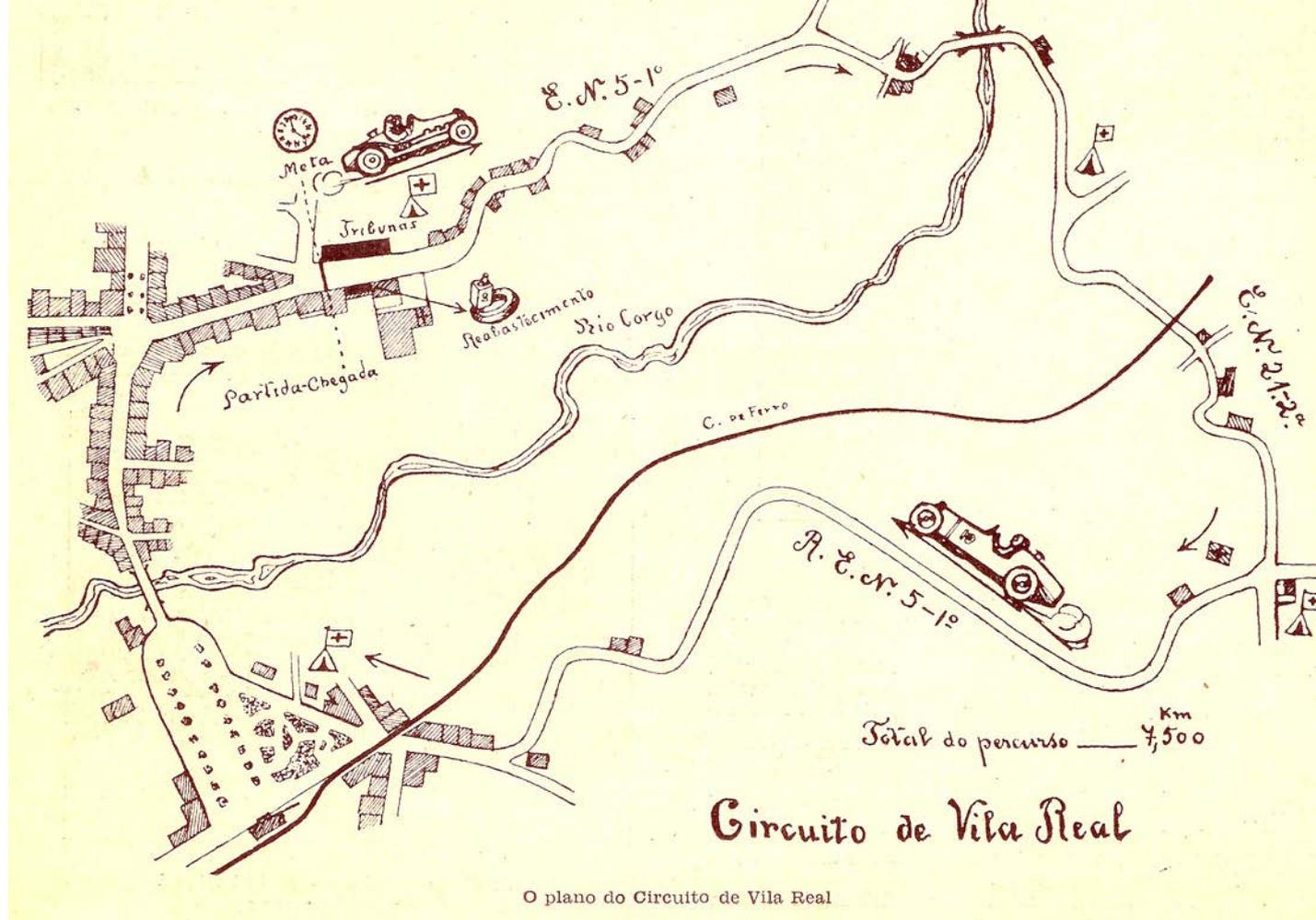
Estes três elementos — os covilhetes, as tripas aos molhos e a carne Maronesa — fizeram parte da mesa de Vila Real que foi eleita uma das vencedoras no concurso das 7 Maravilhas à Mesa da RTP, em 2018

A doçaria conventual está intimamente ligada com o Convento de St. Clara, onde terão nascido as tigelinhas de laranja, os pastéis de toucinho (hoje cristas de galo) e os famosos pitos de Santa Luzia com recheio de abóbora. Estes últimos seriam, nas celebrações da Santa que lhes dá nome, em dezembro, oferecidas aos “rapazes” como prova de afeto. Como retribuição, em fevereiro, nas celebrações de S. Brás são oferecidas às “raparigas” as Ganchas, rebuçado em forma de báculo, numa tradição que ainda hoje se mantém.

No concelho de Vila Real existem 257 empresas registadas com o código de atividade 5610 Restaurantes (inclui atividades de restauração em meios móveis).²¹

“O que não se come no dia de Santa Luzia come-se ao outro dia”
Provérbio Popular





Mapa da Corrida de 1931, © Coleção Adelino Dinis

2.7.12 Circuito Internacional de Vila Real

“Glória aos corredores! Glória aos corredores que de tão longe vieram com os nervos de aço e os olhos de águia.”

Euclides Portugal, Ode ao Circuito de Vila Real, Vila Real, 1958.

A 15 de Julho de 1931, por iniciativa de alguns ilustres vilarealenses, com destaque para Aureliano Barrigas, nasce a primeira edição do circuito automóvel de Vila Real.

Um evento pioneiro que tornou Vila Real não só o berço mas a capital do desporto motorizado de Portugal, sendo a cidade com maior tradição neste desporto. Foi nestas estradas que se revelaram muitos dos mestres do volante nacional. Em 1936 recebeu pela primeira vez pilotos estrangeiros e ganhou a designação de circuito internacional, no mesmo ano em que ganhou piso alcatroado.

Ao longo de 90 anos - com alguns interregnos - as corridas de Vila Real têm sido um dos grandes dinamizadores e recurso turístico da cidade, recebendo multidões de entusiastas do desporto motorizado e sendo hoje acompanhadas por milhões de pessoas por transmissão televisiva internacional. Em 2022 prevê-se a realização do 51º Circuito Internacional de Vila Real, adiado pela pandemia.

2.7.13 Festas Populares

Em Vila Real celebram-se todos os santos populares, a festa não cessa do Santo António até ao São João. O Santo António é o padroeiro da cidade. O São João reapareceu na primeira década do século XXI depois de um tempo em que esteve mais esquecido. O São Pedro é uma festa e uma feira, a Feira dos Pucarinhos, e apesar de já serem poucos os que lá vendem o barro preto ou o linho, esse cariz de importância económica mantém-se.

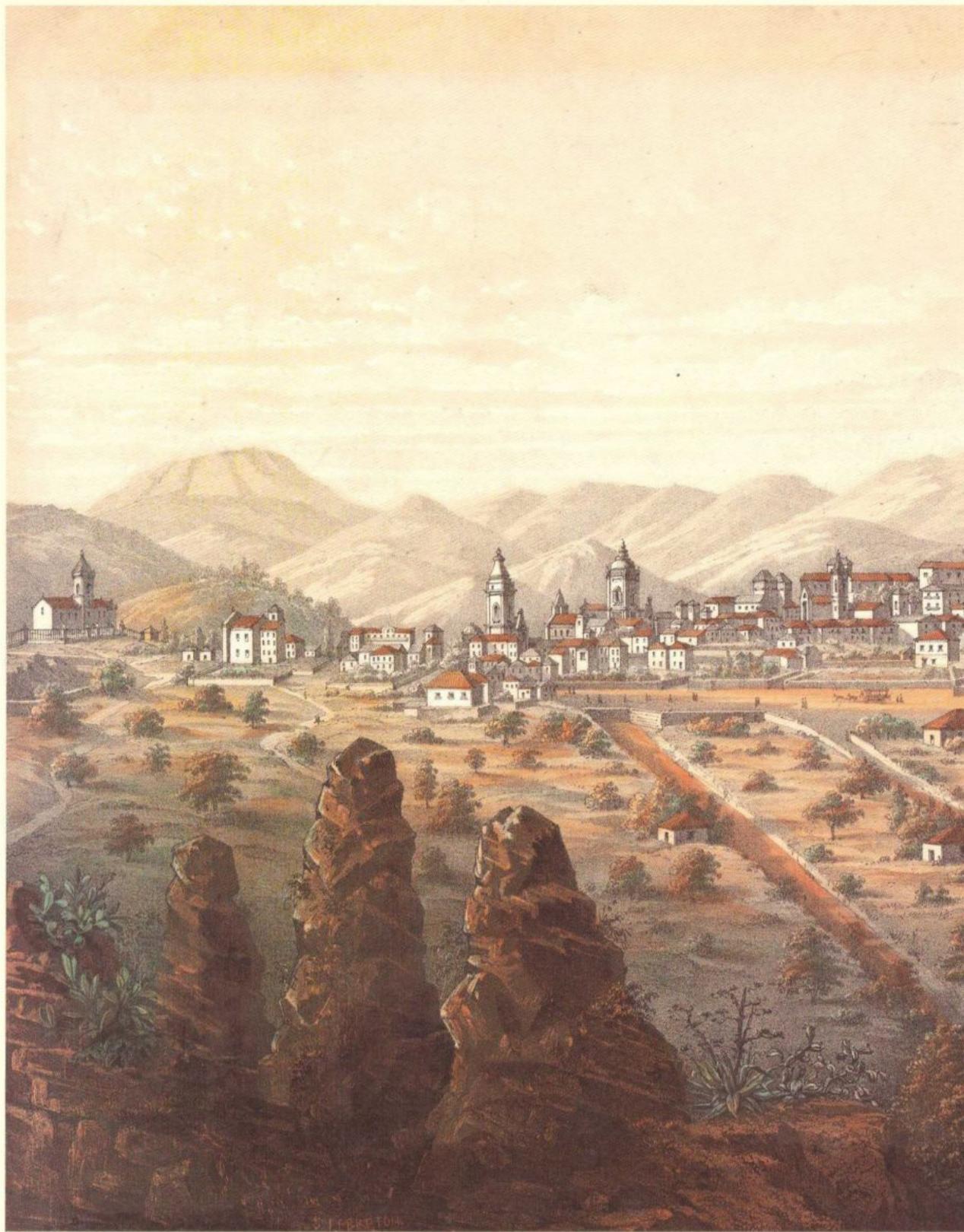
A festa da Senhora da Pena, que se realiza no 2.º domingo de setembro em Mouçós, é sem dúvida a maior que se realiza nas freguesias do concelho. É conhecida pela dimensão magistral dos andores, que chegam a ter mais de 20m de altura, carregados ao ombro por mais de 100 homens e equilibrados por cordas, como cireneus, devido à altura. A festa que atrai milhares de pessoas, entre fiéis e turistas, é animada com grupos de bombos e outras atividades, mas o ponto alto é a tradicional “dança dos andores” à volta do Mosteiro da Senhora da Pena no final da procissão, que apesar da dimensão e peso, os homens levam aos saltos num último esforço final. A organização da festa é assumida, de forma rotativa, por onze das vinte aldeias da freguesia de Mouçós, nomeadamente Lagares, Sequeiros, Abobeira, Jorjais, Lage, Varge, Alvites, Magarelos, Cigarrosa, Pena de Amigo e Sanguinhedo, o que mantém uma concorrência saudável, e assim, a tradição viva.

Outra tradição bem viva em Vila Real são as celebrações de Santa Luzia e de São Brás, festas de origem religiosa, que prosperam e se tornaram tradição popular, pelo ritual que as une, entre si e à gastronomia local. No dia de Santa Luzia, padroeira dos cegos, 13 de dezembro, manda a tradição que as raparigas ofereçam o pito, um pastel com doce de abóbora, aos rapazes seus eleitos, para que no dia 3 de fevereiro, dedicado na liturgia a São Brás, os rapazes retribuam a oferta com a gancha, um rebuçado em forma de báculo bispal.

Conta a história que os pitos foram criados por Ermelinda Correia, natural de Vila Nova, na freguesia de Folhadela, e que, por ser muito gulosa, foi enclausurada pelos seus pais no convento de Santa Clara. Como irmã Imaculada, teve uma visão enquanto aplicava panos de linhaça como curativos em doentes (os panos eram quadrados, com os cantos dobrados para dentro), que a inspirou a criar os famosos pitos a partir de quadrados de massa e compota de abóbora ao centro. Pela proibição de ser gulosa, ao cruzar-se com a madre superiora, que era cega, disse-lhe que os pastéis que levava eram pachos de linhaça para os doentes e pensou que “do que não se vê, não se peca”. A sua devoção a Santa Luzia misturou as tradições e, ainda hoje, os pitos de santa luzia são os doces tradicionais da celebração.

Além das festas tradicionais que englobam o concelho, durante o mês de agosto e início de setembro, várias aldeias organizam festas em honra ao santo padroeiro da aldeia (exemplos são a Nossa Senhora da Guia em Vila Marim, o Nosso Senhor dos Aflitos e Santa Maria Madalena em Lordelo, a Santa Maria Maior em Borbela, a Nossa Senhora da Ajuda em Sanguinhedo, o Nosso Senhor dos Aflitos na Lage ou mesmo a Senhora da Pena em Mouçós). Também em agosto assinala-se no concelho o Dia do Emigrante, no dia 15, recentemente com a realização de concertos na Praça do Município, promovidos pela Câmara Municipal, um esforço demonstrativo da importância dos emigrantes que regressam ao concelho durante o verão, sobretudo no mês de agosto.





VILLA REAL DE

Paris, BULLA frères, édit rue Tiquetonne, 16.

M. Coste



TRAS OS MONTES .

na Lisboa .

B. Doux _ Rio de Janeiro .

Modo Fácil de Copiar uma Cidade

À MANEIRA DE FILIPE NUNES

Para facilmente poderdes copiar uma cidade, construí um quadrado com uma rede estirada, de modo que as malhas fiquem todas direitas na sua proporção. A seguir fazei num papel a mesma rede com linhas. Depois procurai o lugar de onde melhor se descubra a cidade, os olhos e o quadrado num só ponto, para que não percais a vista correcta do perfil. Podereis então copiar facilmente. Porque passareis a torre que fica numa malha da rede para a malha que lhe responde no papel. E fareis o mesmo a partir da outra malha onde aparece a árvore. E assim podereis ir pelas malhas, copiando a pouco e pouco.

PRECIPÍCIO

Desde o corpo da pintura ao aparato das cores, A cidade impõe o ritmo e decide quando e onde: Que vestidos e que rosto, que edifícios e ornamentos Damos a cada figura. Mas deixemos por agora As coisas altas, o caminho mais trilhado E sabido do pintor. Estais a olhar para o sítio certo? As histórias combinadas com a música? O abismo que se impõe aos nossos pés?

TERRENO

Muitas vezes o pintor fica sozinho, com o terreno à sua frente, acentuado, e os demónios às bicadas na sua cabeça. É a altura de arriscar, de subir os degraus da escada óptica, de forçar a realidade a caber nos seus desenhos. É também, senhores, a parte mais perigosa da escalada – seria mau momento para a corda se partir. Como quem salta de uma dor física para um amor perdido, ter as mãos e os braços em farrapos e poder subir ainda um pouco mais.

REENCONTRO

É preciso sujarmo-nos de vez em quando. Só estou a dizer que é preciso sujarmo-nos De vez em quando. Falo de voltar Para as partes sujas e humanas da cidade. Falo de um caminho para o reencontro, Cortes suficientemente fundos para deixarem Cicatrizes permanentes. Cerveja, tabaco, Amendoins, falo de todas estas coisas, Sem qualquer ordem em particular. Acho que o coração ainda bate. O coração de um homem renascido. Com a cidade à sua volta, orgulhosa como um castelo.

ESPELHO

(...)

Deixemos os pincéis, o cavalete, As tintas, o verniz, o diluente. De volta, Enfim, a um mundo que entendamos. Eu e tu e a nossa vidinha. Emende e acrescente quem souber.

Vitor Nogueira

in Modo Fácil de Copiar uma Cidade, & Etc, 2011

Nota prévia

Neste livro de poemas *Modo Fácil de Copiar uma Cidade*, o poeta vila-realense Vitor Nogueira lança um desafio provocatório que aceitámos.

Não há um modo fácil de copiar uma cidade. Vila Real não cabe no “quadrado”. Olhámos em várias direções até encontrarmos “o sítio certo”; ouvimos “as histórias combinadas com a música” e sentimos o friozinho na barriga quando nos deparámos com “o abismo que se impõe aos nossos pés”. Parámos várias vezes, redefinimos estratégias e assumimos que era “a altura de arriscar, de subir/ os degraus da escada óptica, de forçar /a realidade a caber nos seus desenhos.” “É preciso sujarmo-nos de vez em quando”, deixar a zona de conforto e criarmos desassossego porque “o coração ainda bate. O coração / de um homem renascido. Com a cidade / à sua volta, orgulhosa como um castelo.” Tenhamos a coragem de aproveitar esta oportunidade que a decisão de nos candidatar-mos a Capital Europeia da Cultura 2027 nos proporciona e, em conjunto, construamos “um mundo que entendamos” traduzido num Plano de Ação.

“Emende e acrescente quem souber.” É este o desafio e o convite que aqui fica.

03

Enquadramento do Plano Estratégico Municipal de Cultura – Vila Real

3 Enquadramento do Plano Estratégico Municipal de Cultura – Vila Real

Segundo afirma a UNESCO na Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural, 2001 “a cultura deve ser vista como um conjunto de características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais diferenciadoras de uma sociedade ou de um grupo social, e que compreende, para além da arte e da literatura, os estilos de vida, as formas de viver em conjunto, os sistemas de valores, as tradições e as convicções.”²²

A esta ideia de Cultura devemos acrescentar a preocupação com a consecução dos ODS, da Agenda 2030.

“Os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável são o novo contrato social global.”

Ban Ki-Moon, ex Secretário Geral da ONU

Apesar de todos os documentos políticos defenderem que “não há desenvolvimento sem Cultura ou que a Cultura é imprescindível para o Desenvolvimento” não se encontram evidências de inclusão efetiva da Cultura na agenda política do Desenvolvimento.

São de valorizar as iniciativas e ações de cidadãos, sociedade civil, e políticas locais, que são realmente transformadoras e têm mudanças significativas e evidenciam a importância do local e da proximidade para atribuir verdadeiro significado à relação difícil entre Cultura e Desenvolvimento. Contudo, é de notar que nem tudo o que a Cultura gera para a sociedade pode ser assinalado como contributo para o Desenvolvimento e que muito do que é gerado ao nível do intangível e do subjetivo não é visto como determinante para o Desenvolvimento.

Pensar um Plano Estratégico Municipal de Cultura em termos de sustentabilidade de Futuro exige uma profunda mudança na mentalidade do sector e das políticas culturais em todos os níveis.

3.1.– Cultura e Desenvolvimento: uma relação difícil

Desde os anos 70 que a reflexão sobre Cultura e Desenvolvimento tem evoluído no sentido de deslocar o carácter economicista do conceito de Desenvolvimento para a dimensão de um desenvolvimento humano sustentável que garantisse o respeito pelo meio ambiente, pelas diversidades culturais e pelas aspirações humanas a um futuro próspero, pacífico e harmonioso, um desenvolvimento equitativo e solidário de todas as sociedades. Davam-se passos largos para a afirmação da identidade cultural em que assenta a visão do ser humano enquanto ator e objeto de desenvolvimento, por oposição à visão do ser humano assente em critérios de produtividade e de necessidades básicas e materiais.

A UNESCO assumiu este fórum de discussão e reflexão internacional, ao longo das últimas décadas. Em pinceladas leves, elencamos alguns dos momentos mais significativos destes avanços:

Em 1970, na Conferência Intergovernamental sobre os Aspectos Institucionais, Administrativos e Financeiros, surge um primeiro documento orientador da recomendação para a criação de políticas culturais com o objectivo de promover o desenvolvimento dos espaços territoriais nacionais.

Este marco dá origem a diferentes reflexões e conferências regionais, como a “Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais Europeias” em Helsínquia, 1972; em 1973 em Yogyakarta, na Indonésia a “Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais na Ásia” e em 1975 a “Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais em África” que se reúne em Acra, no Gana, e que se concretiza com apoio da Organização da Unidade Africana (OUA) e que fica conhecida como Africacult-Acra 1975²³, considerado o momento em que é reivindicada a inclusão da dimensão da cultura como ato de desenvolvimento ao afirmarem que “o desenvolvimento cultural não é somente o corretivo qualitativo do desenvolvimento senão a verdadeira finalidade do progresso” e ao salientarem a necessidade de “uma aceitação mais geral do conceito de desenvolvimento socioeconómico integrado, que tenha as suas raízes profundas nos valores culturais”.

²² Esta definição está na linha das conclusões da Conferência Mundial sobre Políticas Culturais (MONDIACULT, Cidade do México, 1982), da Comissão Mundial sobre Cultura e Desenvolvimento (A Nossa Diversidade Criativa, 1995) e da Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento (Estocolmo, 1998).

²³ https://ocpa.irmo.hr/about/Accra_Declaration-en.pdf

Estas recomendações terão profundas implicações na América Latina, sobretudo quando considera que é necessário um diálogo entre as comunidades urbanas e rurais, entre as minorias étnicas ou “comunidades naturais”. Esta questão vai colocar na agenda política latino-americana a questão dos “povos indígenas” e questionar os diferentes programas de desenvolvimento, reivindicando aquilo a que se chamará o “desenvolvimento integral”. A Conferência Mundial sobre Políticas Culturais (Mondialcult – México, 1982) traduziu-se, assim, numa ampla definição antropológica de Cultura e é, ainda hoje, a definição mais partilhada.

Estas conferências vão dar origem a diversas visões de cultura como componente do desenvolvimento. A Década Mundial do Desenvolvimento Cultural (1988 -1997) lançada pela UNESCO foi uma forma de mobilização e de esforço coordenado de longo prazo. A promoção deste grande objetivo traduziu-se em mais de 1200 projetos desenvolvidos por estados-membros, organizações internacionais, associações e indivíduos. Entre as atividades lançadas, destaca-se a criação da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento, constituída em 1992 pelas Nações Unidas e pela UNESCO, e cujo relatório final, A Nossa Diversidade Criadora, é ainda um instrumento atual e deu origem ao programa de ação Agenda Internacional. De salientar, ainda, a Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento, em Estocolmo, na Suécia em 1998.

Reconhecida a sua importância, os resultados foram publicados em obras como Cultura e Desenvolvimento: para uma Abordagem Prática (1994) e Mudança na Continuidade – Conceitos e Instrumentos para uma Abordagem Cultural do Desenvolvimento (2000).

O maior mérito (e avanço) da conferência foi afirmar que as políticas culturais devem estar ligadas a outras áreas da vida e ser concebidas como um elemento de relevância transsetorial ou transversal do desenvolvimento, traduzido no Plano de Ação de Estocolmo que enfatizou a necessidade de considerar, nas políticas culturais, simultaneamente os valores universais e as diversidades locais, harmonizando essas políticas nacionais com o respeito ao pluralismo cultural. A atenção dos estados-membros concentrou-se na questão da diversidade cultural como força motriz do desenvolvimento (e não apenas para o crescimento económico), mas também para uma vida intelectual, emocional, moral e espiritual mais enriquecedora e que era um recurso indispensável para reduzir a pobreza e alcançar a meta do desenvolvimento sustentável.

No entanto, malgrado o trabalho feito pela UNESCO, em 2000 a Assembleia Geral das Nações Unidas aprova a Declaração do Milénio e os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) que configuram o compromisso da comunidade internacional para a luta contra a pobreza e a fome mas a cultura não surge associada a estes objetivos.

Objectivos de desenvolvimento do milénio



Em 2001, após o 11 de Setembro, a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural²⁴, da Unesco, reafirma a importância do diálogo intercultural e rejeita a tese do inevitável conflito de culturas e civilizações.

Em 2005, A Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais vem colmatar uma lacuna da Declaração de 2001: enfatizar a complementaridade dos aspetos económicos e culturais do desenvolvimento, pois a diversidade das expressões culturais contidas nas atividades culturais e nos bens e serviços ao longo da cadeia - criação, produção, distribuição/ disseminação, acesso e aproveitamento dessas expressões - reafirmam a cultura como um dos principais recursos para a sustentabilidade. Afirma-se o conceito de Indústrias Culturais e Criativas.

Nesta perspetiva, podemos ainda citar o relatório mundial Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural²⁵, publicado pela Unesco, que analisa os desafios da diversidade cultural e oferece uma contribuição concreta para a agenda do desenvolvimento sustentável e da paz baseada no princípio da “unidade na diversidade”.

Seis décadas depois, ainda estamos longe da aplicação generalizada da abordagem cultural nas estratégias de desenvolvimento. Apesar disso, podemos identificar tentativas que merecem ser lembradas.

Entre esses esforços, a experiência espanhola merece atenção especial, por ser a mais ambiciosa e completa. A partir de 2005, a Agencia Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID) assumiu a liderança na adoção da Estratégia de Cultura e Desenvolvimento da Cooperação Espanhola, que defendia a integração da dimensão cultural em todas as intervenções realizadas no âmbito do plano diretor da cooperação espanhola.

Essa decisão veio acompanhada de iniciativas de pesquisa, formação e informação que contribuíram para a dinamização dos esforços no nível inter-regional. A AECID, junto com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a UNESCO, realizaram projetos experimentais para fortalecer a integração da cultura na realização dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM).

Ao nível das estratégias internacionais e regionais, destaca-se a adoção de importantes documentos, como:

- O acordo de cooperação entre a União Europeia e os países da África, do Caribe e do Pacífico (ACP) - Acordo de Cotonou, 2000;
- As diretrizes da South-East Asian Ministers of Education Organization – Regional Centre for Archaeology and Fine Arts (Seameo -Spafa) (2004);
- A Carta do Renascimento Cultural Africano (2006), da União Africana;
- A Declaração sobre Cultura e Desenvolvimento e o relatório Colocando a Cultura em Primeiro Lugar (2009), da Commonwealth.

A partir do ano 2010, o debate sobre a relação entre cultura e desenvolvimento ganhou um novo ímpeto no contexto da preparação da estratégia das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável para o período de 2015 a 2030.

Considerando as críticas sobre a ausência de uma referência direta à cultura nos ODM e na estratégia das Nações Unidas de desenvolvimento para o período de 2000 a 2015, os agentes do sector cultural mobilizaram-se com grande otimismo e muita energia para remediar a persistente desconsideração do papel da cultura na nova agenda internacional de desenvolvimento humano.

Desta mobilização, destacamos:

- A Cúpula Mundial de Líderes Locais e Regionais (Cidade do México, novembro de 2010), que adotou um documento de orientação política intitulado A Cultura É o Quarto Pilar do Desenvolvimento Sustentável.
- O congresso internacional de Hangzhou, na China, com o tema Cultura: Chave para o Desenvolvimento Sustentável (2013), que discutiu a questão da integração da cultura na conceção, na avaliação e na prática do desenvolvimento sustentável, assim como a sua contribuição para a solução de importantes questões mundiais, como a pobreza, o meio ambiente e a inclusão social. Os resultados desses debates foram sintetizados na Declaração de Hangzhou, na qual os participantes do congresso insistiram no papel indispensável que deve ser garantido à cultura nas estratégias públicas de desenvolvimento sustentável. A declaração também enfatizou que a economia criativa pode ser uma reserva para o desenvolvimento económico e o bem-estar e propôs à comunidade internacional integrar a cultura como objetivo principal na nova agenda do desenvolvimento sustentável, para além

²⁴ <https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-diversidadecultural.pdf>

²⁵ UNESCO, 2009. Resumo disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/imagenes/0018/001847/184755S.pdf>> e <<http://www.unesco.org/library/PDF/Diversidad.pdf>>.

²⁶ https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/15771Portugal2017_PT_REV_FINAL_28_06_2017.pdf

de 2015, a fim de promover paz, reconciliação, direitos culturais, inclusão social, redução da pobreza, desenvolvimento urbano, cooperação, proteção do meio ambiente e prevenção de desastres naturais e mudanças climáticas.

- O Terceiro Fórum Mundial da UNESCO sobre Cultura e Indústrias Culturais (Florença, 2014), no qual mais de 400 especialistas discutiram o tema Cultura, Criatividade e Desenvolvimento Sustentável – Pesquisa, Inovação, Oportunidades, e adotaram a Declaração de Florença, que reafirmou a importância da cultura e das indústrias culturais como fontes de criatividade e inovação.

O Fórum de Florença também considerou os resultados das consultas organizadas em 2014 no contexto dos diálogos sobre cultura e desenvolvimento pós-2015, coordenados pela UNESCO, UNFP (Fundo de População das Nações Unidas) e pelo PNUD. Esses diálogos permitiram reconhecer as vozes da sociedade civil e dos agentes dos setores público e privado que se manifestaram sobre a necessidade de refletir explicitamente o papel da cultura na agenda de desenvolvimento pós-2015 e assentou na campanha global “O Futuro que queremos inclui a Cultura”, impulsionada por organizações não governamentais de cerca de 120 países (#culture2015goal) e pelas conclusões do Relatório das Nações Unidas sobre a Economia Criativa 2013.

A fim de apoiar a inclusão da cultura como um elemento dinâmico para o desenvolvimento sustentável, a UNESCO publicou vários relatórios internacionais que demonstraram com dados concretos que a cultura e as indústrias culturais não contribuem apenas para a qualidade de vida, mas também representam um potencial considerável para o desenvolvimento económico e social.

- O documento de 2015 Re | pensar as Políticas Culturais – Relatório Global da Convenção de 2005, publicado pela UNESCO em 2016, baseia-se em dados quantitativos e qualitativos obtidos de fontes governamentais e não governamentais.

Ao avaliar as experiências de dez anos de promoção da diversidade das expressões culturais para o desenvolvimento, o relatório analisa o impacto positivo da convenção em políticas, planos e programas baseados no desenvolvimento cultural sustentável. Conclui que, apesar da notável evolução, ainda há muito a ser feito em termos de integração da dimensão cultural nos quadros de desenvolvimento sustentável.

A partir de 2010, a questão da cultura e do desenvolvimento sustentável aparece regularmente na agenda da Assembleia Geral das Nações Unidas (Agnu).

A Agnu adotou, na sua 70ª sessão, de 22 de dezembro de 2015, a resolução A/Res/70/214, sobre cultura e desenvolvimento sustentável. A quinta resolução da ONU sobre cultura e desenvolvimento, que se baseia nas quatro anteriores, é o resultado de esforços internacionais conjuntos para reafirmar o papel da cultura como facilitadora do desenvolvimento sustentável.

Todas essas iniciativas e esses esforços terminaram com um resultado ambíguo.

Em setembro de 2015, a Agnu aprovou a resolução Transformar o Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, a agenda das Nações Unidas para orientar os esforços para o desenvolvimento sustentável no período de 2015 a 2030.

Essa estratégia inclui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas que estimularão ações nas esferas consideradas prioritárias.²⁶

Objetivos globais para o desenvolvimento sustentável



E mais uma vez, apesar de todas as conferências mundiais e resoluções, a Cultura não é um objetivo principal da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. O facto de, na introdução do documento, surgir a referência ao princípio do respeito à diversidade cultural (§ 8), e são reconhecidas todas as culturas e civilizações que podem contribuir para o desenvolvimento sustentável (§ 36) e de nos objetivos se notar a intenção de integrar aspetos culturais às ações previstas para atingir as metas estabelecidas, o facto é que o papel da CULTURA é marginal.

De um modo geral todas as políticas internacionais e os organismos multilaterais para a cooperação e o desenvolvimento adotam estas diretrizes, onde a cultura está ausente. Talvez possamos destacar 2 razões para este facto: por um lado, o conceito de sustentabilidade proveniente das ciências naturais parece estranho e distante em contextos culturais e, por isso, a relação / conexão entre ambos ainda não é entendível por muitos profissionais; por outro lado, a cultura surge como veículo ao serviço de outras disciplinas ou de outros sectores (turismo, educação, etc) e não como um valor em si.

3.2. Cultura e Desenvolvimento no Plano Estratégico Municipal de Cultura –Vila Real

Pelo anteriormente exposto, consideramos importante abordar o conceito de cultura num outro prisma e socorremo-nos de dois momentos de extrema importância na relação da Cultura com a Sustentabilidade, no quadro europeu: a Convenção de Faro do Conselho da Europa, de 2005, e a Carta de Porto Santo, de 2021, que resultou da Conferência “Da Democratização à Democracia Cultural”: Repensar Instituições e Práticas”, organizado sob os auspícios da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, entre os dias 27 e 28 de Abril de 2021.

3.2.1 A Convenção de Faro do Conselho da Europa

De 2005,²⁷ é um documento estruturante que complementa e consolida os instrumentos anteriores do Conselho da Europa relativamente à protecção do património arquitetónico e arqueológico dos Estados-membros. Entre outros aspectos relevantes, coloca o enfoque na relação do património com os direitos humanos e com a democracia e promove uma compreensão mais ampla do património na sua relação com as comunidades e com a sociedade. Por outro lado, esta definição mais completa de património criou novas formas de gestão e uma maior responsabilização das comunidades e da sociedade civil, imprimindo a cidadania cultural. Reitera-se, no documento, o eixo estratégico de que o património não diz respeito apenas ao nosso passado, mas também ao nosso presente e ao nosso futuro.

Segundo Guilherme de Oliveira Martins, “Trata-se de tornar clara a importância fundamental do valor acrescentado que as novas gerações somam e incorporam na realidade cultural dinâmica de que somos protagonistas, não como realidade autónoma ou de geração espontânea, mas como algo que se insere na afirmação histórica de uma humanidade que evolui através da sua ilimitada capacidade de contrariar os determinismos de um destino cego. E assim um monumento histórico, um lugar, uma tradição têm de ser defendidos e preservados não só porque representam um sinal de presença e de vida de quem nos antecedeu, mas também porque contribui decisivamente para enriquecer a nossa vida e a nossa existência. Não estamos sós, em cada momento, a História faz-se com os contemporâneos e com aqueles que tornaram possível a nossa existência e constituíram as gerações que nos antecederam.

A finalidade da Convenção de Faro do Conselho da Europa é o reconhecimento de “valor” para a sociedade do património histórico e da cultura, considerados como realidades dinâmicas, resultado de uma fecunda dialéctica entre o que recebemos e o que legamos relativamente à criação humana. Os valores não são objectos ideais. E os fenómenos culturais participam dessa qualidade, não cabendo em “modelos estáticos”, devendo, sim, inserir-se no horizonte da “experiência histórica”.

Estamos perante um instrumento de referência, apto a influenciar outros instrumentos jurídicos de âmbito nacional e internacional. Isto significa que se trata de um documento que, sem duplicar a acção da UNESCO (designadamente quanto ao conceito de património imaterial), define objectivos gerais e identifica domínios de acção, bem como direcções e

pistas em cujo sentido as partes contratantes aceitam progredir, deixando a cada Estado a capacidade de escolha e a autonomia para optar pelos meios de realização melhor adaptados à sua organização constitucional, e à sua tradição política e jurídica. Trata-se de uma Convenção-Quadro, que não cria “direitos executórios” directamente aplicáveis nos países, mas lança um processo de cooperação entre os Estados, convidando-os à actualização e ao progresso das suas políticas do património em benefício de toda a sociedade.

A originalidade do conceito de “património comum da Europa” é um elemento dinamizador de uma cidadania aberta. O “valor” surge, assim, no “horizonte da experiência histórica”, fora de uma qualquer concepção abstracta. Património comum está, deste modo, na encruzilhada das várias pertenças e no ponto de encontro entre memória, herança e criação. Assim se entende a adopção de um mecanismo de acompanhamento e de balanço da cooperação entre os Estados signatários. Uma base de dados comum e um centro de recursos servirão as administrações num sentido de eficiência e de apoio às boas práticas. Indo mais longe do que outros instrumentos jurídicos e políticos e do que outras convenções, o texto visa prevenir ainda os riscos do uso abusivo do património, desde a mera deterioração a uma má interpretação como “fonte de conflitos” (todos nos lembramos dos exemplos da Ponte de Mostar e de Dubrovnik). A cultura de paz e o respeito das diferenças obriga, no fundo, a compreender de maneira nova o património cultural como factor de aproximação, de compreensão e de diálogo.»²⁸

A este propósito, aquando da construção do Plano de Ação, convirá ler a publicação relativa à Convenção de Faro e sua Implementação, disponibilizada online no dia 24 de Novembro, já depois de termos concluído esta fase do PEMC-VR.

Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/news/Legislacao/patrimonio-cultural-um-caminho-para-o-futuro/>

3.2.2 A Carta de Porto Santo²⁹

A Cultura e a Promoção da Democracia: Para uma Cidadania Cultural Europeia

“A definição da palavra cultura, nesta Carta, não quer ser demasiado ampla (tudo é cultura), nem restrita em demasia (apenas a cultura erudita, das belas-artes e do grande património). Entendemos cultura no plural, como um conjunto de sistemas simbólicos nos quais estamos inseridos e que nos ajudam a dar um sentido à experiência (pessoal e coletiva) e uma forma humana ao mundo, determinando o horizonte de possibilidades em que nos movemos. As culturas materializam-se nas manifestações simbólicas, artísticas e patrimoniais das comunidades, envolvendo a tradição herdada e a criação contemporânea. As culturas são um processo criativo coletivo contínuo, em que estão envolvidos todos os grupos de uma determinada sociedade. As culturas são uma tarefa infinita: que recebemos em herança e que continuamos a trabalhar (conservando e inovando) para transmitirmos às gerações seguintes (que continuarão esse processo).

Ao pensar a cultura, as perguntas sobre quem a faz, como é feita e para quem, são essenciais para tomarmos consciência do que reconhecemos e valorizamos como cultural. O que é apoiado pelas políticas públicas, o que programamos e divulgamos, depende, em larga medida, desse entendimento.” Carta de Porto Santo (25 de Abril de 2021)

A Carta de Porto Santo assume-se como um mapa orientador dos princípios, das políticas, dos discursos e das práticas culturais educativas para aplicar e desenvolver um novo paradigma: Democracia Cultural na Europa.

Esta conceção de cidadania cultural assenta no pluralismo, no reconhecimento da multiplicidade de vozes e na valorização do indivíduo, da sua capacidade pessoal de intervenção e da sua liberdade de expressão.

É sobre este conceito de Cultura e de Cidadania Cultural que desenvolvemos o nosso Plano Estratégico Municipal de Cultura - Vila Real.

²⁷ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaoFaro.pdf>

²⁸ <https://www.cnc.pt/convencao-de-faro/>

²⁹ <https://portosantocharter.eu>

04

**Documentos
Estratégicos
Orientadores**

4. Documentos Estratégicos Orientadores

Para fundamentar e construir este Plano Estratégico Municipal de Cultura, a par da compreensão das macro-tendências do sector cultural e criativo, analisaram-se documentos globais e nacionais que se revelaram contributos muito importantes, nomeadamente:

- Constituição da República Portuguesa
Capítulo III - Direitos e deveres culturais³⁰
- Convenção de Faro do Conselho da Europa
- Carta de Porto Santo
- Carta das Cidades Educadoras 2020
- Agenda 21³¹
- Agenda 2030³²
- Nova Agenda Europeia para a Cultura, 2018³³
- Agenda Urbana para a EU³⁴
- Reforçar a Identidade Europeia através da Educação e da Cultura, 2017³⁵
- Plano de Recuperação e Resiliência³⁶

Mas Vila Real insere-se no Douro e faz parte da CIM Douro. Por esta razão, o Plano Estratégico Douro 2030 – Uma Estratégia para uma Década é também um documento basilar na construção deste documento, assim como o Plano Estratégico Norte 2030 – CCDR-N (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional – Norte) e a Agenda Regional do Turismo 2030 – Reerguer o Turismo da Região, da Associação de Turismo do Porto e Norte. Estes documentos foram discutidos com os seus responsáveis e decisores políticos. Foram ainda trabalhados outros documentos estruturantes, de nível regional e municipal, como:

- Cultura no Pós-Norte 2020, Direcção Regional de Cultura do Norte
- Louça Preta de Bisalhães – Valorização e Inovação Turística (Memória Descritiva, Linha de Apoio à Sustentabilidade – Programa Valorizar, 2018)
- Vila Real 2030 – Estratégia Para a Dinamização Económica
- Estratégia Local de Habitação de Vila Real
- Diagnóstico Social de Vila Real 2020
- Plano de Desenvolvimento Social de Vila Real
- Carta Educativa de 2ª Geração³⁷
- Carta Desportiva do Concelho de Vila Real³⁸
- Plano de Urbanização da Cidade de Vila Real³⁹
- PEDU – Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano⁴⁰
- Plano Diretor Municipal⁴¹
- Plano Intermunicipal de Ordenamento do Território⁴²

Analisados os documentos estruturantes, concluímos que a dimensão cultural só será efetiva se for assumida pelo poder local. A cultura só é transformadora se, numa dinâmica *bottom-up*, começar por ser entendida como uma necessidade individual e for plasmada nas políticas locais.

- 30 <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- 31 <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>
- 32 <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>
- 33 [https://ec.europa.eu/transparency/documents-register/detail?ref=COM\(2018\)267&lang=pt](https://ec.europa.eu/transparency/documents-register/detail?ref=COM(2018)267&lang=pt)
- 34 https://ec.europa.eu/info/eu-regional-and-urban-development/topics/cities-and-urban-development/urban-agenda-eu_pt
- 35 <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52017DC0673&from=PT>
- 36 <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3D%3DBQAAAB%2BLCAAAAAAAAAABAAzNDazNgMAAfd%2FsQUAAAA%3D>
- 37 <http://www.cm-vilareal.pt/images/cidadao/educacao/Proposta-CE-VilaReal-deliberacaoCMVR.pdf>
- 38 <http://www.cm-vilareal.pt/index.php/cidadao/desporto/item/925-carta-desportiva>
- 39 <http://www.cm-vilareal.pt/index.php/cidadao/planos-de-ordenamento-do-territorio/item/1243-normas-provisorias-do-plano-de-urbanizacao>
- 40 <http://www.cm-vilareal.pt/ru/images/PEDU.pdf>
- 41 <http://www.cm-vilareal.pt/index.php/cidadao/planos-de-ordenamento-do-territorio/itemlist/category/65-plano-diretor-municipal>
- 42 <http://www.cm-vilareal.pt/index.php/cidadao/planos-de-ordenamento-do-territorio/itemlist/category/66-plano-intermunicipal-de-ordenamento-do-territorio>

05

**Ecosistema
Cultural de
Vila Real:
Análise SWOT**

5. Ecossistema Cultural de Vila Real: Análise SWOT

Variáveis Internas:

Forças

- Ser capital do distrito e reunir os principais centros de decisão, infra estruturas, equipamentos e serviços regionais.
- Tendência de crescimento dos públicos, nos equipamentos culturais.
- Equipamentos culturais novos, modernos e bem equipados.
- Ambicioso programa de requalificação urbana que devolve o espaço público aos cidadãos.
- Ambicioso projecto de mobilidade e acessibilidade urbanas, assente na sustentabilidade ambiental
- Hospitalidade e acolhimento associados a uma tradição transmontana.
- Presença de um valorosos ativos patrimoniais, de cariz tangível e intangível.
- Carácter multicultural, ancestral e contemporâneo manifesto na riqueza patrimonial.
- Paisagem excepcional.
- Cerca de 40% do território está inserido na Rede Natura.
- Tecido associativo local denso e relativamente dinâmico, especialmente nas áreas da música e da cultura popular.
- Sector cultural e criativo em expansão, assente num planeamento e atuação estratégicos.
- Estímulo ao desenvolvimento sustentável e inclusivo.
- Proximidade geográfica, histórica e cultural com Espanha.
- UTAD reconhecida pelas suas dinâmicas inovadoras e pela excelência.
- Território de acolhimento de migrantes com diversos perfis socio-económicos e de estudantes de todos os continentes.
- Reconhecimento da UTAD pela produção de conhecimento e pela atracção e retenção de massa crítica.
- Reconhecida qualidade de vida.
- População jovem e qualificada.
- Território com dois bens classificados pela UNESCO: Processo de confeção da louça preta de Bisalhães, na Lista do Património Cultural Imaterial da Humanidade que necessita de Salvaguarda Urgente, e Alto Douro Vinhateiro, na Lista do Património da Humanidade.
- Cultura do vinho enquanto elemento aglutinador dos patrimónios cultural, natural e paisagístico e de grande força simbólica e identitária;
- Inexistência de um Projecto Educativo Municipal.
- Aposta na cultura como um dos eixos centrais das políticas municipais.

Fraquezas

- Concentração da oferta cultural, infra-estruturas e programação na zona urbana.
- Forte dispersão populacional, nas zonas rurais.
- Diminuição continuada da população.
- Acentuadas diferenças entre a rede educativa rural e a rede educativa urbana.
- Quase inexistente circulação da produção cultural local nos circuitos nacionais e internacionais.
- Reduzida escala e diversidade da criação artística profissional.
- Fraco reconhecimento do património imaterial.
- Equipamentos culturais com défice de recursos humanos especializados.
- Comunicação cultural com reduzida eficácia.
- Instrumentos de comunicação de narrativas identitárias deficitários.
- Plataformas de comunicação para públicos diferenciados deficitárias.
- Ausência de tradução para braile e língua gestual.
- Ausência de um programa transversal estruturado de participação e de mediação cultural e educativo.
- Percepção negativa dos agentes culturais locais na eficácia da comunicação e promoção cultural do município.
- Fraca representatividade do sector cultural e criativo na economia do Concelho.
- Insustentabilidade económica de muitas actividades culturais.
- Reduzida oferta de espaços especializados e de apoio à criação profissional.
- Dificuldade em reter talentos e alunos da UTAD.
- Fraco envolvimento da comunidade académica na dinâmica cultural da cidade.
- Ténue trabalho em rede, a nível local e regional.
- Deficitária participação em redes e projectos europeus e/ou internacionais relevantes.

Variáveis externas

Oportunidades

- Valorização da cultura e do património nas agendas e documentos estratégicos europeus, nacionais e regionais.
- Forte predisposição para a concertação entre diferentes organismos e territórios para projectos agregadores, ao nível da região.
- Potencial de colaboração entre os agentes criativos e os sistemas empresarial, social e ambiental.
- Valorização das diversas manifestações patrimoniais da região, na construção de narrativas identitárias e de símbolos partilhados.
- Tendência global para o slow living e mobilidade suave.
- Novos perfis de turistas que viagem em busca de experiências autênticas.
- Preferência por lugares de natureza no trabalho à distância (teletrabalho).
- Roteiros de itinerários nacionais e internacionais passam por Vila Real (A2; Caminhos de Santiago; rota dos jardins históricos ...)
- Um país inteiro a pensar-se pela e através da cultura, de norte a sul e ilhas, a pretexto da candidatura a CEC.

Ameaças

- Envelhecimento da população.
- Despovoamento do território.
- A identidade duriense e/ou transmontano
- Redes de cooperação locais, intermunicipais e regionais incipientes.
- Índices reduzidos de internacionalização do sistema cultural e criativo .
- Sector cultural e criativo muito afectado pela pandemia.
- Estrutura do território muito dispersa e forte centralização da população na zona urbana (53%)
- Ausência de práticas de mecenato.
- Monopolização da autarquia na programação da agenda cultural

Vila Real é uma cidade em processo onde o Tempo, a História e a Sociedade estão em diálogo permanente.

Percorrer a Cidade é confrontarmo-nos com um espaço público intervencionado para ser devolvido às pessoas, com jardins e espaços verdes cuidados, com um plano de mobilidade suave, património reabilitado e com pessoas bonitas, com qualidade de vida, vivendo um ritmo lento. O património cultural, que congrega herança e memória, actualiza o conceito de responsabilidade partilhada.

Os equipamentos culturais, modernos e funcionais, são lugares de encontro, de fruição e de pensamento.

É uma cidade onde apetece viver!

Esta é a conclusão de quem se confronta com esta cidade, vindo de fora, percorrendo-a, vivendo encontros, procurando compreendê-la.

Este encontro com Vila Real não pode ser dissociado do momento histórico que vivemos - e ainda estamos a viver - e que abalou a ordem estabelecida, a zona de conforto onde nos tínhamos refugiado.

Os maiores avanços da humanidade aconteceram após grandes crises - cataclismos climáticos, guerras ou pandemias. Os estádios enraizados são quebrados por impossibilidade de lhes dar continuidade. Esta disrupção obriga-nos a explorar novas tendências, a procurar soluções que, verdadeiramente, nos devolvam harmonia e equilíbrio para um novo tempo - o da Pedra Filosofal - onde tudo é possível se ousarmos sonhar, se assumirmos que a sustentabilidade da vida humana está nas mãos de cada um, qual “bola colorida / entre as mãos de uma criança” num movimento coletivo que transforma o local, que “pula e avança” num movimento global.

Mas Vila Real não é apenas a cidade. É um vasto concelho com zonas rurais muito díspares.

Atentemos às variáveis internas (Forças e Fraquezas) e à variáveis externas (Ameaças e Oportunidades). A ousadia e coragem que imprimirmos ao Plano de Ação deste Plano Estratégico de Cultura do Município de Vila Real é a verdadeira oportunidade da glocalização.⁴³

43 ROBERTSON, R. et al.
Glocalization: Time-space and homogeneity-heterogeneity. Global modernities, 1995

06

**Estratégia
Cultural 2030**

6. Estratégia Cultural 2030

Pensar a cultura, em Vila Real, é afirmar a necessidade de mudanças paradigmáticas na formatação das políticas culturais e no exercício da cidadania cultural.

As políticas públicas traduzidas em documentos orientadores de nível local ou em regulamentos de funcionamento de espaços culturais ainda traduzem uma tendência de legitimação da cultura consagrada pelo campo artístico-cultural. A mudança de paradigma e de atitude radica na assunção que um órgão público de cultura cria as condições para que projetos culturais sejam realizados. Assim, o espaço público de cultura (seja formal ou não formal) deve ser caracterizado pela pluralidade e interação cultural, desconstruindo processos de marginalização cultural.

6.1. Visão 2030

Em 2030, Vila Real é um território conectado com a Região e com o Mundo, que declarou a Cultura como um bem essencial e capacitou a sua população para o exercício da cidadania cultural.

O desenvolvimento de Vila Real é sustentável e conjuga os valores ambientais, sociais, educativos, culturais e económicos e mede-se através do FIB⁴⁴ e do PIB.

6.2 Eixos Estratégicos

Política Cultural

Os últimos 2 anos tornaram evidente a importância da cultura para a sobrevivência humana. A cultura tornou-se tão essencial como a saúde ou a educação. A cultura é um dos pilares de uma sociedade moderna e coesa e a ação cultural é reconhecida como uma força para a transformação da sociedade. Os foros internacionais têm assumido que a cultura, nos seus diferentes aspetos, é agora, juntamente com os pilares social, económico e ambiental, um dos quatro pilares do desenvolvimento. Se, apesar de tudo, o Governo de Portugal não declarou a Cultura como um bem essencial, o poder local tem competências e ferramentas que lhe permitem aprovar a declaração da Cultura como um bem essencial e definir programas políticos que protejam e reforcem a atividade cultural. Vila Real pode ser pioneira no país e influenciar outros municípios.

Para o desenvolvimento deste EIXO, sugere-se que sejam seguidas, também, as recomendações da Carta de Porto Santo, de Abril de 2021

Educação

A cultura, entendida de modo plural e participado, deve estar no centro das políticas educativas, tal como a educação deve estar no centro das políticas culturais. Todo o espaço de formação é espaço de cultura e todo o espaço de cultura é espaço de formação. Este EIXO destaca a democratização e democracia cultural e aproxima a cultura, as artes e o património dos cidadãos, especialmente das crianças e jovens. A Educação, seja formal, informal ou não-formal, deve procurar valorizar as especificidades individuais, culturais, territoriais, e possibilitar que todos tenham acesso a variadas experiências artísticas e manifestações culturais ao longo do seu percurso. A identidade cultural de cada um deve ser reconhecida e as expressões culturais da sua comunidade valorizadas. Se os seus direitos e deveres culturais forem trabalhados na Escola, as crianças e jovens crescerão a exercerem a cidadania cultural.

⁴⁴ <https://worldhappiness.report/ed/2021/>

O FIB (Felicidade Interna Bruta) é um indicador da ONU (Organização das Nações Unidas) criado como uma forma de complementar as medidas já tradicionais, como o PIB (Produto Interno Bruto), para medir o desenvolvimento de uma nação. A ONU, com o apoio de diversos intelectuais reconhecidos mundialmente, criou o conceito de FIB para ser aplicado como forma de medir o desenvolvimento de comunidades. Para determinar o FIB são considerados vários pilares que colocam o bem-estar acima dos interesses económicos e financeiros e que influenciam a qualidade de vida e felicidade das pessoas, como por exemplo:

Bem-estar psicológico: Mede o otimismo que cada cidadão tem em relação à sua vida. É feita uma análise da autoestima, nível de stress e espiritualidade.

Saúde: Analisa o acesso aos cuidados de saúde, exercícios físicos, nutrição e autoavaliação da saúde.

Uso do tempo: Inclui questões como o tempo que o cidadão perde no trânsito, divisão das horas entre o trabalho, atividades de lazer e educacionais.

Vitalidade comunitária: Entra na questão do relacionamento e das interações entre as comunidades. Analisa a segurança dentro da comunidade, assim como sensação de pertença e ações de voluntariado.

Na sequência da elaboração da Carta Educativa de 2ª Geração de Vila Real, os agentes educativos prepararam-se para elaborar o Plano Educativo Municipal.

É oportuno articular o Plano Estratégico Municipal de Cultura com o Plano Educativo Municipal e dar início a um projeto piloto que se concretize num Plano Estratégico Municipal de Cultura-Educação.

O Plano Nacional das Artes deve ser acionado e ser constituído como parceiro preferencial deste projeto, pois congrega o Plano Nacional de Leitura, a Rede de Bibliotecas Escolares, o Plano Nacional de Cinema, o Programa de Educação Estética e Artística, a Rede Portuguesa de Museus e o recém-criado Arquivo Nacional do Som. Deste modo, será possível articular e potenciar a ação de todos, construindo pontes entre as iniciativas e os organismos envolvidos para consolidar a coerência entre todos ao nível dos objetivos, valores e estratégias de intervenção. Sugere-se que este Plano Estratégico Municipal de Cultura-Educação assente, também, nos princípios e recomendações da Carta de Porto Santo, de Abril 2021

Património

Este EIXO aponta para a valorização do Património cultural, material e imaterial, e do Património natural.

Herança e memória necessitam de ser consideradas pelo valor que têm e devem ser defendidas e preservadas em ligação direta com a vida. Vila Real tem uma herança e memória material e imaterial riquíssimas e que urge inventariar e caracterizar para posterior classificação no Inventário Nacional do PCI. Alguns bens herdados e continuados neste território, como a Procissão da Senhora da Pena, merecem fazer parte da Lista do PCI da Humanidade UNESCO. Outros, como o Sítio de Panóias, o Cemitério da Vila Velha ou os itinerários das janelas viárias, merecem ser estudados, potenciados e integrarem redes nacionais e/ou Itinerários Culturais do Conselho da Europa.

A paisagem cultural de Vila Real é constituída, em grande parte, por um vasto conjunto de recursos tangíveis e intangíveis nas mais variadas tipologias e temáticas - património arqueológico, património industrial, arte rupestre, jardins históricos, ocupação romana, arquitetura vernacular, arquitetura contemporânea, saber-fazer, natureza, gastronomia, língua e literatura, música, saber tradicional e ancestral - e que devem ser potenciados. As rotas nacionais que este território pode integrar, como a Rota das Catedrais, a Rota do Românico, a Rota do Património Religioso, a Rota do Barroco, a rota dos Jardins Históricos, os Itinerários Cemiteriais, os Itinerários Viários, entre outros, podem ganhar a ambição de integrarem os Itinerários Culturais do Conselho da Europa, já constituídos ou a constituir, por corporizarem os valores fundamentais do Conselho da Europa - os direitos humanos, a diversidade cultural, o diálogo intercultural e os intercâmbios transfronteiriços.

Por outro lado, é necessário valorizar o saber-fazer (seja o linho, desde a sementeira ao fiar e tecer; o moldar e cozer o barro; a cantaria; a latoaria; a cestaria; a gastronomia) e o saber tradicional (ligado à terra, às ervas medicinais, ao clima), seja na sua forma essencial, crua, seja traduzidos artisticamente.

São estas dinâmicas que podem alterar a percepção deste Território de Baixa Densidade para ser assumido como um Território de Alta Intensidade. A intensidade que esta região permite: as redes formais até agora constituídas poderão ser rizomáticas e ativas, colocando em movimento soluções encontradas a esta escala regional e nacional, mas também internacional.

Cidadania

O desenvolvimento sustentável atinge-se através da Cidadania Cultural, numa perspetiva glocal.

O exercício da cidadania cultural implica que os documentos orientadores e os regulamentos locais assumam a cultura plural presente em todas as áreas. Capacitar para a cidadania cultural implica também desenvolver, a montante, políticas de acesso, inclusão e literacia digital. Como município pioneiro na capacitação da cidadania cultural, Vila Real deverá apostar em equipas multidisciplinares na elaboração de documentos estratégicos, pois as culturas são um processo criativo coletivo contínuo, em que estão envolvidos todos os grupos de uma determinada sociedade. O desenvolvimento económico do município e da região será tão mais sustentável quanto apostar nos aspetos endógenos e que marcam a

diferença, sejam humanos, patrimoniais ou naturais.

Por outro lado, neste mundo global que queremos cada vez mais humanista, o setor económico tem forçosamente que se desenvolver a par das áreas social, educativa, ambiental, patrimonial, cultural. Por outras palavras, tem de assentar na cidadania cultural.

No Concelho, a acessibilidade ainda não é real. Pessoas com necessidades específicas, pessoas com deficiência física, pessoas com mobilidade condicionada ou reduzida, pessoas com deficiência visual, pessoas com deficiência auditiva, pessoas com deficiência intelectual ou cognitiva dependem de alguém que tenha a gentileza de lhes traduzir o mundo. A mudança de atitude é olhá-las como elas são: pessoas, cidadãos, e não “minorias”. Urge contemplar a tradução, lato sensu, na comunicação e articular com as associações regionais ou nacionais e com os centros de investigação para capacitar as equipas de mediação e os serviços educativos.

6.3 Objetivos Estratégicos

Política Cultural

- Valorizar o capital humano;
- Declarar a Cultura um bem essencial.
- Fomentar a responsabilização de todos os setores (sociais, económicos, educativos, criativos, ...) atuantes neste território sistémico, num compromisso cultural;
- Transformar a zona rural num laboratório vivo e inteligente;
- Promover a Investigação e a Inovação;
- Promover a saúde e o bem estar pela criação e a fruição cultural;
- Criar políticas de verdadeira inclusão, comunicando com todos e para todos;
- Alavancar o território e as suas gentes a partir da preparação da candidatura de Vila Real a Capital Europeia da Cultura 2027.

Educação

- Criar, implementar e consolidar um novo modelo de educação e Cultura PEM CE;
- Reforçar, junto dos artistas e das instituições culturais, a consciência da sua dimensão educativa e do seu impacto social;
- Fomentar a introdução nos currícula do ensino obrigatório e nas instituições de ensino superior, de forma transdisciplinar e integrada, as culturas, as artes e os patrimónios enquanto áreas fundamentais para o exercício de uma cidadania cultural, esclarecida e participada;
- Estimular a transferência de conhecimento através da criação de fundos de apoio para a disseminação e transferência do conhecimento tecnológico e artístico para as dinâmicas culturais.
- Enfrentar os desafios decorrentes do desenvolvimento tecnológico cada vez mais sinónimos de inteligência artificial com as competências humanistas (emocionais, sociais, criativas, críticas) proporcionadas pela cultura;
- Capacitar os agentes educativos e os agentes culturais para o desenvolvimento de conceitos, de práticas e processos artísticos e pedagógicos que promovam a criatividade e o pensamento crítico.

Património

- Mapear o património cultural do concelho e desenvolver os procedimentos para a sua classificação no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial ;
- Fomentar, junto dos cidadãos, o reconhecimento do património cultural de proximidade como património próprio e o comprometimento em ser um agente cultural que participa no processo de identificação, de salvaguarda, proteção, comunicação, reinterpretação desse património;
- Promover um eixo de investigação/ação entre a UTAD e os agentes culturais em torno do setor do património cultural;
- Desencadear processos de articulação entre os vários organismos e instituições (locais, regionais, nacionais e internacionais) que permitam efetivar programas locais.
- Gerar oportunidades e estímulos para a participação em consórcios Horizon Europe, Creative Europe, EUNIC Cluster ou UCCN, ou outros, aumentando e aprofundando relações com organismos internacionais.

Cidadania

- Reforçar as condições necessárias e criar planos de ação de longo prazo para que os cidadãos possam exercer os seus direitos e deveres culturais ;
- Assumir que as manifestações culturais são a mediação necessária para o reconhecimento individual e da comunidade que somos e projetamos;
- Afirmar a cultura no plural, considerando a multiplicidade das suas manifestações e ultrapassando as separações entre o popular e o erudito, o tradicional e o contemporâneo;
- Estimular as empresas a criarem fundos de apoio à integração cultural e à inovação criativa, nos ambientes empresarial e comercial;
- Articular com as associações regionais ou nacionais, com os centros de investigação para capacitar as equipas de mediação e os serviços educativos;
- Favorecer a emergência de projetos emancipatórios a partir da realidade dos contextos, capacitando os seus agentes;
- Promover competências digitais para ultrapassar a exclusão digital e assegurar neste meio o acesso a conteúdos de cultura, património e artes, oferecendo às pessoas a oportunidade de participar, criar e fruir experiências culturais online, em especial as que habitam em áreas remotas.
- Criar conselhos consultivos nas instituições culturais, convidando os membros das comunidades, em particular os mais jovens, para deles fazerem parte.
- Promover o respeito pela diversidade multicultural e os seus agentes e apostar nas práticas interculturais mais do que nas multiculturais.

07

**Monotorização
e Avaliação**

7. Monitorização e Avaliação

A análise de dados relativos a uma iniciativa tão complexa e ambiciosa como este PEMC-VR 2030 levanta enormes desafios. Propõe-se, por isso, uma abordagem que permita avaliar, de forma sistemática e coerente, um conjunto de dados, como o cumprimento de objetivos por área, impacto, estratégias e determinar quais os instrumentos a utilizar, bem como outros dados mais específicos. Desta forma, conseguir-se-á não só avaliar o impacto das ações como medir a sua eficácia. A monitorização será absolutamente crucial, pois permitirá rápidas e ponderadas adaptações a qualquer potencial desvio dos objetivos. Esta monitorização deve ser feita em todas as áreas da Estratégia e do Plano de Ação. Na metodologia a adotar, destacamos instrumentos específicos de avaliação e monitorização, a ser implementados pelos diferentes agentes, promovendo não só a análise mas também a reflexão e diálogo entre as partes. De salientar ainda a criação de um Dashboard Cultural.

A cidadania cultural ativa, que está na base deste Plano Estratégico e do seu Plano de Ação deverá ser um dos pilares na monitorização e avaliação dos trabalhos.

A monitorização atenderá a dois públicos-alvo determinantes da cidade: a população em geral e os agentes culturais e criativos.

Tendo em conta a população geral, propõe-se a realização anual de um estudo quantitativo, sempre no mesmo período do ano, que tenha por base a realização de 600 entrevistas a cidadãos de Vila Real. Este estudo permitirá compreender melhor o envolvimento dos municípios no Programa e adequar estratégias de participação.

Pensando também nos agentes culturais e criativos de Vila Real, propõe-se a criação de focus group que junte a estes entidades de várias sensibilidades artísticas do Concelho e da região.

Em articulação com a informação recolhida através da metodologia e instrumentos propostos, dever-se-á ter em conta o conjunto de informação disponível através de outras fontes, nomeadamente relacionadas com a imprensa regional e nacional, a dinâmica nas redes sociais, estatísticas públicas, por exemplo.

Uma das ferramentas que se aconselha a desenvolver, para prestar um apoio célere às decisões, é a criação de um Dashboard Cultural com a síntese das principais variáveis, capaz de uma utilização prática e eficaz - documento a ser produzido com regularidade bimestral para permitir o acesso à informação crítica recolhida de forma estruturada e concisa.

Por último, recomenda-se que a Avaliação e Monitorização seja feita por uma agência externa.

Bibliografia

- Abreu, Mila Simões, “O Património Arqueológico no Concelho de Vila Real - breves notas - da Pré-história à Época romana”, in Boletim Cultural da Escola Camilo Castelo Branco nº19, 2013
- Assunção, Ana Carolina, “Arquitectos Pioledo: Descentralização e ruptura”, in dissertação de Mestrado em Arquitectura na FAUP, 2014
- Campos, Maria Emilia, Bisalhães, Anatomia de um Povo, 1999
- Cardona, Manuel, Prefácio 1ª Edição “A Cidade Imaginária” de Francisco Seixas da Costa, 2021
- Cardoso, Altino, Grande Cancioneiro do Alto Douro, Mem Martins, Ed. Autor, 2006
- Carvalho, Ana, Os Museus e o Património Cultural Imaterial – estratégias de desenvolvimento de boas práticas, Lisboa, Ed. Colibri, 2011
- Comunidades dos Países de Língua Portuguesa, Declaração sobre Cultura e Indústrias Criativas como sector estratégico na CPLP, 2018
- Comissão Europeia, Nova Agenda Europeia para a Cultura, 2018
- Costa e Silva, A. Visão Estratégica para o Plano de Recuperação económica de Portugal 2020- 2030, 2020
- Davallon J., Le don du patrimoine. Une approche communicationnelle de la patrimonialisation, Paris, Lavoisier, 2006
- Feld, S., “A Rainforest Acoustemology”, in Michael Bull e Les Back, The Auditory Culture Reader, Oxford / New York, Berg, 2003
- Martins, Gaspar Pereira, As Águas do Douro, Porto, Afrontamento, 2008
- Neves, José, O Ensino Artístico e a sua Didática como fatores determinantes da Educação - O Conservatório Regional de Música de Vila Real, 2012
- NOGUEIRA, Vitor, A central do Biel : um enquadramento para a musealização da primeira central hidroeléctrica portuguesa, Peso da Régua : Fundação Museu do Douro, 2008
- Nogueira, Vitor, Modo Fácil de copiar uma cidade, & etc, 2011
- Oliveira Martins, Guilherme d’, Património, Herança e Memória. A Cultura como criação. Gradiva, 2009
- Parafita, Alexandre, A comunicação e a literatura popular, Lisboa, Plátano, 1999
- Parafita, Alexandre, Património Imaterial do Douro, Lisboa, Âncora Editora, 2010
- Robertson, R. et al. Glocalization: Time-space and homogeneity heterogeneity. Global modernities, 1995
- Silva, João Ribeiro da, “Vila Real - O processo de confecção da louça preta de Bisalhães”, Revista Pedra & Cal nº16, 2016
- Organização das Nações Unidas, Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, 2015
- Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, Carta Cultural Ibero-americana, 2006
- Sardinha, José Alberto, Tunas do Marão, Tradisom
- Santos, B. S., Pela mão de Alice, Porto, Ed. Afrontamento, 2013
- Yourcenar, Marguerite, O tempo esse grande escultor, Lisboa, Difel.

Webografia

- Agenda Urbana da UE (https://ec.europa.eu/info/eu-regional-and-urban-development/topics/cities-and-urban-development/urban-agenda-eu_pt)
- Arquivo Distrital de Vila Real (<https://www.advrl.org.pt/>)
- Arquivo de Memórias de Vila Real (<https://arquivodememoriasvr.wordpress.com>)
- Arquivo Municipal de Vila Real (<http://arquivo.cm-vilareal.pt/>)
- Biblioteca Municipal Dr. Júlio Teixeira (<https://biblioteca.cm-vilareal.pt/>)
- Biblioteca da UTAD (<https://www.sdb.utad.pt>)
- Carta das Cidades Educadoras (https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT_Carta.pdf)

- Carta Desportiva (<http://www.cm-vilareal.pt/index.php/cidadao/desporto/item/925-carta-desportiva>)
- Carta Educativa 2ª geração Vila Real (<http://www.cm-vilareal.pt/images/cidadao/educacao/Proposta-CE-VilaReal-deliberacaoCMVR.pdf>)
- Carta de Porto Santo (<https://portosantocharter.eu>)
- Centro de Ciência de Vila Real (<http://www.centrocienciavilareal.pt/>)
- Cinema NOS (<https://nossoshopping.pt/cinema/>)
- Comissão Europeia, Uma nova agenda para a cultura ([https://ec.europa.eu/transparency/documents-register/detail?ref=COM\(2018\)267&lang=pt](https://ec.europa.eu/transparency/documents-register/detail?ref=COM(2018)267&lang=pt))
- Comissão Europeia, Reforçar a Identidade Europeia através da Educação e da Cultura (<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52017DC0673&from=PT>)
- Comissão Europeia, Nova Agenda Europeia para a Cultura (http://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-8-2018-0499_PT.html)
- Conservatório Regional de Música de Vila Real (<https://www.crmvr.pt>)
- Constituição da República Portuguesa (<https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>)
- Convenção de Faro (<https://www.cnc.pt/convencao-de-faro/>) (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaoDeFaro.pdf>)
- CPLP (<https://www.cplp.org/id-4211.aspx?PID=10035&M=NewsV2&Action=1&NewsId=5932¤tPage=2>)
- DGES Vagas 1ª Fase, Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (https://www.wcdn.dges.gov.pt/sites/default/files/vagas_2021_fase1_final.pdf)
- EUNIC Cluster Guidelines (<https://eunicglobal.eu/news/updated-eunic-cluster-guidelines>)
- Filandorra <https://www.dgartes.gov.pt/pt/entidade/2822>
- Fundação Casa de Mateus (<http://casademateus.com/>)
- Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais em África (https://ocpa.irmo.hr/about/Accra_Declaration-en.pdf)
- Itinerários Culturais do Conselho da Europa (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/participacao-da-dgpc-em-organizacoes-internacionais/os-itinerarios-culturais-do-conselho-da-europa/>)
- Ministério Público, Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (<https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-diversidade-cultural.pdf>)
- Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real (<https://museu.cm-vilareal.pt/>)
- Museu Etnográfico de Vila Real (<http://www.ccr-vilareal.pt/index.php/museu-etnografico>)
- Museu de Geologia Fernando Real (<https://www.utad.pt/museu-de-geologia>)
- Museu do Som e da Imagem (<http://museu-msi.blogspot.com/>)
- Museu da Vila Velha (<http://mvv.cm-vilareal.pt/>)
- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/15771Portugal2017_PT_REV_FINAL_28_06_2017.pdf)
- Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, Carta Cultural Ibero-americana (http://culturasiberoamericanas.org/carta_cultural.php)
- Peripecia Teatro <https://peripeciateatro.com>
- Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano de Vila Real (<http://www.cm-vilareal.pt/ru/images/PEDU.pdf>)
- Plano Diretor Municipal (<http://www.cm-vilareal.pt/index.php/cidadao/planos-de-ordenamento-do-territorio/itemlist/category/65-plano-diretor-municipal>)
- Plano Intermunicipal de Ordenamento do Território (<http://www.cm-vilareal.pt/index.php/cidadao/planos-de-ordenamento-do-territorio/itemlist/category/66-plano-intermunicipal-de-ordenamento-do-territorio>)

- Plano de Urbanização da Cidade de Vila Real (<http://www.cm-vila-real.pt/index.php/cidadao/planos-de-ordenamento-do-territorio/item/1243-normas-provisorias-do-plano-de-urbanizacao>)
- Plano Recuperar Portugal 2021-2016 (<https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3D%3DBQAAAB%2BL-CAAAAAAABAAzNDAzNgMAAfd%2FsQUAAAA%3D>)
- Teatro Municipal de Vila Real (<http://www.teatrodevila-real.com>) e (<https://www.teatrodevilareal.com/index.php/noticias/138-arquivo-de-programacao>)
- UNESCO, Cidades Criativas (<https://en.unesco.org/creative-cities/home>)
- UNESCO, Diversidade (<http://www.unesco.org/library/PDF/Diversidad.pdf>)
- UNESCO, Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural (<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755S.pdf>)
- UNRIC Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (<https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>)
- Urze Teatro (<http://www.urzeteatro.com>)
- Visão Estratégica para o Plano de Recuperação económica de Portugal 2020- 2030 (<https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=2aed9c12-0854-4e93-a607-93080f914f5f>)
- World Happiness Report 2021 (<https://worldhappiness.report/ed/2021/>)

PLANO ESTRATÉGICO MUNICIPAL DA CULTURA PARA O
CONCELHO DE VILA REAL 2021-2030

Promotor

Câmara Municipal de Vila Real

Coordenação Executiva

Celeste Afonso / Julita Santos

Coordenação Geral e Redação de Conteúdos

Celeste Afonso

Assessoria

Mariana Falcato Simões

Assessoria de Diagnóstico

Mariana Falcato Simões

Francisco Lusquiños

Sofia Rocha e Silva

Raquel Mestre

Design

Atelier d'Alves

